



Academia Amazonense Maçônica de Letras
Fundada em 01/02/1980



MEMORIAL

Editora: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas

Coordenação e Produção Gráfica: Mário Jorge Corrêa

Revisão dos Textos: Wilson Bernardo

Capa: Léo Lima

Diagramação e Editoração Eletrônica: Raimunda Freitas

FICHA CATALOGRÁFICA

Academia Amazonense Maçônica de Letras.
Memorial: Imprensa Oficial do Estado do
Amazonas, 2008.

244p. 21x14cm

Memorial. História. Maçonária.

ÍNDICE

Quadro dos Acadêmicos	5
Palavras do Presidente	7
Finalidade - Síntese	9
Administração Atual 2006/2008	11
Administração Maçônica no Amazonas	11
Galeria - Síntese dos dados Biográficos dos Patronos e Ocupantes	13
Academia Francesa	15
Academia Brasileira de Letras	21
Cadeira nº. 1 - Aristóteles Comte de Alencar Filho ..	25
Cadeira nº 2 - Abrahim Sena Baze	29
Cadeira nº 3 - Vaga	41
Cadeira nº 4 - Edson Gomes da Silva	43
Cadeira nº 5 - Cláudio do Carmo Chaves	45
Cadeira nº 6 - Evandro das Neves Carreira	54
Cadeira nº 7 - Raimundo Colares Ribeiro	88
Cadeira nº 8 - Arlindo Augusto dos Santos Porto	92
Cadeira nº 9 - Francisco José de Vasconcellos	107
Cadeira nº 10 - Ananias da Silva Barbosa	112
Cadeira nº 11 - Urias Sérgio de Freitas	121
Cadeira nº 12 - Ivan de Azevedo Tribuzy	124
Cadeira nº 13 - Vaga	130
Cadeira nº 14 - Humberto Figliuolo	131
Cadeira nº 15 - José Francisco Antas Cesário	135
Cadeira nº 16 - Hailton Luiz Siqueira da Igreja	137
Cadeira nº 17 - Afrânio de Amorim Soares	139
Cadeira nº 18 - Fued Semem	141
Cadeira nº 19 - José Maria Nogueira	144
Cadeira nº 20 - Alberto Guido Valério	146
Cadeira nº 21 - Alberto dos Santos Puga Barbosa .	148
Cadeira nº 22 - Renan Correa Peixoto	149

Cadeira nº 23 - Osail Medeiros de Souza	150
Cadeira nº 24 - Waldemir Machado de Siqueira	152
Cadeira nº 25 - Ruy Alberto Costa Lins	154
Cadeira nº 26 - Manoel Gomes Nogueira	157
Cadeira nº 27 - Joaquim Moacir Sevalho Gama	160
Cadeira nº 28 - Osny Tavares Araújo	178
Cadeira nº 29 - Rosselberto Himenes	186
Cadeira nº 30 - José Barbosa de Souza Filho	188
Cadeira nº 31 - Fernando Cardoso Guimarães	208
Cadeira nº 32 - Jorge Humberto Barreto	211
Cadeira nº 33 - Paulo Dantas da Silva	214
Cadeira nº 34 - Arnaldo Felisberto Imbirida da Rocha	216
Cadeira nº 35 - Paulino Bitencourt Cardoso	224
Cadeira nº 36 - Manoel Wilson de Souza Farias	226
Cadeira nº 37 - Antônio José Souto Loureiro	229
Cadeira nº 38 - Falecido	234
Cadeira nº 39 - Robério dos Santos Pereira Braga	235
Cadeira nº 40 - Vaga	238

QUADRO DOS ACADÊMICOS

Cadeira	Patrono	Ocupante	Condição dos Membros
01	Adriano Augusto de Araújo Jorge	Aristóteles Comte de Alencar Filho	Soerguedor
02	Agnelo Bittencourt	Abraham Sena Baze	Soerguedor
03	Alfredo Augusto da Mata	Almir Farias Rivas	Fundador
04	André de Menezes Jobim	Edson Gomes da Silva	Soerguedor
05	Antonio Monteiro de Souza	Claudio do Carmo Chaves	Soerguedor
06	Heliodoro Nery de Lima Balbi	Evandro das Neves Carreira	Soerguedor
07	Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto	Raimundo Colares Ribeiro	Soerguedor
08	Plácido Serrano Pinto de Andrade	Arlindo Augusto dos Santos Porto	Fundador
09	Aristóphano Antony	Francisco José de Vasconcelos	Soerguedor
10	Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro	Ananias da Silva Barbosa †	Soerguedor
11	Benjamim Sanches de Oliveira	Urias Sérgio de Freitas	Soerguedor
12	Crisanto Maria de Souza Moreira Jobim	Ivan de Azevedo Tribuzy	Soerguedor
13	Caetano Félix do Nascimento	Antonio Osman de Andrade Neto	Fundador
14	Crisólogo Gastão de Oliveira	Humberto Figliuolo	Fundador
15	Eduardo Gonçalves Ribeiro	José Francisco Antas Cesário	Soerguedor
16	Eutiquio Pereira da Rocha	Hailton Luiz Siqueira da Igreja	Soerguedor
17	Felismino Francisco Soares	Afrânio de Amorim Soares	Soerguedor
18	Junot Carlos Frederico	Fued Cavalcante Sêmen	Soerguedor
19	Francisco Pereira da Silva	José Maria Nogueira	Soerguedor
20	Gaspar Antonio Vieira Guimarães	Alberto Guido Valério	Soerguedor
21	Guisepe Paganí Vulcani	Alberto dos Santos Puga Barbosa	Soerguedor
22	Hamilton Mourão	Renan Correa Peixoto	Soerguedor
23	João Rebelo Correa	Osail Medeiros de Souza	Soerguedor
24	Justino Marcos da Silva	Waldemir Machado de Siqueira	Soerguedor

25	Jorge de Moraes	Ruy Alberto Costa Lins	Fundador
26	José Coelho de Miranda Leão	Manoel Gomes Nogueira	Soerguedor
27	Leopoldo Amorim da Silva Neves	Joaquim Moacir Sevalho Gama	Soerguedor
28	Marcílio Dias de Vasconcelos	Osny Tavares de Araújo	Fundador
29	Mitridates Alvaro de Lima Correa	Rosselberto Himenes	Soerguedor
30	Moacyr de Souza Alves	José Barbosa de Souza Filho	Soerguedor
31	Octaviano Soriano de Mello	Fernando Cardoso Guimarães	Soerguedor
32	Mario Silvio Cordeiro de Verçosa	Jorge Humberto Barreto	Fundador
33	Vicente Telles de Souza	Paulo Dantas da Silva	Soerguedor
34	Rodolpho Guimarães Valle	Arnaldo Felisberto Imbiriba da Rocha	Soerguedor
35	Raul de Azevedo	Paulino Bitencourt Cardoso	Soerguedor
36	Antonio Mavignier de Castro	Manoel Wilson de Souza Farias	Soerguedor
37	Theodoreto Carlos de Faria Souto	Antonio José Souto Loureiro	Soerguedor
38	Venâncio Igrejas Lopes	Ilder Guimarães de Oliveira †	Fundador
39	Waldemar Pedrosa	Robério dos Santos Pereira Braga	Fundador
40	João Barbosa Rodrigues	Vaga	-

PALAVRAS DO PRESIDENTE

Como Presidente da **Academia Amazonense Maçônica de Letras**, tenho procurado desempenhar a missão que não esperei ter, mas aceitei o que me obriga a cumpri-la com determinação, fé, idealismo e amor. Nesta condição, apresento à comunidade cultural o **MEMORIAL** onde relata sua história e apresenta sua estrutura administrativa e seu quadro Acadêmico.

Sua história se faz necessária lembrar nos idos de 1980 a partir do idealismo de um punhado de Maçons Intelectuais, que se reuniram e fundaram a Academia Maçônica no dia 1º de fevereiro de 1980, tendo como local de reunião a sede da CODEAMA, localizada na Rua Emílio Moreira. Às 16h00 horas daquele dia memorável, de acordo com a Ata de Fundação, fizeram parte da Reunião os Irmãos: **Robério dos Santos Pereira Braga**, eleito Presidente, **Arlindo Augusto dos Santos Porto**, **Humberto Figliuolo**, **Jorge Humberto Barreto**, **Ruy Alberto Costa Lins**, **José Maria de Souza Martins**, **Antonio Osman de Andrade Neto**, **Almir Farias Rivas**, **Osny Tavares Araújo**, **Ilder Guimarães de Oliveira** e **César Roberti Azambuja**.

Por razão de temporalidade a Academia ficou adormecida, até que no ano de 2002, o Grão-Mestre da época **Ir. Antonio José Souto Loureiro**, resolveu reativá-la; para isso contou com a colaboração de membros fundadores remanescentes e com a entrada de novos membros concretizando o seu **SOERGUIMENTO**. O

período de 2002/2003 foi de organização, estruturação e legalização junto aos órgãos competentes.

Assim, com a reminiscência ativada e a Academia em plena atividade, entregamos aos membros Acadêmicos, aos Dirigentes Maçônicos, às Lojas Maçônicas, às Co-irmãs de outros Estados da Federação e demais instituições culturais, o primeiro volume do **MEMORIAL DA ACADEMIA AMAZONENSE MAÇÔNICA DE LETRAS.**

Manaus, setembro de 2007.

José Maria Nogueira
Presidente

FINALIDADE – SÍNTESE

A Academia Amazonense Maçônica de Letras foi fundada em 1º de Fevereiro de 1980, com o objetivo de difundir a cultura da Arte Real em todos os rincões Amazônicos. Congrega Maçons de todas as potências regulares e reconhecidas, que se dedicam à literatura, principalmente a Maçônica, e às Artes em geral.

Seu quadro acadêmico é constituído exclusivamente de MM.:. MM.:. das Potências **GLOMAM** (Grande Loja Maçônica do Amazonas) e **GOB** (Grande Oriente do Brasil), através do Grande Oriente do Estado do Amazonas (**GOEAM**).

É de quarenta o número de cadeiras vitalícias, as quais são ocupadas por Maçons oriundos dos mais diversos campos de atividades culturais, que têm seu desempenho regulado por um Estatuto e um Regimento que também norteiam as sessões.

A Academia está devidamente registrada no Cartório de Registro de Títulos e Documentos e Registro Civil de Pessoas Jurídicas sob o nº 14.352 e cadastrada no Ministério da Fazenda sob o CNPJ nº 06.349.519/0001-66.

Considerada de Utilidade Pública pelo Decreto nº 4.979, de 20 de junho de 1980.

Sua sede provisória é na Rua Monsenhor Coutinho, nº 513, Centro, foro de Manaus, capital do Estado do Amazonas.

Dedica-se a estimular a leitura em todas as áreas, tornando-se uma emergente fomentadora da Cultura Maçônica.

ADMINISTRAÇÃO ATUAL 2006/2008

José Maria Nogueira – Presidente

**Raimundo Colares Ribeiro – Vice-
Presidente**

Osail Medeiros de Souza – Secretário

Jorge Humberto Barreto – Tesoureiro

Arlindo Augusto do Santos Porto – Orador

Afrânio de Amorim Soares – Orador

Evandro das Neves Carreira – Orador

**ADMINISTRAÇÃO MAÇÔNICA NO
AMAZONAS**

**Grão-Mestre do GOEAM –
ANTONIO JOSÉ SOUTO LOUREIRO**

**Grão-Mestre da GLOMAM -
RENÉ LEVY AGUIAR**

**FOI DECLARADA DE UTILIDADE PÚBLICA
PELO DECRETO Nº4979, DE 20 DE JUNHO
DE 1980, DO GOVERNADOR JOSÉ LINDOSO,
COM PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DE
20 DE JUNHO DE 1980.**

GALERIA

SÍNTESES DOS DADOS BIOGRÁFICOS DOS PATRONOS E RESPECTIVOS OCUPANTES

ACADEMIA FRANCESA

A Academia Francesa (Académie Française), é uma associação que deveria ser composta pelas pessoas que melhor conhecessem os assuntos relativos ao idioma francês, para mantê-lo na pureza, sendo criada, em 1635, pelo Cardeal Richelieu, principal ministro e homem forte no reinado de Luís XIII.

Fechada, em 1793, durante a Revolução Francesa, foi recriada por Napoleão Bonaparte, em 1803, sendo a mais antiga das cinco academias que compõem o Instituto da França.

Foi instaurada invocando-se o jardim de Academus, local da Grécia Antiga onde teria sido o jardim do herói Academus, e o escolhido por Platão, para ministrar suas palestras aos discípulos, recebendo o nome de "Academia".

A **Académie** compõe-se de quarenta membros, conhecidos por **Immortels** ("Imortais"), sendo que os novos membros são eleitos pelos mais antigos. Os acadêmicos são vitalícios, embora possam ser afastados por conduta imprópria.

Em suas origens a Académie reunia-se informalmente para debates literários, em Paris, até que o Cardeal Richelieu passasse a protegê-la, entre os diversos grupos que se formaram em toda a França.

Oficialmente foi constituída, a 22 de fevereiro de 1635, por carta real de Luis XIII, com a intercessão de Richelieu e registrada, no Parlamento de Paris, a 10 de julho de 1637, ficando responsável pela regulamentação da gramática, ortografia e literatura francesas, função diferente das academia brasileiras, que apenas reúnem

os cultores da literatura em suas diversas manifestações. Durante a Revolução, em 1792, a Convenção Nacional suprimiu todas as academias reais, inclusive a Académie. Foi proibida a eleição de novos sócios para substituírem os que morriam, e, no ano seguinte, foram completamente abolidas.

Em 1795, todas as academias foram reunidas no chamado *Institut de France* (Instituto da França). Napoleão, quando era Primeiro Cônsul, decidiu restabelecer as antigas academias, mas como “classes”, ou divisões, do Instituto. A segunda classe do Instituto equivalia à antiga Académie. Quando assumiu o trono, o rei Luis XVIII, em 1816, cada classe recuperou o título e a segunda classe voltou a apropriadamente a intitular-se “Academia”. Desde este ano, a Académie Française funciona ininterruptamente.

O Presidente francês é o “protetor” ou Patrono, da Académie - um papel que coubera precipuamente a Richelieu. Com sua morte, em 1642, Pierre Sèguier, Chanceler de França, sucedeu-o. O rei Luis XIV assumiu esta função, quando Sèguier faleceu, em 1672, desde então o chefe de estado tem sido o Patrono da Académie. De 1672 a 1805, as reuniões oficiais do silogeu deram-se no Louvre e, desde esse ano, ocorrem no *Collège des Quatre Nations*, hoje conhecido como o **Palais de l'Institut**. As demais academias do Instituto também ali têm sua sede.

A Académie tem quarenta Cadeiras, numeradas de 1 a 40, em seqüência e sem grau diferenciador entre elas. Foram chamados de Imortais por conta da inscrição “**À l'immortalité**” (“para a imortalidade”), que se encontra no selo oficial da corporação, ofertado por Richelieu. O Imortal escolhido por seus pares para ser o “Secretário Permanente” da Académie, ocupa-o por toda a vida, ou até que haja a resignação. Além disso a Académie pode

indicar um Secretário Permanente Honorário. O sócio mais velho, por data de ingresso, é o "Decano da Academia".

Novos membros são eleitos pelos próprios acadêmicos (os sócios originais foram designados). Quando uma Cadeira fica vaga, o candidato informa ao Secretário que deseja tornar-se um candidato. Também os Acadêmicos podem indicar candidatos, que somente serão considerados eleitos se obtiverem a maioria dos votos, num quórum mínimo de vinte membros. Se nenhum dos candidatos obtiver a maioria absoluta, outra eleição deverá ser marcada para uma data posterior. A votação, entretanto, somente será validada se o Protetor (o Presidente do país) der a sua aprovação, o que é uma mera formalidade. Então finalmente o novo Imortal está apto a ocupar uma das Cadeiras da Académie. Terá de entregar seu discurso, no qual consuetudinariamente tece elogios ao seu predecessor. Oito dias após o novo membro é empossado, numa solenidade pública, onde faz seu pronunciamento agradecendo aos pares por sua eleição.

Uma vez eleito, o membro é um acadêmico por toda a vida. Mas o sodalício pode expulsar um membro por impropriedade de conduta. A primeira expulsão deu-se em 1638, quando Auger de Moléon de Granier foi afastado por roubo. As expulsões mais recentes ocorreram ao fim da II Guerra Mundial: Abel Bonnard, Abel Hermant, Philippe Pétain, e Charles Maurras excluídos por haverem se associado ao regime de Vichy. Ao todo, foram 20 expulsões da Académie.

A Academia é a autoridade, na França, para regulamentar o uso, vocabulário e gramática do idioma francês, embora suas decisões não tenham força de lei e por vezes até as autoridades as desconsideram. É a Académie quem publica o dicionário oficial da língua francesa, conhecido como *Dictionnaire de l'Académie Française*. Uma Comissão especial integrada por vários,

mas não todos acadêmicos, é encarregado da sua compilação. A Académie já completou oito edições deste dicionário, publicados em 1694, 1718, 1740, 1762, 1798, 1835, 1878 e 1935. A nona edição está sendo completada, tendo sido editados o primeiro volume (de A até *Enzima*), em 1998, e o segundo (de *Eoceno* a *Mapa-mundi*), em 2000.

Em 1778, a Académie tentou compilar um "dicionário histórico" do idioma francês, mas o trabalho foi abandonado, pois nunca progrediu além da letra "A"...

Pela sua crescente influência, a Académie tem tentado evitar a entrada dos anglicanismos na língua francesa. Substituiu vocábulos como *walkman* e *software* por equivalentes franceses como *baladeur* e *logiciel*, respectivamente. Além disso, procura modernizar a ortografia e a pronúncia do idioma. Mas foi por vezes criticada por adotar posturas excessivamente conservadoras. Uma recente controvérsia envolveu a criação de equivalentes femininos para os nomes de várias profissões. Em 1997, por exemplo, o governo de Lionel Jospin defendeu o uso do pronome feminino antes da palavra "ministro" ("la ministre") para se referir ao "ministro do sexo feminino". Mas a Académie insistiu que fosse conservado o pronome masculino ("le ministre"), qualquer que fosse o gênero...

Os membros actuais da Academia Francesa pelo número das suas cadeiras são:

1	René Rémond	21	Félicien Marceau
2	Hector Bianciotti	22	René de Obaldia
3	Jean-Denis Bredin	23	Pierre Rosenberg
4	Cardeal Lustiger	24	Vaga

mas não todos acadêmicos, é encarregado da sua compilação. A Académie já completou oito edições deste dicionário, publicados em 1694, 1718, 1740, 1762, 1798, 1835, 1878 e 1935. A nona edição está sendo completada, tendo sido editados o primeiro volume (de *A* até *Enzima*), em 1998, e o segundo (de *Eoceno* a *Mapa-mundi*), em 2000.

Em 1778, a Académie tentou compilar um “dicionário histórico” do idioma francês, mas o trabalho foi abandonado, pois nunca progrediu além da letra “A”...

Pela sua crescente influência, a Académie tem tentado evitar a entrada dos anglicanismos na língua francesa. Substituiu vocábulos como *walkman* e *software* por equivalentes franceses como *baladeur* e *logiciel*, respectivamente. Além disso, procura modernizar a ortografia e a pronúncia do idioma. Mas foi por vezes criticada por adotar posturas excessivamente conservadoras. Uma recente controvérsia envolveu a criação de equivalentes femininos para os nomes de várias profissões. Em 1997, por exemplo, o governo de Lionel Jospin defendeu o uso do pronome feminino antes da palavra “ministro” (“la ministre”) para se referir ao “ministro do sexo feminino”. Mas a Académie insistiu que fosse conservado o pronome masculino (“le ministre”), qualquer que fosse o gênero...

Os membros actuais da Academia Francesa pelo número das suas cadeiras são:

1	René Rémond	21	Félicien Marceau
2	Hector Bianciotti	22	René de Obaldia
3	Jean-Denis Bredin	23	Pierre Rosenberg
4	Cardeal Lustiger	24	Vaga

5	Assia Djebar	25	Vaga
6	Marc Fumaroli	26	Jean-Marie Rouart
7	Jacqueline Rommily	27	Pierre Nora
8	Michel Déon	28	Vaga
9	Alain Decaux	29	Claude Lévy-Strauss
10	Florence Delay	30	Maurice Druon
11	Gabriel de Broglie	31	Jean Doutourd
12	Jean D'Ormesson	32	Alain Robbe-Grillet
13	Pierre Messmer	33	Michel Mohrt
14	Hélène d'Encousse	34	François Cheng
15	Frédéric Vitoux	35	Yves Pouliquen
16	Giscard d'Estaing	36	Jean-François Deniau
17	Érik Orsenna	37	René Girard
18	Michel Serres	38	François Jacob
19	Pierre Moinot	39	Vaga
20	Angelo Rinaldi	40	Pierre-Jean Rémy

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

AS PRIMEIRAS SESSÕES DA ACADEMIA

A primeira sessão preparatória realizou-se em 15 de dezembro de 1896, às três horas da tarde, na sala de redação da Revista Brasileira, na travessa do Ouvidor, nº 31. Nessa mesma sessão foi aclamado presidente Machado de Assis.

A sétima e última sessão preparatória foi realizada a 28 de janeiro de 1897, à qual compareceram dezesseis membros: Araripe Júnior, Artur de Azevedo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Souza, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Octavio, Silva Ramos, Visconde de Taunay e Teixeira de Melo. Foram incorporados como membros aqueles que haviam comparecido às sessões preparatórias anteriores: Coelho Neto, Filinto de Almeida, José do Patrocínio, Luís Murat e Valentim Magalhães. Foram convidados para participar como fundadores, e aceitaram Afonso Celso Júnior, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Garcia Redondo, Pereira da Silva, Rui Barbosa, Sílvio Romero e Urbano Duarte, ao todo trinta membros.

Tomando como modelo a Academia Francesa, foram criadas quarenta cadeiras. Para completar as dez seguintes, os dezesseis membros presentes na sessão de 28 de janeiro elegeram Aluísio de Azevedo, Barão de Loreto, Clóvis Beviláqua, Domingos da Gama, Eduardo Prado, Luís Guimarães Júnior, Magalhães de Azeredo,

Oliveira Lima, Raimundo Correia e Salvador de Mendonça. Ainda nesta sessão aprovam-se os Estatutos que vão assinados por Machado de Assis, presidente; Joaquim Nabuco, secretário-geral; Rodrigo Octavio, 1º secretário; Silva Ramos, 2º secretário; e Inglês de Souza, tesoureiro.

A primeira sessão plenária da Academia realizou-se a 20 de julho de 1897, com a presença de dezesseis membros, numa sala do Pedagogium, à rua do Passeio. Depois de uma breve alocução introdutória do presidente Machado de Assis e da leitura da memória dos atos preparatórios por Rodrigo Octavio, Joaquim Nabuco pronunciou o discurso inaugural.

Desde a sessão de 21 de julho de 1959, ficou resolvido que a fundação da Academia seria comemorada a 20 de julho de cada ano

HISTÓRICO

A criação da Academia foi idéia lançada por um grupo de jovens escritores, dando corpo às propostas iniciais de Lúcio Mendonça e Medeiros e Albuquerque. Em 1896, sucessivos encontros na redação da Revista Brasileira, dirigida então por José Veríssimo, assumiram a forma de sessões preparatórias. Em 15 de dezembro, Machado de Assis foi aclamado Presidente da Academia Brasileira de Letras, e esta teve sua Diretoria e seus Estatutos definidos em 28 de janeiro de 1897. No dia 20 de julho desse ano, na antiga sala do Pedagogium, na rua do Passeio, instalou-se oficialmente a Academia, com os discursos do Presidente Machado de Assis, do Secretário-Geral Joaquim Nabuco, e o relato das atividades preparatórias, a cargo do Primeiro-Secretário Rodrigo Octavio. Na sessão inaugural, empossaram-se os 40 fundadores. Cada um deles, ao escolher um patrono para sua cadeira, perpetuou a memória de um grande vulto das letras nacionais.

Sem casa própria, a Academia peregrinou pelo centro do velho Rio de Janeiro. Nessa fase, contou com a hospitalidade da Revista Brasileira, do Pedagogium, do Ginásio Nacional, da Biblioteca Fluminense e de um escritório de advocacia, onde efetuou suas sessões até 1904, quando ganhou espaço no Silogeu Brasileiro, prédio fronteiro ao Passeio Público, que também abrigava outras instituições culturais.

Em 1923, o governo francês doou à Academia uma réplica do Petit Trianon de Versalhes, prédio erguido, no ano anterior, para abrigar o pavilhão da França na Exposição do Centenário da Independência. A sede própria dispõe, no pavimento térreo, de um Salão Nobre e outras belas salas, destacando-se a Sala dos Poetas Românticos e a Sala Machado de Assis. No andar superior, estão a Sala de Sessões, a preciosa Biblioteca e o salão de chá.

DISCURSO DE MACHADO DE ASSIS

20 de julho de 1897

Senhores,

Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É símbolo da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança.

Não é preciso definir esta instituição, iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova, naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é consertar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige, não só a compreensão

pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles o transmitam aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão.

CADEIRA Nº 1
PATRONO: ADRIANO AUGUSTO DE
ARAÚJO JORGE
OCUPANTE: ARISTÓTELES COMTE DE
ALENCAR FILHO

O PATRONO

ADRIANO AUGUSTO DE ARAÚJO JORGE (1879–1948), casado com Laura Tapajós de Alencar Araújo Jorge, filho de Adriano Augusto Araújo Jorge e Aristéia de Araújo Jorge, nasceu, em 20 de agosto de 1879, em Alagoas, sendo médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, professor de diversos colégios em Manaus, catedrático do Ginásio Pedro II e do Instituto de Educação do Amazonas e membro de bancas examinadoras de concursos para professores catedráticos de Ensino Público, no Amazonas.

Foi escritor, jornalista, deputado estadual, vereador de Manaus e Presidente da Câmara Municipal de Manaus, quando da reconstitucionalização do País, em 1947, cargo no exercício do qual veio a falecer, em 3 de novembro de 1948, sendo autor da Lei Estadual que tornou de utilidade pública o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

Todos são unânimes em afirmar que Adriano Jorge não deixou livros, nem mesmo os seus discursos, porém, seus artigos e publicações em jornais, inclusive com a comum utilização de pseudônimos de Pangloss e Ruy Blass, deixam claro a sua grande intelectualidade e o seu conhecimento sobre os mais variados assuntos. Péricles de Moraes informa ter pesquisado muitos anos, para conseguir uns poucos escritos dele.

Os seus poucos trabalhos publicados estão em revistas ou jornais, entre os quais registramos:
1909 – Crônica 1911 – Pinheiro Machado 1917 – A Tortura de Invejar 1917 – Sonetos 1917 – Inquéritos Íntimos 1917 – O Gesto de Xerxes 1917 – Um Cubista Anônimo 1917 – O Paradoxo do Altruísmo 1919 – Um Terceto do Purgatório 1920 – Um Gesto Romântico 1924 – O Revisionismo 1927 – Balada Romântica 1927 – A Margem do Conceito de Evolução 1935 – Introdução 1935 - Oração aos Professores de 1935 1936 – Oração aos Professores de 1936 1940 – Araújo Filho 1941 – Alonso Aníbal 1941 – Lais Wallace 1942 – A Inspiração Divinatória do Símbolo Macbeth 1942 – Discurso do 1º Congresso Diocesano 1944 – Unha por Unha, Pelo por Pelo. 1944 – O Problema dos Prisioneiros 1944 – O Valor Negativo das Zonas Fortificadas 1945 – Apresentação do Poema de Natal de Miranda Leão 1946 – Pessimismo: otimismo dinâmico. 1946 – Ainda uma Guerra 1947 – A Altura da Infelicidade 1947 – Uma Abertura em Nós Turvos 1947 – Da Função Histórica do Sofrimento.

Sob o título de Crônicas, divulgadas pelo jornal Tribuna do Caixeiro, a partir de 14 de fevereiro de 1909, tratou de assuntos diversos como o carnaval, a Morte de Caturro Mendes, a Constituição de 1891, a Política Internacional, a Conferência de Virgílio Barbosa sobre a Constituição de 1891, Assembléia Literária de Manaus, o Tratamento de um Alcoólatra, a Conferência de Benjamim Lima na Associação dos Empregados do Comércio, a Política do Barão do Rio Branco, a Entronização do Cristo Crucificado no Tribunal de Júri, a Conferência de Carlos Eugênio Chauvin sobre a Borracha e o Caucho, o 13 de Maio, sempre em estilo inconfundível.

Prefaciou o livro A Simplificação e a Unificação da Ortografia Portuguesa – Glosas, de Francisco Luís Pereira,

editada pela Livraria Universal, em Manaus, em 1913, e Um estudo sobre o Municipalismo, de Plínio Coelho.

Autor da tese A Preposição – Sua Função Histórica, com a qual se apresentou para o Ginásio Amazonense, publicada por Lino Aguiar & Cia., em 1910, da conferência A Luz, proferida no Ideal Clube, a 24 de novembro de 1906, e do trabalho O Substrato Físico-Químico da Vida.

No episódio de 1910, que culminou com o bombardeio de Manaus e a deposição do governador Bittencourt, ficou do lado desse último, tomando parte das lutas de rua, comandando um destacamento. Foi deputado estadual, proferindo na Assembléia Legislativa, em 1917, um discurso registrando o falecimento de Oswaldo Cruz, foi o criador da Lei que tornou de utilidade pública o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, tornando-o também um Órgão consultivo do Governo. Também exerceu a vereança, eleito para o período 1947/1950, não completado pela ocorrência de sua morte.

Fundador da Academia Amazonense de Letras e seu primeiro Presidente, desde a sua fundação. a 1º de janeiro de 1918, até a sua morte, a 3 de novembro de 1948, ocupou a Cadeira nº 01, cujo patrono é Euclides da Cunha. Dada sua importância para o silogeu, em 1968, foi criada uma cadeira com seu nome, a de nº 06.

O seu falecimento ocorreu em sua casa, em Adrianópolis, sendo levado para a igreja de Nossa Senhora de Nazaré, para uma missa de corpo presente, presentes o bispo de Hebron Dom Pedro Massa, o bispo de Manaus, em exercício, monsenhor Manoel Monteiro, e o padre Stélio Dalison.

O cortejo fúnebre passou pela Prefeitura Municipal, onde foi homenageado pelo vereador-presidente Sérgio Pessoa Neto, pela sede do Partido Social Democrático e pela Academia Amazonense de Letras, de que foi

presidente por trinta anos, seguindo para o Cemitério São João Batista, onde foi enterrado.

O ATUAL OCUPANTE

ARISTÓTELES COMTE DE ALENCAR FILHO, Amazonense de Manaus, filho de Aristóteles Comte de Alencar, é médico cardiologista, Oficial do Polícia Militar do Amazonas, professor da Universidade do Amazonas e pertencente aos quadros da Grande Loja do Amazonas.

CADEIRA Nº 2
PATRONO: AGNELLO BITTENCOURT
OCUPANTE: ABRAHIM SENA BAZE

O PATRONO

Nasceu o professor Agnello Bittencourt, no Amazonas, em 14 de dezembro de 1876.

Foram seus genitores o Coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt e a senhora Antonia de Andrada Bittencourt, dama de elevadas virtudes, dos quais recebeu a admirável educação que haveria de transmitir aos seus sucessores e aos seus semelhantes.

Na sua infância aprendeu a ser discreto e reservado nos seus pensamentos, preferindo ouvir as manifestações das pessoas mais idosas, para não infringir a regra dos bons tons e das boas maneiras bastante observada no seu tempo de criança.

As lições que lhe foram ministradas durante o ensino das primeiras letras, ditavam normas de comportamento exemplar, mostrando aos estudantes como deveriam portar-se diante dos pais e dos professores, bem como no recesso do lar, nas comemorações festivas e nas caminhadas pelas ruas da cidade. Era a época em que o convencionalismo se articulava em preceitos necessários e indispensáveis ao respeito entre todos os que compunham a sociedade. Era a época em que as anedotas picantes se não faziam ouvir pelos mais jovens e a compostura se apresentava obediente a um verdadeiro código moral, que ninguém procurava violar, para não perder a sua autoridade.

Pertenceu a uma geração que se envolveu na campanha pela abolição da escravatura e teve, na figura exponencial do seu tio Francisco Público Ribeiro Bittencourt, um dos mais devotados e fervorosos defensores do negro escravo, no Amazonas. Envolvera-se, igualmente, a sua geração, no processo republicano brasileiro, bem como nos procedimentos de organização e consolidação do regime implantado em 1889.

Soube superar as transformações sociais que se verificaram durante a sua longa e profícua existência, impondo-se sempre pela sua ativa conduta, herdada do seu velho pai, transferido essa conduta a todos os seus filhos, que se não portado, na turbulência dos dias modernos, com as mesmas atitudes que dignificam o homem e servem de rastro aberto e luminoso, a juventude atual.

Um depoimento do seu filho Ulisses Bittencourt, dá o testemunho do prazer do seu convívio em família, da sua gentileza e trato constante, e, sobretudo, da tranqüilidade que amparava o seu espírito. Não era neurastênico, nem nervoso. Recebia os filhos e os amigos com afeto invulgar, convidando-os sempre para um guaraná ou para o almoço. Aos menos abastados, que o visitavam, não deixava de fazer caridade, discretamente mesmo quando a sua reserva financeira estava no fim.

Casando-se por duas vezes, teve, em ambos os matrimônios, a felicidade de ligar o seu coração, às que se chamaram Tertulina de Melo Bittencourt e Zulmira Uchoa Bittencourt, os três, agora, na ambiência bendita do azul celestial.

Na Administração Municipal

Embora não fosse político – pois o ensino seria o motivo maior do seu intenso labor – exerceu o cargo de Superintendente Municipal de Manaus, por pouco tempo

e disso ele bem o sabia, por achar-se acima dos preconceitos da amizade e deferência que o ligavam às administrações anteriores a sua gestão, tendo, antes de tudo, a responsabilidade da função com que lhe distinguira o Governo do Estado.

Nomeado que fora, pelo Desembargador Antônio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto, para a Chefia do Executivo manauara, tomou posse, em 20 de agosto de 1909, deixando esse cargo em 12 de julho de 1910, por motivo de doença e viagem ao velho Continente.

Seria um admirador dos bens públicos municipais, gerindo-os com a sua costumeira honestidade e os mais sadios propósitos na solução dos problemas que se acumulavam na cidade, na primeira década do século atual.

Por isso mesmo, preocupava-se com o aterro da Avenida 13 de Maio, a Avenida Getúlio Vargas de hoje, cuja obra era exigida em benefício da salubridade e do embelezamento de Manaus, reclamada com urgência, para a extinção dos grandes focos de infecção palustre, que ali existiam.

A assistência à pobreza não lhe foi alheia, tanto assim que a tornara em ponto vital de sua administração. Propugnara pelo recolhimento dos mendigos a um estabelecimento específico, onde fossem tratados carinhosamente e com devido conforto, a fim de que a cidade não ficasse exposta ao triste quadro de pedintes estendendo a mão à piedade cristã.

Não tardaria muito, instalado estava o Asilo de Mendicidade Doutor Thomas, com o nome do cientista inglês que viveu anos seguidos, em Manaus, desejando ser sepultado nesta cidade, no que foi atendido.

O administrador não se desvinculava do professor. Tanto é verdade que, como superintendente, idealizara e concretizara a criação de uma Escola de Comércio, nada obstante as lisonjeiras condições financeiras do Erário

Municipal. Sabia, porém, que a implantação de um centro de educação profissional teria caráter produtivo, proporcionando reais vantagens à juventude estudiosa, pois o comércio, como bem diria à alavanca mais poderosa do progresso.

Sabia que o futuro do Amazonas dependia do cuidado e do método com que eram feitas as transações dos seus produtos, como da maneira de assegurar os seus capitais em desenvolvimento.

Procurava, como o seu idealismo, através de uma educação profissional, orientar os processos de permuta, para o melhor êxito dos respectivos mercados.

A sua aspiração tomara corpo e vida com a Lei nº 528, de 26 de novembro de 1909, permitindo a fundação, em 26 de fevereiro de 1910, da Escola Municipal do Comércio, que recebeu o nome de Sólon de Lucena, digno Governador do Estado da Paraíba, que atendera, com toda a solidariedade, aos pedidos de socorro indispensáveis a minorar os sofrimentos das populações apavoradas com as enchentes do rio Amazonas e seus tributários, no ano de 1909.

No ano seguinte, 1910, foi distinguido, como Superintendente, para participar do Congresso Comercial, Industrial e Agrícola, que a Associação Comercial do Amazonas realizaria, pela primeira vez, na cidade de Manaus.

E não se furtou ao amável convite, por saber que compareceria a um conclave onde o conagraçamento de todas as forças produziria impulsos expansivos e úteis à conquista comercial, industrial e agrícola do Amazonas.

Na sua administração, a capital amazonense passou, por notáveis melhoramentos: duplicação das linhas de bondes, substituição do material elétrico, novo serviço de canalização d'água, lançamento da rede de

esgotos, calçamento de ruas, bem como construção de grande número de edificações particulares.

Em pouco tempo, fez muito pela cidade que lhe serviu de berço.

Nas Letras e nas Ciências pertenceu à Academia Amazonense de Letras, ocupando a cadeira cujo patrono é Gonçalves Dias, ao lado de outros grandes vultos, como Adriano Augusto de Araújo Jorge, Alfredo Augusto da Mata, André Vidal de Araújo, João Leda, Huascar de Figueiredo, Péricles de Moraes e tantos outros, do mesmo e maravilhoso quilate, que estão na presença mais próxima e na companhia mais aconchegada do Criador.

Estava permanentemente vinculado a esse sodalício, pois jamais deixou de lhe dar conta de suas manifestações de inteligência, mesmo em sua idade quase centenária, emprestando, a esse centro de cultura, a beleza de sua intelectualidade, a nobreza de seus conhecimentos e a capacidade de sua prodigiosa memória.

A 25 de março de 1917, juntamente com Bernardo de Azevedo da Silva Ramos, Henrique de Souza Rubim, Vivaldo Palma Lima, Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt e Manoel de Miranda Simões, fundou o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

Foi o último sobrevivente dessa falange magnífica de espíritos dedicados à desenvoltura dos estudos da cultura universal.

Inicialmente, como Secretário, e depois como Presidente, dessa entidade, soube promover um carinhoso trabalho de organização e progresso de todos os setores de atividade do silogeu, permitindo a continuidade de sua missão frente às gerações que se sucedem.

A sua presença nesse Instituto refletia-se constantemente com os seus trabalhos sobre geografia e história, nas sessões que se realizavam, e, depois de sua transferência para o Rio de Janeiro, através de suas

mensagens de apreço e de solidariedade, todas elas expressando o seu devotado entusiasmo e a sua permanente euforia pela constância com que a Casa da Memória continua a perseguir um de seus grandes objetivos – o de promover o desenvolvimento e a difusão da cultura amazonense.

Integrou, também, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Sociedade Brasileira de Geografia, o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, o Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas, o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, a Academia de Letras do Acre e a Federação das Academias de Letras do Brasil.

Teve presença distinta em Congressos Nacionais de Geografia, na Comissão Censitária Nacional e em reuniões Nacionais de Educação – quer esses eventos se realizassem na então capital do País ou em diversas unidades da Federação Brasileira.

Em 1920 e em 1940, exerceu o cargo de Delegado dos respectivos Recenseamentos, no Amazonas, desempenhando-o com relevante e patriótico civismo, com ardor e abnegação, voltando as suas ações para o desenvolvimento brasileiro.

Dentre as obras que escreveu destaca-se a sua Coreografia do Amazonas, que, mais tarde, atualizada, encontra-se inédita.

Deixou, nas letras e nas ciências, uma série de válidos e proveitosos conhecimentos todos eles embasados numa filosofia de carinho humano.

No Magistério

Agnello Bittencourt fora um eterno Professor. Os depoimentos do Padre Raimundo Nonato Pinheiro, dos escritores Genesino Braga, Waldemar Batista de Sales, João Mendonça de Souza, Ildfonso Pinheiro, João Nogueira da Mata e dos Professores Mário Ypiranga

Monteiro e Arthur César Ferreira Reis, comprovam a assertiva.

Inolvidáveis ficarão os serviços excepcionais que desenvolveu no setor da instrução pública, onde se iniciou como professor primário em escola interiorana, por vontade própria, ainda em plena juventude, já diplomado pelo Instituto Nacional Superior, em 1895, havendo antes feito o seu curso elementar no Colégio "13 de Maio", sob a orientação do professor Alexandre dos Reis Rayol, um dos mais conceituados educadores de sua época, para depois exercer o magistério secundário em vários estabelecimentos de ensino da capital amazonense.

Consagrou-se, por concurso, como catedrático da cadeira de Geografia Geral e Coreografia do Brasil, no Ginásio Amazonense Pedro II, de onde saiu aposentado, como prêmio à sua dedicação e ao seu esforço a favor de uma causa tão nobre e tão sublime.

Dirigiu o Grupo Escolar "Silvério Nery", o Ginásio Amazonense e a Escola Normal, tendo sido, também, Inspetor do Ensino, em Manaus.

Exerceu o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública, onde deixou bem marcado o seu trabalho e o seu empenho a favor do ensino, no Amazonas, nomeado, em 1924, pelo interventor federal Doutor Alfredo Sá, eminente político mineiro que soube disciplinar a situação sócio-político-econômica do Estado, após a revolução chefiada pelo então Tenente Alfredo Augusto Ribeiro Júnior, em 1924, deixando esse mesmo cargo, em 1930, quando a 12 de agosto daquele ano, ardorosos ginasianos revoltaram-se em seu estabelecimento de ensino e um dos seus filhos se tornara vítima das medidas e violências policiais, que não se coadunavam com os princípios e os sistemas de um novo período da vida brasileira.

Realmente, novos processos já se apresentavam à sociedade e os ginasianos de 1930 a eles se juntaram,

com o seu entusiasmo de jovens que aspiravam pela grandeza nacional e tinham confiança na substituição dos modelos antiquados e inoperantes para o fulcro da evolução nacional.

Ao lado de outro grande mestre – Plácido Serrano Pinto de Andrade – soube repelir, com a necessária coragem, as ações violentas praticadas contra esperançosos estudantes, que, no seu idealismo, punham-se à disposição da vanguarda política, que iria criar, como de fato criou, uma nova etapa na história brasileira.

Ministrou, por concurso, na Escola Municipal de Comércio “Sólon de Lucena”, elogiáveis aulas na cadeira de Geografia Econômica e História da Indústria e do Comércio, honrando-a e fazendo lembrar o seu nome por inúmeros jovens diplomados por essa igualmente tradicional casa de ensino.

Foi membro da Sociedade Amazonense de Professores. Seu Presidente de Honra.

Em 1946, recordara os seus cinquenta anos de atividades magisteriais, aproveitando a oportunidade para protestar contra a anulação das acumulações remuneradas, em resultado do que o ensino no País sofrera a degola de notáveis professores, homenageando, nessa mesma ocasião, os saudosos mestres Carlos Pinho, João Machado de Aguiar, Francisco Antônio Monteiro de Souza, Plácido Serrano Pinto de Andrade, Goetz de Carvalho, Eugênio Belmont, Geraldo Amorim, Coriolano Durand, Carlos Salvador de Oliveira, Heliodoro Balbi, Francisco Ferraz, Cônego Israel Freire da Silva, Rodrigo Costa, Raimundo Filgueira, Abner Amaral, Araújo Lima, a cujas memórias se curvava reverente e agradecido.

Lembram-se os seus alunos das aulas maravilhosamente explicadas, eficientemente ministradas, metodicamente esclarecidas e excelentemente compreendidas.

Nas lições teóricas ou nas lições práticas que ensinava, estava sempre o seu saber de mestre insigne e paciente, porquanto, simultaneamente, explanava a verdade dos acontecimentos que a todos transmitia, com perfeição e carinho, bem como revelava a sua tolerância diante das inquietações dos discentes, sempre ele próprio a dissipá-las, com amor e generosidade.

Agnello Bittencourt foi um Mestre da Pátria Brasileira.

Na Maçonaria

Em 1872, um grupo de Maçons residentes em Manaus, dentre eles, alguns militares que haviam servido na guerra do Paraguai, reuniu os seus pensamentos e os seus desejos e fundou a Loja "Esperança e Porvir", de onde, cinco anos após, saíram novos Obreiros da Arte Real com a incumbência de instalarem a Loja "Amazonas", ambas animadas, em 1884, na vitoriosa campanha a favor da libertação dos escravos, cujo feito memorável e histórico se processou a 10 de julho daquele ano, sob a aclamação de um povo ávido pela dignidade social de todos os brasileiros.

Nos últimos anos do século passado, a política parecia separar os corações e as idéias de homens que não se deixaram vencer pelas incompatibilidades e pelas malquerenças, porque envoltos numa corrente de harmonia e compreensão, e eis que surge, em 1894, a Loja "Conciliação Amazonense", reacendendo o fogo sagrado da união e da fraternidade, no sentido de que todos os seus fundadores, à frente o notável jurista Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto, bem como os continuadores dessa obra, empregassem os seus esforços e as suas luzes no papel grandioso da indagação da verdade, no estudo da moral e da prática da solidariedade.

Foi essa Oficina Maçônica que recebeu o Professor Agnello Bittencourt. Iniciado pelo seu genitor, o Coronel Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, 12 de agosto de 1889, alcançando, na mesma data, a respectiva plenitude de direitos e deveres perante a Instituição Maçônica, numa idade muito jovem é verdade, mas possuindo o necessário senso de responsabilidade para dar cobro aos compromissos que havia assumido com essa nova missão, ou seja, a de social.

E corriam os anos e afluía nas suas aspirações a grandeza da Ordem, pela qual, com os seus entendimentos aprimorados, empregou tudo de si, muitas vezes lutando contra as incoerências e as incompreensões de quantos, até mesmo por interesse político, se tornaram hostis à doutrina maçônica.

Venerável, por várias vezes, de diversas Lojas desta capital, a sua figura se notabilizou, imprimindo sempre aos seus companheiros o devido respeito e a devida disciplina. Sim, porque nascera, se criara e se educara numa geração em que era essencial o equilíbrio das atitudes comprometidas.

Detentor do grau mais elevado da Maçonaria, o respeitável Maçom obteve, a golpes de tenazes esforços, as mais gloriosas honrarias e os títulos mais dignificantes, justos e merecidos.

Onde quer que se agitasse um movimento em que a Maçonaria levasse o seu grande prestígio, já a favor da Pátria, já a favor da Humanidade, lá estava o eminente Maçom, com as luzes de sua sabedoria, com a sua vontade férrea e a sua capacidade invulgar, prestigiando, desse modo, as grandes causas, na oportunidade dos envolvimentos sociais.

Tornou-se Grande Benemérito da Maçonaria Amazonense o Membro Emérito do Supremo Conselho

do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito para a República Federativa do Brasil.

Não foi por acaso, que alcançou essas benemerências, porquanto a sua trajetória maçônica, em mais de setenta anos, lhe autorizava, bem justificadamente, o recebimento dos maiores galardões.

Secretariou, em 1º de agosto de 1915, a fundação do Dispensário Maçônico, entidade que ainda existe na assistência aos necessitados da capital amazonense.

Dentre os maçons presentes naquela ocasião, destacavam-se os Coronéis José Cardoso Ramalho Júnior e Pedro de Alcântara Freire, que muito trabalharam na política administrativa do Amazonas.

Em 1920, na qualidade de Grande Secretário do Grande Oriente Estadual do Amazonas, convicto de que a Maçonaria não regatearia o seu apoio patriótico ao Censo Demográfico e Econômico que seria efetuado no País, escreveu a todos os Veneráveis Mestres da Obediência, concitando-os a não faltarem, com o seu civismo, à cooperação pelo sucesso do grande empreendimento nacional.

O ATUAL OCUPANTE

ABRAHIM SENA BAZE, nascido no dia 27 de agosto de 1949, natural de Manaus, Amazonas, filho de Akil Baze e Jandira Sena Baze, historiador, escritor e poeta.

Fundador dos Museus Rubens Samuel Benzecry, do Luso Sporting Club e da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas.

Reconhecido pela Universidade do Amazonas e Câmara Municipal de Manaus, pelos serviços prestados à cultura do Amazonas.

Pertence à Maçonaria de Manaus, das Grandes Lojas do Amazonas, chegando ao Grau 33, sendo membro honorário e benemérito.

Responsável pelo programa *Literatura em Foco*, apresentado todos os domingos através do Amazon Sat, tem sido divulgador emérito da intelectualidade amazonense, entrevistando os mais lúcidos escritores amazonenses, sempre com inusitada programação, competência e seriedade.

CADEIRA Nº 3
PATRONO: ALFREDO AUGUSTO DA MATTA
OCUPANTE: VAGA

O PATRONO

Alfredo da Matta nasceu em Salvador, a 18 de março de 1870, falecendo no Rio de Janeiro, a 3 de março de 1953. Filho do major Joaquim Francisco da Matta e de Leopoldina Carolina da Matta. Estudou na sua cidade natal e formou-se pela Escola de Medicina da Bahia, a 8 de dezembro de 1889.

Veio para Manaus como médico do Lóide Brasileiro, resolvendo aqui fixar sua residência. Casou-se com Zulmira Martins de Menezes, filha do médico Aprígio de Menezes, mas enviuvando, em 1901, contraiu núpcias, no ano seguinte, com Maria Madalena Mavignier de Oliveira, filha do capitão Manoel Cesário de Oliveira.

Especializou-se em Saúde Pública e Dermatologia, tendo ocupado por diversas vezes a direção do Departamento de Saúde Pública.

Em 1908, ajudado pelos médicos João de Miranda Leão e Wolferstan Thomas, conseguiu controlar uma pandemia de malária, em Manaus, sendo elogiado por Oswaldo Cruz, de passagem para inspecionar as obras da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Foi sócio benfeitor e honorário da Santa Casa de Misericórdia de Manaus e da Sociedade Portuguesa Beneficente do Amazonas, professor do curso de Farmácia da Universidade Livre de Manaus, a primeira universidade brasileira, fundador da Sociedade de Medicina e Farmácia do Amazonas, da de Medicina e Cirurgia do Amazonas, da Sociedade de Agricultura, do Clube da Seringueira,

médico do Asilo de Mendicidade e tenente coronel cirurgião da Guarda Nacional. Dedicou-se ainda à Geografia e à Botânica.

Na Política foi eleito deputado estadual e senador.

Foi um dos grandes estudiosos das doenças predominantes, na nosologia da época, como o beribéri, a malária e a hanseníase, tendo criado uma classificação especial para essa doença, hoje mundialmente utilizada. Profetizou a explosão da hanseníase nos anos que se seguiriam a 1920.

Entre seus livros destacamos: Flora Médica Brasileira, a parte amazônica, Geografia Botânica do Estado do Amazonas, Geografia e Topografia Médica de Manaus, editada pela Tipografia da Livraria Renaud, Manaus, 1910, Os Inimigos da Seringueira, Patologia Amazonense, Insetos Úteis e Prejudiciais à Lavoura, Entomologia Agrícola, Larvas que Inutilizam o Guaraná, Entomologia Agrícola, Leiximanioses e Contribuição ao Estudo do Vocabulário Amazonense, em 1937/38. Também escreveu nas revistas Amazonas Médico e União Acadêmica.

CADEIRA Nº 4

PATRONO: ANDRÉ DE MENEZES JOBIM
OCUPANTE: EDSON GOMES DA SILVA

O PATRONO

ANDRE DE MENEZES JOBIM nasceu no Estado das Alagoas, na cidade de Maceió, em 15 de janeiro de 1909, filho de Crisanto Jobim e Hercília de Menezes Jobim, ambos alagoanos. Foi funcionário público federal e revolucionário, em 1924, quando ocupou o cargo de Secretário Geral do Estado.

Escrevia para os jornais da época "A Tarde", "Jornal do Comercio", "O Jornal" e "O Diário da Tarde", como comentarista de fatos e dados históricos do Amazonas, na coluna chamada de **Velhos Tempos**. Foi ainda Tesoureiro do Instituto Geográfico Histórico do Amazonas, no governo de Arthur Reis, sendo por muito tempo redator do boletim da Instituição, sócio fundador do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Amazonas e diretor do Conselho Deliberativo da Santa Casa de Misericórdia. Foi maçom, porém não foi possível, por falta de informações, localizar com precisão a Loja e a potência que pertenceu.

O ATUAL OCUPANTE

EDSON GOMES DA SILVA nasceu, no dia 27 de marco de 1947, em Codajás, Amazonas, filho de Dácio Gomes da Silva e Otacíliana Mendes da Silva.

É médico ortopedista, chefe do Serviço de Ortopedia do Hospital Getúlio Vargas, médico concursado dos Ministérios da Saúde e da Educação, onde obteve o

primeiro lugar. Examinador para obtenção do título de especialista em Ortopedia (SBOT), médico colaborador do Exército Nacional, ex-vereador de Manaus e autor de vários trabalhos científicos no ramo de Ortopedia e Traumatologia.

Maçom da Loja Unificação Maçônica do Grande Oriente do Estado do Amazonas, tendo ocupado o cargo de Vigilante, Orador, Venerável, Juiz do Tribunal Maçônico de Justiça e membro do Conselho Estadual da Ordem, além de participar de várias comissões administrativas da Loja.

Cirurgião Dentista pela Escola de Medicina da Bahia no ano de 1903;

Primeiro emprego: Escrivão das Obras Públicas, por concurso, nomeado em 9 de março de 1890, no governo do Capitão Augusto Ximenes de Villeroy;

Casamentos: 1º - em 1890 com Raymunda Ramos de Souza; 2º - em 1915 com Herluina Ribeiro Gonçalves de Souza.

Filhos: Ao falecer, novamente viúvo, deixou nove filhos, sendo cinco menores e quatro maiores, dentre eles o Dr. Theóphanes Monteiro de Souza;

Professor: Colégio Jonathas Pedrosa, Matemática Elementar, 1890; Liceu Amazonense, Matemática, por concurso, nomeado em 26 de março de 1895; Instituto Benjamin Constant, Matemática, 1896; Colégio Dom Bosco, Matemática, 1930; Colégio Maria Auxiliadora, Matemática, 1930.

Cargos Públicos: Diretor do Ginásio Amazonense D. Pedro II e da Escola Normal, 1896, Governo de Eduardo Ribeiro; Diretor Geral da Instrução Pública do Amazonas, 1899, Governo de Ramalho Júnior; Secretário da Educação do Amazonas, 1931, interventoria de Álvaro Maia; Diretor do Colégio Estadual D. Pedro II, 1934, interventoria de Nélson de Mello.

Dentista: Graduado como Cirurgião Dentista pela Escola de Medicina da Bahia em março de 1903, porém não se tem maiores detalhes do seu exercício em atividades profissionais como Odontólogo;

Atuação na imprensa: Articulista colaborador dos periódicos "Comércio do Amazonas", "Amazonas", "Folha do Amazonas" e "Jornal do Comércio";

Atividades Políticas: Deputado Federal de 03/05/1909 a 31/12/1911, para preencher a vaga do então Deputado Federal Dr. Jorge de Moraes eleito Senador da República; Como Deputado Federal, ao visitar o Amazonas

no dia 7/10/1910, foi testemunha ocular da investida que o Vice-Governador Sá Peixoto com a ajuda de Silvério Nery aplicou contra Antônio Bittencourt para se apropriar da titularidade do cargo. Isso se constituiu num dos episódios mais tristes da história do Amazonas em que Manaus fora covardemente metralhada por tropas federais a mando de Pinheiro Machado, inimigo declarado do Governador. Monteiro de Souza manteve-se ao lado de Bittencourt até o mesmo ser reempossado pelo Presidente Hermes da Fonseca, em 31/10/1910; Reeleito por mais três vezes Deputado Federal (14/05/1912 a 31/12/1914, 01/06/1915 a 31/12/1920 e 03/05/1924 a 30/09/1926, tendo interrompido o mandato no ano de 1925 para disputar uma das vagas da Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas); Deputado Estadual e Presidente da Assembléia Legislativa do Amazonas, na legislatura que se iniciou no ano de 1925; Governador em exercício do Estado do Amazonas de março a dezembro de 1927, no mandato do Governador Ephygênio de Salles; Novamente Deputado Federal em 22/10/1929, cujo o mandato foi interrompido em 23/10/1930 com a dissolução do Congresso Nacional pela Revolução de 1930.

Vida Maçônica: Iniciado na Loja Conciliação Amazonense em 18/2/1897; Em 1º de janeiro de 1900 na 1ª sessão de adoção de Lowtons da Maçonaria Amazonense atuou como 2º Vigilante; No dia 1º de setembro de 1900, sendo do Grau 32 foi um dos instaladores do Consistório dos Príncipes do Real Segredo, sessão ocorrida na Loja Esperança e Porvir da qual participaram 15 do Grau 32 e 18 do Grau 33; Na sessão realizada em 4 de janeiro de 1905 na Loja Esperança e Porvir para instalar o Grande Oriente Estadual do Amazonas (criado pelo Decreto nº 272 de 22/9/1904 pelo General Lauro Sodré, Grão-Mestre Grande

Comendador da Ordem Maçônica no Brasil), atuou como Grande Chanceler; No período de 1926 a 1935 foi Grão-Mestre Adjunto no mandato de Gaspar Guimarães sucedendo o professor Henrique Taborda de Miranda; Foi homenageado pela Maçonaria amazonense com solenidade de Pompas Fúnebres na sessão realizada no dia 1º de agosto de 1936 na Loja Amazonas presidida pelo Grão-Mestre Agnelo Bittencourt.

Compêndios Didáticos: Matemática Aritmética do Principiante e Matemática Aritmética Elementar;

Livros Publicados: Educação Nacional, discurso pronunciado na sessão de 5 de junho de 1914, na Câmara dos Deputados, editado pela Typografia Jornal do Comércio, de Rodrigues & Cia., 1914.

A União e o Ensino Primário, projeto substitutivo e discursos pronunciados na Câmara dos Deputados nas sessões de 16 e 22 de novembro e 28 de dezembro de 1917, editado pela Imprensa Pública, Manáos, 1918; O Ensino Universitário, parecer apresentado na Comissão de Instrução Pública da Câmara dos Deputados em 12 de dezembro de 1920, editado pela Typografia Cá e Lá, Manáos, 1922; Intervenção Federal no Amazonas, discurso e declaração de voto apresentados na Câmara dos Deputados na sessão de 4 de outubro de 1924, impresso pela Editora Brasileira "Lux", Rio de Janeiro, 1925; O Partido Republicano do Amazonas na Eleição Presidencial, discursos pronunciados na Câmara dos Deputados nas sessões dos dias 21, 22 e 23 de dezembro de 1910, editado pela Typografia do Jornal do Comércio, Rodrigues & C., Rio de Janeiro, 1911; Mensagem apresentada a Assembléia Legislativa do Amazonas como Presidente da Casa e Presidente do Estado em exercício na Segunda Reunião Ordinária da 13ª Legislatura em 14/7/1927, editado pela Imprensa Pública, Manáos, 1927.



CLÁUDIO DO CARMO CHAVES

Nascimento: Manaus, 7 de setembro de 1949;

Pais: Mãe – Joanita Cetraro do Carmo Chaves;

Pai – Cleomenes do Carmo Chaves, professor de Matemática;

Estado Civil: Casado, desde 1975, com a professora Maria Fernanda Osório Chaves, com quem tem três filhos – Cláudia Maria Osório Chaves, médica oftalmologista, Lara Simone Chaves dos Santos, advogada e Cláudio do Carmo Chaves Filho, médico oftalmologista.

Escolaridade: Curso Primário: Escola 21 de Abril da Fundação Amazônia, Manaus, 1960; Curso Ginásial: Instituto de Educação do Amazonas, Manaus, 1965; Curso Científico: Colégio Estadual D. Pedro II, 1968; Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Amazonas, 1973; Curso de Medicina: Faculdade de Medicina, da Universidade Federal do Amazonas, 1974; Curso de Especialização em Administração Hospitalar, Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1975; Residência Médica em Oftalmologia, Hospital Souza Aguiar do Rio de Janeiro, 1976 – 1977; Doutorado em Medicina, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da

Universidade de São Paulo, 1994, tese: *Oncocercose Ocular na Amazônia Brasileira*; *Post-Ph.D. in Ophthalmology*, Center for Eye Research, Boston, 1996; *Fellow in Ophthalmology*, Tufts University, Boston, 1997; Pós-Doutorado em Oftalmologia, Universidade Federal de São Paulo, 2001; Livre-Docência, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2004, aula didática: *Conceitos Modernos de Glaucoma Primário Crônico de Ângulo Aberto*, tese: *Tracoma na Amazônia Brasileira*.

Atividades exercidas: Professor de Matemática, Ciências Físicas e Biológicas, Higiene e Biologia no Colégio Estadual D. Pedro II, no período de 1969 a 1973; Diretor do Posto de Assistência Médica do INAMPS (PAM Codajás) no biênio 1987-1988; Assessor da Secretaria de Estado da Saúde do Amazonas, no biênio 1988-1989; Coordenador da Fundação Nacional de Saúde no Amazonas, no ano de 1993; Assessor do Ministério da Saúde (Grupo Tarefa para elaboração das Normas do SUS – NOAS), no ano de 1996; Médico perito por concurso do INSS, desde 1978, atualmente aposentado por tempo de serviço.

Atividades Atuais: Médico oftalmologista em Manaus, de 1977 até o presente; Diretor do Instituto de Oftalmologia de Manaus, de 1977 até o presente; Coordenador do Programa de Residência Médica em Oftalmologia do Instituto de Oftalmologia de Manaus (convênio UFAM/IOM/MEC) de 1988 até o presente; Coordenador do Curso de Especialização em Oftalmologia do Instituto de Oftalmologia de Manaus (convênio AMB/CBO/IOM) de 1992 até o presente; Professor Associado da Disciplina de Oftalmologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Amazonas, desde 1977 até o presente.

Atividades Científicas: Linhas de pesquisa: Oncocercose Ocular, Tracoma, Patologia Ocular, Doenças Infecciosas do Aparelho Visual, Prevenção da Cegueira e Epidemiologia Oftalmológica; Autor de dezenas de artigos científicos publicados na literatura médica; Co-autor de cinco livros de Medicina: 1. *Uveíte Clínica e Cirúrgica, Texto & Atlas* – Fernando Oréfice, Editora Cultura Médica, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2005, Capítulo 38, Oncocercose, vol. II, páginas 683/692; 2. *Oftalmologia Clínica* – Maria de Lourdes Veronese Rodrigues & Adalmir Morterá Dantas, Editora Cultura Médica, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2000, Capítulo 23.13, Oncocercose, páginas 543/548; 3. *As Bases da Administração em Oftalmologia* – Virgílio Centurion, Editora Cultura Médica, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2001, capítulos 2 e 12: Serviço de Oftalmologia para Hospital Geral e A Importância da Representação Política para os Oftalmologistas, págs. 33/36 e 371/373; 4. *Dinâmica das Doenças Infecciosas e Parasitárias* – José Rodrigues Coura, Editora Guanabara Koogan S.A., Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2005, Capítulo 92: Oncocercose, págs. 1107-1118; 5. *Superfície Ocular* – José Álvaro Pereira Gomes e Milton Ruiz Alves, Editora Cultura Médica, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2006, Capítulo 13: Alterações da Superfície Ocular nas Doenças Tropicais, págs. 203-215); Afiliado a dezenas de entidades médicas e culturais nacionais e internacionais, onde se incluem: Associação Médica Brasileira (Delegado pelo Amazonas para o biênio 2006-2007), Sociedade Brasileira de Oftalmologia (Vice-Presidente Norte no biênio 1993-1994), Conselho Brasileiro de Oftalmologia (Vice-Presidente no biênio 2006-2007), Colégio Brasileiro de Cirurgiões (Titular – tese: Ectopia Traumática do Cristalino –, 1º Mestre do Capítulo do Amazonas, instalada em 1993), Academia Amazonense de Medicina (Re-instalador, ocupante da poltrona nº 1 e Presidente por 5 mandatos – 1999 até o

presente), Federação Brasileira de Academias de Medicina (Presidente no biênio 2002/2004), Academia Fluminense de Medicina (Honorário, 2006), Academia Brasileira de Medicina Militar (Honorário, 1997), Academia Nacional de Medicina (Benemérito, 1999), Academia Amazonense de Letras (ocupante da poltrona nº 14 desde 2001). Também associado das seguintes associações médicas internacionais: American Academy of Ophthalmology, American College of Surgeons, International of Surgeons, Société Française d'Oftalmologie, Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene e Associação Panamericana de Oftalmologia.

Atividades Políticas: Fundador do *Partido da Frente Liberal (PFL)* no Amazonas no ano de 1986; Deputado Federal pelo *PFL* do Amazonas no período de 1996/1998.

Participação em Entidades Filantrópicas: Sócio do *Lions Clube Manaus-Centro* desde 1984 até o presente; Presidente do *Lions Clube Manaus-Centro* no período de 1989 a 1990; Vice-Governador do Distrito LA-1 (AC, AM, RO e RR) no período de 2006/2007; Governador do Distrito LA-1 no período de 2007/2008.

Currículo Maçônico: Iniciado, elevado e exaltado na *Loja Esperança e Porvir nº 1 da Grande Loja do Estado do Amazonas (GLOMAM)*, respectivamente em 2/10/1982 – placet 331-82/83 -, 16/3/1983 – placet 253-82/83 – e 18/6/1983 – cadastro 5233; Mestre Instalado em 31/8/1984; Venerável Mestre da *Loja Esperança e Porvir* no período de 1984/86, em cujo mandato construiu o edifício anexo e criou o auditório *Cândido Honório*, o *Museu Maçônico*, a *Galeria dos Ex-Veneráveis da Loja Esperança e Porvir* e dos *Ex-Grãos Mestres da GLOMAM*, realizou sessão especial de Reconhecimento Matrimonial em 15/12/1984, instalação do *Capítulo De Molay Unidos na Esperança* (1985) e editou o jornal *Noticiário Esperança*; Grande Chanceler da *GLOMAM* no biênio 1984/1986; Iniciado no

Grau 4 do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para República Federativa do Brasil (Grande Inspeção Litúrgica do Amazonas) em 8/6/1984, matrícula 20286; Investido no Grau 33 em 3 de maio de 1986; Disputou eleição para o *Grão Mestrado da GLOMAM* em 1999 com os irmãos Francisco Osvaldino de Souza Castelo Branco e Álvaro César de Carvalho, obtendo o segundo lugar da tertúlia na qual o primeiro fora o vencedor.

Referências: 1 – Bittencourt, Agnello. Dicionário Amazonense de Biografias: Vultos do Passado. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1973. 2 – Braga, Robério. Série Memória, 5ª edição, nº 52: Antônio Monteiro de Souza. Manaus: Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001. 3 – Loureiro, Antônio. História da Navegação no Amazonas. Manaus: Edição própria, 2007. 4 – Valle, Rodolpho. Centenário Maçônico. Manaus: Editora Sérgio Cardoso, 1972. 5 – Verçosa, Mário. Registros Maçônicos. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1985.

Agradecimentos: Ao Senador Bernardo Cabral (filho do nosso saudoso irmão Antônio Bernardo Andorinha) pelos seus obsequiosos préstimos em conseguir cópia da Certidão de Óbito de Antônio Monteiro de Souza junto ao Cartório Catete, Rio de Janeiro, RJ.

CADEIRA Nº 6
PATRONO: HELIODORO NERY DE LIMA BALBI
OCUPANTE: EVANDRO DAS NEVES CARREIRA
O PATRONO



HELIODORO NERY DE LIMA BALBI

Confesso algumas dificuldades por mim vividas para conseguir dados sobre Heliodoro Balbi, um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras, principalmente por ser uma personalidade esvaziada, no correr dos tempos, pelo desinteresse no estudo de sua obra, em uma região ainda não liberta do colonialismo, cultuando tudo o que vem do além rio e esquecendo os que aqui vivem, criam e padecem, embora já respiremos, nos ares, os perfumes de uma mudança.

Iniciei minhas pesquisas consultando a Encyclopédia Portuguesa Ilustrada, dirigida por Maximiano Lemos e edi-

tada, no Porto, no final do século XIX, e com alguns dados obtidos, na Internet, sobre os Balbi italianos. Depois consegui "Os Intérpretes da Amazônia" de Péricles de Moraes, e a sua biografia básica, no "Dicionário Amazonense de Biografias" de Agnello Bittencourt. Mais adiante ganhei uma cópia, aliás, incompleta, da Poliantéia "Em Memória de Heliodoro Balbi", do Grêmio Cultural do seu nome, editada em Manaus, em 1945, gentilmente cedida por este estudioso da Amazonologia, o admirável Evandro Carreira, membro titular da Academia Amazonense Maçônica de Letras e também pelo nosso confrade e amigo Narciso Lobo. Também não posso esquecer o trabalho beneditino de Almir Diniz, onde estão os dados básicos da História da nossa Academia, o livro "Acadêmicos - Imortais do Amazonas - Dicionário Biográfico" e a tese "Heliodoro Balbi e O Esbulho Eleitoral", do majestoso Almino Affonso, emprestado do presidente Elson Farias. Por fim, ao encerrar o trabalho, ouvi os depoimentos da doutora Sulamita Balbi de Lemos, ainda lúcida aos noventa e dois anos, e de sua bisneta a doutora Célia Balbi.

Na realidade pouco foi escrito sobre o trabalho literário de Balbi, talvez pelo fato de só terem atravessado o tempo três das suas obras primas poéticas. Os seus discursos inflamados e de improviso perderam-se ao vento, as suas obras jornalísticas, no fogo. Restam relatos sobre a sua personalidade e o seu caráter, que jamais se curvou aos poderosos, daí não ter sido reconhecido em vida, além dos sofrimentos pessoais, pelas perseguições, pelos seus poucos recursos, além de outros fatos ocorridos na sua vida pública, devido às suas posições firmes e definidas. Talvez por isso, todos choraram a sua morte e a da sua esposa, compulsivamente todos se sentiram culpados pelas duas, e as tristes lamúrias de arrependimento, por lhes terem negado uma mão amiga, ou por não terem recursos para tal, ecoam até hoje, apesar

de já se terem passado oitenta e sete anos, desde o seu passamento.

OS SOBRENOMES

Nasceu, a 16 de fevereiro de 1871, em Manaus, sendo filho de Nicolau Balbi e de Domiciana Bacury Balbi. Herdava dois sobrenomes, o materno, adotado em uma época de nacionalismos exacerbados, logo após a Independência, indicativo de uma planta da terra, o bacuri, e o paterno, o único que usaria, vindo de longe, de Ragusa. O nosso confrade Ruy Lins informa-nos sobre o seu nome completo: Heliodoro Nery de Lima Balbi

Por parte de mãe, teve por avô Manuel Antonio Bacury, por tios Marcos Bacury, avô materno do biógrafo Agnello Bittencourt, e o coronel Francisco Ferreira de Lima Bacury, nascido em 1848, todos de origem amazonense. Este último, o coronel Lima Bacury foi funcionário público provincial, começando como manauense e depois chegando aos mais altos escalões. Participou do movimento abolicionista amazonense, foi jornalista e político influente, tomando parte em todos os movimentos da época, inclusive do episódio da tentativa de deposição do coronel Taumaturgo de Azevedo, de que saiu ferido. Foi deputado estadual e federal por diversas vezes. Deixou escrito o livro "Efemérides do Amazonas", de 1884, e outro sobre os movimentos de 1892 e 1893, com 265 páginas. Talvez, por este lado, tenha Heliodoro herdado a maior parte do seu talento.

Do lado paterno pouco se sabe. Nicolau seria originário de Ragusa, pequena cidade então pertencente à Província de Siracusa, Sicília. O nome Balbi teria dois significados básicos, o primeiro, vindo do latim *balbus*, significando gago, e o segundo, contendo a palavra *baal*, de origem fenícia, pois os primitivos Balbos seriam naturais de Cádiz, cidade daquela origem, tendo adquirido a

cidadania romana, quando Pompeu concedeu este direito às localidades espanholas, que ficaram ao seu lado, na luta contra Sertório.

Teriam os Balbi sicilianos alguma ligação com os Balbi de Gênova ou de Veneza, essa poderosa família cujo escudo continha três peixes, como o da Cádiz fenícia, que possuía apenas um?

Os Balbi de Gênova destacaram-se na política da cidade, deram nome à famosa via Balbi, tiveram numerosos navios, belíssimos palácios, agências em Milão, Flandres, Antuérpia, Madri e Londres, para a compra de lã. Comerciam com sedas, lãs, madeiras e mercúrio, e tinham um banco internacional, o Banco Monte San Carlo, em Milão, depois vendido para essa cidade, e que até hoje existe. No século XV, o maior negócio da família foi o da seda, que lhe chegava através da Sicília, e aqui está a possível ligação dos Balbi sicilianos.

Lembramos que a Gênova medieval foi uma poderosa república marítima, cujos domínios estendiam-se até o mar Negro e o mar de Azo, na Rússia, estando em confronto direto com Veneza, na luta pelas linhas marítimas para Constantinopla, Alexandria e Jerusalém.

A FORMAÇÃO

Balbi fez seus estudos primários e secundários, em Manaus. Diplomou-se em Direito, pela Escola de Recife, em 1902, sendo escolhido como orador da sua turma, pelas suas qualidades, que já afloravam nesta época.

A CÁTEDRA

Regressou a Manaus, a 13 de junho de 1903, vencendo o concurso para a cadeira de Literatura do Ginásio Amazonense Pedro II. Mais tarde, em 1909, foi fundador e professor da cadeira de Filosofia do Direito da Universidade Livre de Manaus, a primeira estabelecida, no Brasil.

O CASAMENTO

Casou-se com Emília Vinhas Balbi, falecida, a 11 de outubro de 1917, conforme o livro de registros de enterramentos do Cemitério de São João Batista, após a sua partida para o Acre, com quem teve uma filha chamada Gioconda e dois filhos, Dolabela e Ernani. Mesmo antes da morte de Emília, já convivia com Joana Queiroz Balbi, viúva, por ele chamada de Joaninha, o seu alento, quando da sua doença, no Acre, onde com ela se casou.

A linha familiar de Dolabela, filho do primeiro matrimônio, continuou com Turenne e com a filha deste, a bisneta Célia Balbi, que, com dona Sulamita, nos ajudaram nesta pesquisa. O abandono da esposa e o recebimento da notícia do seu falecimento, quando já estava no Acre, trouxeram-lhe sérios arrependimentos, aniquilando completamente o seu espírito, no seu próprio entendimento.

JORNALISMO E POLÍTICA

O ESBULHO ELEITORAL

Pela sua brilhante oratória foi eleito deputado estadual, mas logo renunciou ao mandato, por motivos éticos. Organizou o jornal Correio do Norte de tendência oposicionista, onde combatia a corrupção então vigente no Amazonas. O resultado foi o empastelamento e o incêndio desse jornal, com a morte do seu gerente, além de vários atentados por ele sofridos.

Foi eleito deputado federal, mas não obteve o reconhecimento graças à interferência nefasta de Pinheiro Machado. Com toda a coragem, defendeu-se no próprio plenário da Câmara Federal, com a sua brilhante oratória, em que classificou os seus perseguidores de Manaus, cristalizando a frase: "os ladrões da minha terra são tão audaciosos que escalariam o céu, se lhes dissessem que as estrelas eram libras esterlinas", ou diamantes...

De novo eleito, teve o seu mandato usurpado. O resultado foi que, em 1917, estava financeiramente exaurido e com a mulher doente, talvez de tuberculose.

Vejamos alguns detalhes dessas ocorrências estudadas com profundidade por Almino Affonso, quando relata a eleição de Balbi para a Câmara Federal, em 1906, mas apesar da vitória nas urnas não foi reconhecido, pela Comissão de Verificação de Poderes, o que se tornara corriqueiro como podemos verificar no número seguinte de eleitos refugados pelo Congresso: na Legislatura de 1900-1902, 74 negativas, na de 1912-1914, 91 e na de 1915-1917, 63.

Segundo Affonso, Balbi chegou ao Rio, em 1906, mas não foi reconhecido, sendo substituído por Henrique Ferreira Pena de Azevedo. Os Nery apoiados por Pinheiro Machado venciam o político que representava a resistência moral à sua oligarquia. O documento com que tentou defender a legitimidade da sua eleição é um libelo contra essa oligarquia, que há oito anos dominava o Amazonas, envolvida em farsas, compras de consciências, de milhares de contos de réis gastos em obras portentosas, de outros milhares adquiridos em empréstimos externos, agora transformados em monumentais dívidas, na prática do empastelamento e incêndios dos jornais oposicionistas, ao ponto das empresas seguradoras não mais quererem emitir apólices para prédios onde funcionassem oficinas jornalísticas, sendo este o fim do Diário do Amazonas, da Pátria, do Brazil, da Federação, do Amazonas e do Quo Vadis.

Em 1909, foi de novo eleito e mais uma vez não reconhecido. O mesmo aconteceria nas eleições de 1915, completando três esbulhos inacreditáveis, além de ter a sua atividade de advogado prejudicada e os seus ordenados de professor suspensos.

UMA FUGA

Informaram dona Sulamita e a bisneta Célia, que em determinada época de sua vida, foi marcado para morrer, tendo sido salvo por amigos, talvez maçons, que o mandaram para um local distante. Consegui ler uma carta dirigida a Joana Balbi, datada de 6 de novembro de 1913, em que relata estar vivendo à beira de um mar tempestuoso, onde viu um grande navio afundar, um local bastante frio, nos meses do fim desse ano, por ele denominado de LEYSINI, que não conseguimos identificar. Nesta carta cita os dois oficiais da Polícia Militar aliciados pelo governador, para matá-lo: um capitão e um tenente.

A PRIMEIRA GRANDE GUERRA

No ano de 1917 continuava a Grande Guerra, com Manaus envolvida na sua mais terrível crise econômica, pois o Oriente controlara o mercado mundial da borracha, através de suas gigantescas produções, que resultavam em preços cada vez mais baixos. A população local passava necessidades e se quotizava para a compra dos escassos alimentos que aqui chegavam, devido à guerra submarina, levando à suspensão de todo o tráfego mercante, no Atlântico Norte. No interior grassava a fome nos seringais, pela falta de mantimentos, e as famílias dos seringueiros andavam nuas, sem recursos para adquirir vestimentas. O nível de resistência dos amazonenses estava baixíssimo.

A ACADEMIA

Apesar da depressão econômica, um grupo de intelectuais da terra ousara instalar a Academia Amazonense de Letras, a 1º de janeiro de 1918. Heliodoro Balbi, foi considerado o fundador da cadeira nº 2, embora ausente de Manaus, pois já se encontrava no Acre, sendo a sua inclusão uma reverência às suas qualidades literárias

e à sua cultura. O patrono escolhido para a sua cadeira foi o ensaísta e literato Tito Lívio de Castro, cuja biografia pode ser lida na obra de Almir Diniz, mais tarde transformada na de nº 29, sendo o seu atual patrono o poeta Castro Alves.

Heliodoro apesar de ausente foi o primeiro vice-presidente dela, eleito para a primeira diretoria, que teve por presidente o sempre lembrado Adriano Jorge. A vaga a ele pertencente foi depois preenchida por Manuel José Ribeiro da Cunha, autor de uma notável peça de oratória, lida em sua posse.

Em 1917, Heliodoro estava financeiramente exaurido, como já vimos, e não só ele, mas toda a população amazonense. Por isso resolvera ir para o Acre, tentar a sorte, onde aceitara uma causa, que lhe daria um desafogo, não havendo quem o fizesse mudar de idéia, e, apesar da mulher doente, embarcou para aquela região, que já não era o El Dorado de uma década antes.

Quando o Purus estava cheio, esta viagem durava uns trinta dias, devido à extensão do rio e a navegação cautelosa, com as tronqueiras presas ao fundo rio e os troncos flutuantes, torrões, bancos de areia e troncos presos ao leito, daí a navegação ser feita com cuidado, para evitar acidentes, além do risco de uma vazante brusca, possibilitando o encalhe. Nas vazantes a viagem prolongava-se pelos riscos dos torrões e dos bancos de areia, prendendo os navios até a nova enchente. Os navios gaiolas e as chatinhas que faziam a linha regular pelo Aquiri, além de Rio Branco, chegando a Xapuri e Brasiléia, já pertenciam à Amazon River de Percival Farquar, comprada aos ingleses da Amazon Steamship, havendo um ótimo serviço de bordo, com camas limpas e boa alimentação. No verão, os navios de maior calado não passavam de Lábrea, às vezes nem as chatinhas, embora nos anos menos secos elas atingissem Boca do Acre.

Balbi escreveu sua primeira carta para Joana, a 22 de julho de 1917, da cidade de Xapuri. Ainda de Xapuri, datada de 9 de agosto do mesmo ano, chegou-lhe a segunda missiva, onde se queixava da falta de trabalho, inclusive pela inexistência de juiz. Por uma delas mandou-lhe 200\$000, através do amigo doutor Pedreira, portanto há quase três meses antes do falecimento da primeira esposa.

Uma nova carta, de 12 de junho de 1918, parece tratar do casamento de ambos. A sua vontade era a de voltar o mais rápido possível para Manaus, mas os compromissos e as dívidas que adquirira o impediam de realizar este propósito, porém já começara a pandemia de gripe espanhola, que logo atingiria o Brasil e o Acre.

A GRIPE ESPANHOLA E A MORTE

Não se sabe como esta doença apareceu no Mundo, no final da Grande Guerra, começando pela Espanha, em março de 1918, onde recebeu o seu nome de batismo. Alcançou o Brasil, em setembro de 1918, a partir de Dakar, no Senegal, onde estacionara a esquadra brasileira, que ia para a guerra, com os primeiros casos surgindo, a 6 de setembro, rapidamente adoecendo 95% do efetivo, com 156 óbitos. Em novembro, já fizera 20.000 mortos, no Rio, e, em todo o Brasil milhões de pessoas estavam acometidas, pois era altamente contagiosa. Atacava o sistema nervoso central, evoluindo com febres, catarro, dor frontal intensa, dores musculares, fraqueza, lassidão, agitação, sufocação, resfriamento das extremidades e morte, sem qualquer remédio que interferisse no seu avanço mórbido. Os médicos recomendavam assepsia da boca, sais de quinino, alho, infusões de eucalipto, arsênico, antimônio, digitálicos e cânfora, medicação inócua e altamente tóxica. A população preferia o aguardente e o

limão, que chegou a ser vendido pelo astronômico preço de 5\$000 a unidade.

No Amazonas, com a situação econômica de crise e um grande número de carentes e desnutridos, com queda de resistência, ela foi de uma violência brutal, tanto na cidade de Manaus, como no interior. Aqui ela começou, em setembro de 1918, e apesar de todos os esforços para o seu controle, produziu mais de 2.000 óbitos, podendo ter alcançado mais de 6.000, considerados os do interior e os da periferia da cidade, cerca de 10% da combatida população de Manaus. As vítimas chegaram a ser recolhidas de caminhão e enterradas em valas comuns, no cemitério de São João. Felizmente, a partir de janeiro de 1919, os casos foram rareando progressivamente.

No Acre, atingiu Sena Madureira, a 25 de novembro de 1918, com a chegada de doentes, pelo vapor Óbidos, da Amazon River, mas foi benigna, sendo mais virulenta, em Rio Branco, onde apareceram mais de 300 casos, em dezembro. Recrudescer, em Sena, em janeiro e fevereiro de 1919, com uns 2000 doentes e 51 óbitos.

Neste momento da pandemia foi que Heliodoro Balbi a adquiriu, vindo a falecer da doença, a 26 de novembro de 1918, em Rio Branco, amparado pela sua esposa Joana Queiroz Balbi, sendo enterrado no cemitério daquela cidade, tendo a idade de apenas 42 anos. A sua morte dava-se após mais de um ano da morte da sua esposa, em Manaus, e a mais de quinze meses de sua partida da nossa capital.

No Acre cita como amigos, em suas cartas, Godofredo Maciel, Oton Cambeses e o coronel José Ferreira. Diz já ter alguns inimigos, em Empresa e que está preparando um habeas corpus para certo Galdino.

O ENTERRO DOS OSSOS

A pedido de intelectuais do Amazonas, o governador do Acre, o doutor Hugo Carneiro, que fora prefeito de Manaus, mandou exumar os seus ossos, a 24 de janeiro de 1928, em tocante cerimônia, a que se seguiu um cortejo acompanhando a urna funerária até à matriz de São Sebastião, e daí para o Grupo Escolar 7 de Setembro, onde aguardou embarque para Manaus, até o dia 13 de fevereiro, quando em nova procissão cívica, tendo à frente o referido governador, levou-a para a bordo do barco que transportaria esses restos, escoltados pelo vice-governador José Lopes de Aguiar.

Aqui chegaram, a 25 de fevereiro de 1928, para o enterro definitivo, no cemitério São João Batista, sendo recebidos por uma grande multidão, presentes todas as classes sociais, o governador do Estado, o prefeito, professores e alunos do Ginásio Amazonense.

DEPOIMENTOS NA POLIANTÉIA

A Poliantéia, Em Memória de Heliodoro Balbi, organizada pelo Grêmio Cultural do seu nome, em 1945, constitui-se em um conjunto de depoimentos, alguns coetâneos, sobre a personalidade, os posicionamentos, o exercício do jornalismo e da política, e as qualidades de orador nato do nosso literato em estudo.

Em grego, os termos poli e anthos, correspondem às palavras muitas e flores, em português, em que flores são trechos literários, da mesma forma que a palavra antologia significa colher flores. Assim a Poliantéia constituiu-se de textos curtos de diversos autores sobre Balbi. Vejamos as opiniões e os posicionamentos por eles adotados a respeito de Balbi.

PÓRTICO

Em que a direção do Grêmio Literário Heliodoro Balbi alegra-se com a escolha da sua denominação, pelos símbolos e pelos exemplos que ele representou e produziu: persistência diante dos maiores percalços, coragem de enfrentar o poder, abnegação no trabalho e altruísmo por não pensar em vantagens pessoais.

BIOGRAFIA

Extraída da Corografia do Estado do Amazonas, da autoria de Agnello Bittencourt, trazendo alguns de seus dados biográficos básicos.

UM HOMEM SÍMBOLO

André Araújo comentou a sua passagem pela Faculdade de Direito de Recife, uma das escolas superiores para onde iam os estudantes amazonenses, a outra foi a Faculdade de Medicina da Bahia. Nelas dezenas de promissores amazonenses foram estudar, muitos jamais voltaram. Ambas ficavam mais perto, o ensino era bom e a vida urbana mais tranqüila.

Meu avô Antonio Pinto do Areal Souto foi um desses. Saiu do Juruá para os preparatórios em Fortaleza e acabou terminando o seu curso de Direito, em Recife, em 1909. Ao fugir da oligarquia dos Accioly, pelos seus discursos inflamados, foi parar, com outros colegas, na Paraíba, onde o governo Lucena, aliado dos oligarcas, quis recambiá-los, obrigando-os a uma fuga inesperada e noturna, para o Recife, onde foram acolhidos fraternalmente.

Balbi sorveu a cultura jurídica pernambucana, uma das melhores daquele tempo, onde pontificaram e viveram Tobias Barreto, Sílvio Romero, Martins Júnior, Laurindo Leão, Constâncio Pontual, Braz Florentino, Phaetonte da Câmara, Barros Sobrinho, Gervásio Fioravante, Nunes

Machado e outros, onde absorveu o positivismo de Conte, o materialismo de Holbach e o evolucionismo.

Para André Araújo ele foi um verdadeiro discípulo de Laurindo Aristóteles Carneiro Leão, ilustre professor de Filosofia daquela Faculdade, mas por ser um dispersivo, o seu talento foi perdido, apesar dos seus belos discursos e de suas defesas jurídicas.

Ao traçar-lhe o perfil, designou-o como um filósofo verdadeiro. Foi irônico, piedoso, erudito, perdoando os perseguidores, esquecendo a infâmia e a intriga. Era visceralmente bom e sobrepunha-se a todos pelas suas qualidades. Foi um boêmio que soube conduzir-se, ensinando e doutrinando, com seu exemplo de vida. Com sua palavra cativava a todos que tinham fome e sede de justiça, os perseguidos, os que choravam. Foi temido e respeitado pelo seu talento e por sua dignidade.

Por esses dois últimos predicados, no dizer de André Araújo "quase o mataram de fome, nada foi em sua terra, embora sua cultura fosse extraordinária, conhecendo profundamente os campos do Direito, da Sociologia, da Filosofia e da História, jamais sendo vencido pela prepotência dos homens".

A SUA VIDA NO ACRE

O vice-governador do Acre José Lopes de Aguiar em seu discurso de entrega dos ossos de Balbi ao Amazonas, a 25 de fevereiro de 1928, como emissário do governador Hugo Carneiro, relatou que a exumação foi a pedido da população amazonense, tendo o falecido de gripe espanhola, quando a pandemia chegou ao Acre.

Ao conhecê-lo já havia uma "perene sombra de tristeza", em sua fisionomia. No curto período de sua passagem pelo Acre, com ele trocou idéias sobre diversos assuntos principalmente a respeito dos casos em julgamento no tribunal de Rio Branco. Pouco depois da

sua chegada, na realidade após três meses de estabelecer-se, em Xapuri, foi abalado, "aniquilado pelo infortúnio" da notícia da morte de sua esposa.

Para ele, Balbi fora "um literato, um jornalista, um orador, um professor, um filósofo, um poeta, um amigo de sua terra, um grande sofredor. Como político e advogado simbolizava a fé no ideal republicano, como um indefeso apóstolo do direito, da verdade e da justiça". "Orador e polemista de fôlego, sua palavra inflamada tinha o poder de levantar as turbas, de transfigurar o auditório, produzindo deslumbramentos".

DEPOIMENTOS

O MEMORIAL DE PÉRICLES MORAES

É o mais triste e dorido de todos esses depoimentos, demonstrando a amizade do autor pelo falecido, mesmo por que viveu os momentos da decisão da sua ida para o Acre. É um elogio fúnebre a Balbi, composto por sete magníficos capítulos.

UM MÊS DEPOIS...

Refere-se aos trinta dias da morte do grande sacrificado. Trinta dias de lembranças, com a sensação, a alucinação da sua presença viva, com os olhos fulgurando as centelhas do gênio. Tudo sonhos, desalentos de saudade, desvarios de lembranças.

MORTO IRREMEDIAMENTE MORTO...

O autor continua angustiado com a perda. Confessa a sua grande admiração por Balbi, não sabe se pelo seu poder criador, ou pela sua superioridade de atitudes. Um homem muito acima das mediocridades da sua época.

ADMIREI-O POR ESSAS NOBRES ATITUDES

A meditação e a tristeza pela perda continuam. Suas qualidades são exaltadas: heroísmo, abnegação, um gigante entre liliputianos, resignado, bondoso.

A ÊXEDRA ACADÊMICA

Texto enigmático, de difícil interpretação, por não sabermos de que Êxedra se trata. Abro o dicionário e procuro o significado da palavra, vejo que se refere a uma sala de conversas ou discussões acadêmicas científicas ou filosóficas, mas no texto parece-nos algum livro, um simbolismo sobre a vida de Balbi, cheia de ilusões perdidas, de idealismos destruídos, equivalendo à de Camilo Castelo Branco.

A TERRA DAS ILUSÕES

É a lembrança do dia em que Balbi comunicou ao autor a sua decisão de ir para o Acre. De volta da festa natalícia de um poeta, foi até à sua casa, ao seu gabinete de estudos, onde havia um busto de terracota de **Leon Dierx**, algumas obras de arte, livros espalhados, anotações a lápis e um retrato a crayon de Emília Balbi. Ali cofiando o bigode, olhando os espirais da fumaça do seu cigarro, à pergunta sobre o que pensava, levantou-se dizendo que ia para o Acre, pois já empenhara a sua palavra. Moraes tentou dissuadi-lo pela doença irreversível de sua esposa, por ser uma fuga, pelos riscos da insalubridade. Foram propostas outras soluções, mas a tudo se mostrou irredutível. Moraes então fez a última tentativa; “Olha que não encontrarás com vida dona Emília. . .” Ele passeou no estúdio, de um lado para o outro, postou-se à frente do retrato da esposa, e desceu rapidamente a escada e desapareceu.

Seis meses depois da sua partida Balbi escreveu a Péricles dizendo ainda estar estonteado, com uma

grande sensação de aniquilamento. Não podendo partir por ter muitos constituintes, interesses e compromissos. Achava que em fevereiro estaria de volta, mas não viajaria enquanto não conseguisse solver seus compromissos, preferindo morrer. Terminava a carta dizendo: "O ACRE É UMA GRANDE ILUSÃO".

Sim, o Acre já deixara de ser o El Dorado há uma década. Ali tudo estava em decadência, a sua viagem fora inútil. Aliás, o motivo dela, segundo Agnello Bittencourt, fora a falta de pagamento do seu salário de professor do Ginásio. O poema Terra Acreana, de Areal Souto, publicado em 1924, definiria esta situação do Acre.

Terra de sacrifícios e de lutas mortais,
Vale de Josafá, fonte de tantos ais...
Tebas, Palmira, Assur, desmoronadas portas!

Como devem te olhar estes gênios de escombros.
Como deve ser triste apertar em seus ombros.
O sudário fatal de outras cidades mortas.

UM TALENTO DISPERSIVO

Péricles comenta neste capítulo que Balbi nada, ou quase nada deixou para a sua glória, para os julgamentos dos pósteros, e relaciona: "papéis velhos, artigos de jornais, ensaios, crônicas de atualidades, artigos de polêmica, versos aqui e acolá, epigramas, sátiras, estudos filosóficos, correspondências literárias, o folheto do célebre Discurso da Formatura de Recife". Porém jamais fez um livro, talvez pela sua vida difícil. Por ser dispersivo, sem constância, perdendo seu tempo nos cafés e no bilhar. "minguava em Balbi a perseverança no esforço, que redundava em lastimosa incapacidade produtiva". Contudo "perpetrava a crônica com maestria".

Revela que ele escreveu com os pseudônimos de Don Pelayo, Emilio Reis, J. Tissot. Foi poeta admirável emancipado de escolas, sendo o seu poema Flor de Pedra por ele classificado como parnasiano. Os seus poemas estão dispersos nos jornais. Os mais novos desapareceram na sua viagem para o Acre.

GRANDE BALBI!

Ninguém conseguira demovê-lo da viagem. A esposa estava doente e Moraes a viu em seu leito de morte, mas não agüentando a cena saiu indo aguardar Balbi, na praça próxima. Depois de alguma demora Balbi veio procurá-lo. Dando um forte abraço em Moraes, disse-lhe, com a voz embargada: "Tu não imaginas a minha angústia! Acabo de abraçar um cadáver..." Chorava convulsivamente e Moraes também. A partir de hoje sabemos que isto se dera meses antes desta morte, não tão próxima dessa partida.

O VERBO DE BALBI

Foi o elogio de João Leda às qualidades do autor principalmente como orador político, jornalista e catedrático. Para ele "Muito mais que a atuação catedrática do mestre, muito mais que os triunfos do jornalista e os ensinamentos do crítico, entreluzem na memória da geração que vai passando as orações formidáveis desse ídolo das turbas, de quem ficaram altos pensamentos, ainda hoje repetidos com saudade por aqueles que o amaram e admiraram".

BALBI O IDEALISTA

Esta foi a sua principal qualidade apontada por Huascar de Figueiredo, na Poliantéia. A sua mais vivida lembrança de Balbi foi a de tê-lo ouvido discursar em um comício, na Praça General Osório. Neste primeiro contato

viu que não se tratava de um orador no estilo da velha escola, cheio de gesticulações, com a voz alta, olhos esbugalhados, suores e adjetivos, mas de uma palavra sóbria de linguagem elegante e de frases perfeitas, não havendo a preocupação imediata para arrancar aplausos. Parecia estar no desempenho de um sacerdócio, voltado para o futuro. Segundo Huascar de Figueiredo, os seus artigos jornalísticos tinham um estilo próximo ao do gongorismo, cheio de palavras pouco usadas, selecionadas com critério visando a musicalidade e o ritmo dos períodos. Havia nele uma predestinação, qualquer coisa de misticismo. Mais tarde pela maior aproximação com Balbi viu que realmente a sua posição era ideológica. A sua atitude de combate justificava-se pela sua significação idealista, escravizado às ilusões de estudante, seu espírito não se conformara e nem se deformara, pelas contingências e asperezas da vida real. Dedicado completamente ao jornalismo, perdendo noites, muitas horas de propaganda em comícios e reuniões políticas, não conseguiu alterar o processo administrativo corrupto, nem o panorama político de sua terra, talvez até pela sua curta vida. As suas idéias de perfeição não foram abandonadas, mesmo no Acre, onde viveria menos de um ano, entrando em polêmica ideológica com Bruno Barbosa.

Para Huascar “foi um exemplo digno de ser imitado. Batalhou pelos seus ideais de perfeição até a morte, que o colheu impiedosamente ainda em plena força da idade, imolando-o na arena em que havia aparecido, como os antigos gladiadores, para as pelejas espirituais, com a coragem destemida de suas virtudes cívicas”.

UM CAMPEADOR AMAZÔNICO: HELIODORO BALBI

Nele Péricles de Moraes faz referências ao papel de Balbi na História do Amazonas, pelo seu valor mental, integridade, independência e desassombro individual.

“Tinha o entusiasmo sagrado pelas causas que defendia. E uma dignidade de pirâmide”. Foi imolado pelos usurpadores. Mas jamais deixou de enfrentar a camarilha, como um Cid Campeador amazônico.

OBRA LITERÁRIA

Parece que a maior parte da obra literária de Balbi desapareceu com o tempo ou está à espera de alguém que queira reuni-la. O seu talento foi gasto dispersivamente em artigos jornalísticos, que precisam ser catalogados, e em discursos de improviso, perdidos para as letras, para a literatura escrita. Dos escombros restaram trechos, saudades e recordações de seus discípulos e admiradores.

O seu discurso como orador de sua formatura, tão citado pela maior parte dos depoentes, não conseguimos lê-lo. Do poemeto Relicários, que Agnello Bittencourt disse ser próprio para uma leitura à beira de seu túmulo, ainda penso em encontrá-lo.

Restam-nos apenas o soneto e o poema publicados na Poliantéia: Durante a Febre e Flor de Pedra.

“Durante a Febre” é um delírio transformado em soneto, conforme o seu próprio título. O poeta sente a Morte e quer ser lançado no mar Vermelho, por cuja superfície ela arrastará o seu corpo ainda quente. Os seus sonhos, a sua alma e o seu corpo flutuam e ele se debate inutilmente por estar preso às teias da morte. O seu sangue jorrando é transformado em um ocaso radioso. Mudo rodopia em espirais e através de suas órbitas sem olhos tem a ilusão de um combate de luzes.

DURANTE A FEBRE

Morrer!

E ser lançado ao mar, no mar do Oriente. . .

No teu dorso senil, ondas do mar Vermelho!

E no **deflúvio** real do teu líquido espelho
Ir a Morte arrastando o meu corpo inda quente. . .

Meu loiro sonho! Minha pobre alma! Meu velho tronco!
A flutuarem dentre os juncais da corrente. . .
E debater-me em vão! Como em vão loucamente
No **aranhol** se debate um áureo escaravelho!

No alto do céu radioso o ocaso dos Oceanos. . .
Meu sangue a jorrar pondo vermelhas estrias
Na garganta de luz dos **esqualos e goelanos**. . .

E eu só! E eu mudo! A rodopiar em caracóis!
Tendo, através das rubras órbitas vazias,
A ilusão imortal de um combate de sóis. . .

Sem dúvida esse é um soneto simbólico em que as cores e as sensações de um delírio verdadeiramente sentido, são apresentadas abertamente com alma e paixão.

As flores sempre atormentaram os simbolistas, desde as Flores do Mal de Baudelaire, embora nessas flores de Balbi exista algum lirismo. O mote dado por Dante, nos dá uma pista. O autor estaria apresentando plantas produtoras de flores, mas todas contendo alcalóides, que levavam ao abuso, pelo uso constante, em determinadas doenças, para as quais eram receitadas, daí o seu rancor contra a Natureza, talvez por essa causa. Exemplo disto foi o elixir paregórico, contendo uma determinada quantidade de ópio, com muitas pessoas adquirindo o hábito e depois o vício.

São versos como os de tantos outros simbolistas, que se inspiravam em Baudelaire, nos aromas "de ópios e nardos", nos dizeres de Péricles de Moraes. Mas Balbi odiava essas flores do mal e daí o seu ódio à Natureza.

Sendo um grande estudioso, conhecia os seus efeitos deletérios.

Apesar de existir, na sua sala de estudos uma estátua de terracota do parnasiano Léon Dierx, que ele devia admirar, os dois trabalhos aqui apresentados são simbólicos, sob o meu ponto de vista, no máximo em um grau intermediário entre o Parnasianismo e o Simbolismo, como aconteceu a muitos autores daquela época.

FLOR DE PEDRA

*Ó voi ch'avete gl'intelletri sani
Mirate la dottrina che s'ascende
Sotto il velame delli versi strani (Dante)*

Esta, por ser talhada em pedra fria,
Talvez, senhora, menos vos agrade,
Talhou-a o fogo ideal da fantasia,
No mármore pagão da **egrégia** Hélade.

Um dia o artista, olhando um bloco, sente,
A alva **sirma** dos sonhos a seguí-lo,
E, sem pensar alucinadamente
Pega do bloco e crava-lhe o **anfismilo**.

Primeiro a mão nervosa rasga e aviva
O traço, que o circunda, e cinge em torno,
E vê, pasmado, a curva de uma ogiva,
Na branca cinzeladura de um contorno.
De novo o bloco **escinde** e, pontilhando.
O centro ergue o **pistilo** à luz radiosa,
E exulta ao ver um sol agonizando,
No áureo **cariz** de um cinto de rosa. . .

Além já solta a fibra, o caule desce

Sutil, rolando em balbucio de onda,
E, entre pompas, viceja e transfloresce,
O mais rijo bloco se arredonda.

Ai, brunindo a aresta branca e lisa,
Das folhas, (que as talhara iguais ao trevo),
Levanta a mão graciosamente e frisa
As linhas dos relevos num relevo.

E salta à luz, estonteante e presa,
Da brancura do mármore risonho,
A flor que encerra em si toda a beleza,
Das **nevroses** do céu e ânsias do sonho. . .

Losna ou **meimendo**, venenosa ou santa
Flor! **Carquísio** da vida e uma da morte,
(Exclama), teu primor meu braço espanta,
Nunca meu braço mais a pedra corte.

Mas furioso o artista neste instante
Quebra a flor e do mármore renega,
Pois não lhe dera a natureza amante,
O **estuoso** aroma da **giesta** grega

A flor de pedra é como o verso: toma
O supremo lavor que o fere e anima,
Mas neste, o sentimento é como o aroma:
Foge rindo e cantando à flor da rima.
Pedis senhora um canto. . . e o **plectro** firo
Quero a emoção suprema na beleza. . .
Por isso o **plectro** despedaço e atiro
Ao céu o grito de - **ÓDIO À NATUREZA!**

VEM ALMINO AFONSO

Passados alguns dias da leitura desta biografia, recebi uma carta de Almino Afonso, datada de 25 de outubro de 2005, trazendo novos esclarecimentos e complementos, que me levaram a publicar alguns de seus trechos.

'Em primeiro lugar a missiva revelou-nos que a Poliantéia foi editada pelo esforço conjunto dele próprio e de Antonio Angarita, Manoel Otávio Rodrigues de Souza, Olavo Sobreira Sampaio, Evandro Carreira, Humberto Calderaro Filho, Ilson Guimarães de Oliveira e outros. Quanto ao poema citado por Agnello Bittencourt sob a denominação de "Relicários", este tem a denominação correta de "Sepulcrários", publicado no belo livro de Almino: "Testemunhos e Perfis", em 2003, mas por ele recitado, em 26 de novembro de 1945, na sessão alusiva ao 27º aniversário da morte de Heliodoro, na Associação dos Professores do Amazonas, que ora publicamos uma vez reencontrados pelo nosso grande jurista.

SEPULCRÁRIOS

É noite, coração... Pausando o sino
Chora a nênia dos mortos. Ouves bem?
A nênia das saudades que o destino,
- Espectro zombeteiro e peregrino
Despreza com desdém.

É a hora da tristeza, dos gemidos,
Das ânsias de pesar, dos ais de dor.
- Pela estrada vão vultos doloridos
- À tumba dos que morrem esquecidos
- Meu amor, meu amor!

Segue-os no pó da estrada - passo a passo,
Passo a passo caminha - segue-os, vai!

Presos na mesma dor, no mesmo abraço,
Verás mortos de sono e de cansaço
O filho e o velho pai...

Entra: é cemitério onde se libra
Na terra quem tombou;
Onde a matéria é ser, mas não mais vibra.
Um som, que a lira d'alma, fibra a fibra,
Corda a corda, estalou!

Por entre braços negros de mil cruzes,
Por entre o crepitar de tantas luzes
- Vês um vulto no chão?

É uma virgem loura que - de bruços
Murmura em ais de trêmulos soluços
"Meu irmão... meu irmão..."

Amor... segue o gemido - espaço a fora
Espaço a fora - vai!
Não te importe o silêncio que apavora,
Vinga o vácuo de luz. Vês bem?... agora
O gemido se esvai...

São as tumbas do azul no azul - funéreas...
Onde estrelas, lâmpada sidéreas,
São tochas n'amplidão!

Onde as nuvens - são campas erradias,
Lençóis - estendais das brumas frias,
Tempestade - a oração!

Vês por entre a flama encandecida
Um flácido palor?

É o gemer de um raio já sem vida,
Que desce, céu abaixo, sem guarida,
Meu amor, meu amor!

Acompanha-o na queda, desce, desce,
Segue-o, segue-o, anda, vai...
Já a carreira aumenta, recrudescer,
Aqui - medonho mar murmura a prece,
- No mar ele se esvai!

- Nova tumba. Tem por mortalha branca
A névea espuma que do seio arranca
A vaga no chorar.

Por fantasma - o dançar das brancas velas
Por entre os alaridos das procelas,
- Novas mães a rezar

..Túmulos só! Durante a tua jornada
Viste apenas, amor...
Quer seguindo o viajor da longa estrada,
O soluço da virgem desmaiada,
Ou o raio sem rubor!

Tantos túmulos viste! E, sorridente
Como o destino, riste alegremente.
O riso do desdém
Sem saberes que em ti gravou-se funda
A larva infecta; a podridão de inunda:
És túmulo também!

Sudários denegridos - são-te os sonhos
Que a vida mirrou...
Espectros negros, lívidos, tristonhos.

O tédio e o desespero - hirtos, medonhos.
Com que o amor te brindou.

Agora vai... Que és túmulo - já viste...
És átomo de pó que não existe,
Que rola pelo chão!
Si tens gemidos - chora; vozes, - grita!
Chora! Que a vastidão é infinita,
Coração, coração!...

Talvez, esse poema nefelibata de Heliodoro, seja o mais belo da sua produção, por isso fomos obrigados a completar o nosso texto, transcrevendo-o, e, em decorrência deste fato, acrescentamos mais algumas palavras com o título Para entender Balbi.

PARA ENTENDER BALBI

Pela existência de muitas palavras em desuso ou de pouco uso, visando a uma melhor compreensão dos seus textos, achamos por bem criar este vocabulário final, para melhor entendermos Heliodoro Balbi.

Anfismilo - do grego anfi = de ambos os lados e smilé = faca - escapelo ou bisturi de dois gumes, usado para desbastar pedras.

Aranhol - local onde a aranha tece a sua teia

Atropina - Um alcalóide. Os efeitos atropínicos diminuem e perturbam a sensibilidade e a motilidade, produzindo cefalalgias, vertigens, produzindo secura da pele e das mucosas. Em doses tóxicas produz dilatação da pupila, alucinações, delírios, respiração ofegante, pulso lento e irregular, tremores, vômitos, espasmos, parada respiratória, coma e morte. Encontrada na planta *Athropa belladonna*. A hiosciamina do meimendo tem efeitos atropínicos.

Cariz - aparência do céu ou da atmosfera, no caso dourada.

Carquésio - do grego karkhésion = vaso para beber, uma taça com duas alças em forma de orelha.

Deflúvio - do latim defluvium de defluere - escoamento de líquido.

Egrégio - do latim egregius - insígne, ilustre, admirável, nobre.

Escinde - do latim scindere - cindir, cortar, rasgar, dividir.

Esqualo - tubarão.

Estuoso - do latim aestuosus, de aestus= estio, verão - que tem grande calor, ardente, agitado, tempestuoso.

Êxedra - Sala de discussões ou de conversas científicas e filosóficas.

Giesta - do latim genista - diversa plantas da família das leguminosas. De uma delas era extraída a esparteína, um remédio muito tóxico, então utilizado para as doenças cardíacas, regularizando o ritmo e aumentando as pulsações.

Goelanos - talvez de guela ou goela - corresponde ao laringe e ao faringe, na base da língua e no fim das fossas nasais. Peixes de grandes goelas.

Léon Dierx - Poeta francês nascido na ilha da Reunião, em 1838. Escreveu Poemas e Poesias, Os Lábios Cerrados, O Encontro, Os Amantes e As Palavras do Vencido. Parnasiano de grande pureza, precisão e estilo. Discípulo de Leconte de Lisle na doutrina da arte pura, no seu pessimismo clássico de que a poesia não tem finalidade educativa, nem virtude moralizadora. O mentor do parnasianismo foi Théophile Gautier, a partir de 1836, quando disse que a beleza era a única verdade e finalidade da criação. Após a morte de Mallarmé, em 1898, Dierx foi considerado o Príncipe dos Poetas.

Entre os principais parnasianos franceses estão: Leconte de Lisle, Catule Mendés, François Coppée, Leon Dierx, Malarmé. No Brasil, a partir de 1870, Alberto Oliveira, Raimundo Correia, Olavo Bilac, Luis Guimarães Junior, Luis Delfino.

Já o Simbolismo começa um pouco depois com As Flores do Mal de Baudelaire, em 1857. Verlaine nos Poemas Saturnianos entra no Simbolismo, e, em Poetas Malditos chama atenção para Malarmé, Rimbaud e Tristan Corbière.

Libra - fundamenta, equilibra, balanceia, enterra.

Losna - Plantas da família das compostas, e entre elas a losna maior ou absinto (*Arthemisia absinthium*) do grego absinthion = impossível de beber, por ser muito amarga e aromática e artemisia, de Artêmis deusa que presidia os partos e socorria as mulheres doentes. Era usado para doenças do estômago, estimulante, febres, tônico. Sua preparação alcoólica podia levar ao vício, com aumento de sensibilidade, alucinações, perda de motilidade e da força muscular, irritabilidade.

Meimendo - do latim milimendrium - plantas medicinais da família das solaneas, de onde se extrai o alcalóide hiosciamina.

Nênia - canto fúnebre, plangente, toada melancólica, elegia. Na Roma antiga utilizavam-se das carpideiras, para o seu canto. Canto das amas.

Nevroses - doenças dos nervos, nervosos.

Palor - Palidez

Paul Marie Verlaine - Metz, 1844-Paris, 1896 . Como parnasiano publicou, em 1866, Poemas Saturnianos. Depois, Festas Galantes, 1869, Boa Canção, 1870. Comprometido com a Comuna, fugiu para a Inglaterra e depois Bélgica. Romance Sem palavras, 1874. Sabedoria é a sua grande obra. Poetas Malditos e Outrora e Há Pouco.

Em 1895, publica o seu último poema: *Morte*. Poesia atormentada e violenta. Parnasiano, tornou-se simbolista. Pistilo ou gineceu - do latim *pistillus* - órgão sexual feminino localizado nas flores

Plectro - do grego *plektrón* - haste de marfim ou de ouro que servia para tocar as cordas de uma lira. Também foi o nome com que se designava a Poesia Lírica. Inspiração poética. Poesia. Ponta de lança. Instrumento Simma - do grego *surma* - manto de teatro usado na tragédia, por atores representando deuses e heróis. Vestido roçante e de cauda.

Stephane Mallarmé - Nasceu em Paris, em 1842, e faleceu, em 1898. Escreveu *Verso e Prosa*, em 1893, *Divagações*, em 1897, *Poesias Completas*. Primeiro foi Parnasiano e depois Simbolista.

(Biografia organizada pelo Acadêmico Antonio José Souto Loureiro, por ocasião de palestra realizada na Academia Amazonense de Letras).



OCUPANTE: EVANDRO CARREIRA

O bacharel em ciências Jurídicas, Evandro das Neves Carreira nasceu em Manaus, Amazonas, a 24 de agosto de 1927, sendo filho de Tocandira Balbi Carreira e da senhora Inácia das Neves Carreira. Esse combativo advogado é sem dúvida, um dos amazonenses mais inteligentes que o autor deste ensaio conhece, desde os tempos de aluno da Faculdade de Direito do Amazonas, localizada na Praça dos Remédios, Centro urbano de Manaus, quando testemunhou muitas vezes a polimatia e a capacidade intelectual de Evandro. Ele traduzia de forma decorada, o significado dos mais difíceis termos da língua portuguesa, inclusos no dicionário de Cândido de Figueiredo. Exímio declamador de poemas, conhece de cor, quase todos os sonetos e poemas do imperador do romantismo brasileiro, o grande Castro Alves.

Evandro Carreira estudou os cursos primário e secundário na rede de ensino de sua terra natal, e concluiu o curso universitário na Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas, formando-se advogado no ano de 1960, militando no Foro de Manaus. Especializou-se em Filosofia do Direito, Direito Penal, Júri e Direito Constitucional.

Reservista do Exército Brasileiro fez o curso do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, no Rio de Janeiro, saindo com a patente de Segundo Tenente R/2, fazendo o respectivo estágio no 27º Batalhão de Caçadores, em Manaus.

Pensando em participar da política partidária amazonense, ainda no curso universitário, conseguiu eleger-se presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito do Amazonas em 1957, quando mostrou a sua habilidade no manejo das palavras, discursando com brilhantismo, empolgando seus colegas, o que lhe valeu a indicação por diversas vezes, para orador da turma.

Prova incontestável de sua habilidade com as palavras é que em 1957, conquistou o título de melhor Orador Universitário do Brasil, ao pronunciar um memorável discurso no auditório do Ministério da Educação, na cidade do Rio de Janeiro, representando a Faculdade de Direito do Amazonas, quando venceu quarenta e seis concorrentes de outras faculdades brasileiras. O concurso acima fora promovido pelo Centro Acadêmico Cândido de Oliveira, da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, com sede na Praça da República, na cidade do Rio de Janeiro. Naquela ocasião triunfal para Evandro Carreira e para as cores do Amazonas, a banca examinadora do concurso foi presidida pelo Magnífico Reitor Pedro Calmon.

Ingressando na política nos idos de 1959, foi eleito vereador à Câmara Municipal de Manaus, no referido

exercício, sendo reeleito em 1963. Depois de alguns anos sem mandato, Evandro retornou às lides políticas em 1973 e conseguiu eleger-se senador da República, tomando posse no Congresso Nacional em 1974. Com eloquência nos seus pronunciamentos, usando uma linguagem vernaculista e destacou-se desde os primeiros momentos de sua permanência no Senado, integrando a Comissão de Transportes, comunicação e Obras Públicas, suplente da Comissão de Saúde e vice-presidente da Comissão de Assuntos Regionais. Logo depois de concluir o mandato, pelos conhecimentos jurídicos e amazônicos, foi contratado, em 1983, para o cargo de Assessor Jurídico e Amazonólogo do Senado Federal, tendo sido aposentado, em 1996, depois de 42 anos de serviços públicos prestados à Nação brasileira.

Foi o Senado Federal que publicou a sua conhecida obra *Recado Amazônico* em 10 volumes, onde se encontra inserida toda a sua atividade como senador representante do Amazonas. De sua autoria é também a afirmação transformada em axioma: *A Vocaçào Hidrográfica e Fotossintética da Amazônia*. Dessa obra nasceram todos os corolários decorrentes da teoria do autor, tais como Varzeanas, Ictiológica, Ribeirinha, etc.

Mas Evandro não se limitou às publicações acima, em defesa da Amazônia, que tanto ama. Tem numerosos trabalhos publicados em jornais e revistas, poemas e crônicas, como exemplo: *Amazônia Food Source For The Third Millennium*, cujo prefácio foi elaborado pelo *Dr. Grilleen T. Pmace Ph. D. FLS*, vice-presidente da Divisão de Ciências e Diretor do Instituto de Economia Botânica do *New York Botanical Garden* e ex-presidente do *Royal Kew Garden*, de Londres, que em seus comentários sobre o autor o definiu como sendo um desses iluminados profetas em relação ao futuro da Amazônia.

Entre as inúmeras obras do intelectual Evandro das Neves Carreira, podemos citar entre as de maior destaque: *O Bioma Amazônico e a Energia Nuclear*, *Ocupação da Amazônia preço sedutor para a borracha*; *Pecuária Câncer da Amazônia*; *A Morte do Legislativo*; *A Igreja e a Ecologia*; *Mística Nuclear*, *A Consciência Cósmica do Índio*; *Multinacionais Cobiçam a Amazônia Projeto Jarí* *Ponta de Lança Internacional*; *A Grande Farsa*; *O Extrativismo Preservou a Amazônia*; *Amazônia Envenenada pela Dioxina*; *Tóxico e a Morte de Deus*; *A Revolução, A Droga e a Subversão*; *Contra a Venda da Floresta Amazônica*; *Meio Ambiente é o Grande Problema*; *Clube da Madrugada* (Evandro foi presidente desta entidade por três períodos); *Farsa Democrática*; *O Descaminhado do PT no Amazonas*; *A Caridade*; *Militarização da Amazônia e outras*.

Exímio conferencista da temática Amazônica em seminários, ciclos de debates, conferências e simpósios em universidades, diretórios estudantis e outras entidades, Evandro fez palestra na Escola Superior de Guerra dos Estados Unidos da América do Norte, em 1981, na National Defense University, National War College, Forte MC Mer, Washington, D.C 20319.

Membro efetivo e destacado da Academia Amazonense Maçônica de Letras, Evandro Carreira tem como patrono, a figura magistral de Mavignier de Castro, enaltecida de forma irretocável, pelo imortal da Academia Amazonense de Letras, Dr. Djalma da Cunha Batista, quando afirmou em artigo inolvidável sobre o autor de *Amazônia Panteísta*:

“Os 16 capítulos de Amazônia Panteísta constituem, do ponto de vista literário, sem favor a mais bela e a mais completa descrição da natureza planiciária. Escreveu-os Mavignier de Castro, um homem singular, que conseguiu

um estilo musical e perfeito a serviço de um observador incansável e apaixonado da fisiografia”.

Amante do Amazonas, Evandro tem sido um defensor veemente da Região, chegando por vezes ao exagero em seus discursos inflamados, corajosos, cheios de erudição, aniquilando contendores despreparados sobre a natureza amazônica, não dando tréguas aos que cobiçam de forma predatória, intencionados em subtrair-lhe a soberania, tripudiando de forma criminosa sobre os direitos internacionais. Nessa missão patriótica e da qual não abre mão em suas iniciativas, participou de algumas filmagens sobre o projeto Jarí e outros, representando o Senado Federal, sempre defendendo os interesses da Amazônia.

Iniciou-se na Loja “*Conciliação Amazonense*”, ocupando vários cargos e foi Venerável Mestre da Loja Mater, Esperança e Porvir, por três vezes.

CADEIRA Nº 7

PATRONO: ANTONIO GONÇALVES PEREIRA DE SÁ PEIXOTO

ATUAL OCUPANTE: RAIMUNDO COLARES RIBEIRO

O PATRONO

ANTÔNIO GONÇALVES PEREIRA DE SÁ PEIXOTO nasceu no dia 27 de fevereiro de 1869, em São Sebastião do Rio de Janeiro. Era filho de Antônio Pereira de Sá Peixoto e Maria Gonçalves Peixoto.

Em 1891, formou-se em Direito pela Faculdade Livre do Estado de São Paulo, época em que começou a tomar gosto pela política partidária. No entanto, esse mesmo entusiasmo vinha trazer-lhe alguns transtornos, haja vista o momento de transição por qual passava o Brasil, após a Proclamação da República, fato ocorrido em 15 de novembro de 1889.

Na euforia dos anos áureos da borracha, quando Manaus testemunhava a construção de obras suntuosas, a movimentação livre de grandes somas de dinheiro, a elevação do nível educacional e uma agitada vida cultural, **SÁ PEIXOTO** teria decidido vir para o Amazonas, e, no alvorecer do novo regime político, foi nomeado pelo Presidente Floriano Peixoto, para exercer o cargo de Juiz Federal do Estado do Amazonas. Destacou-se, ainda, como professor de História Universal e Língua Francesa, no Instituto Normal Superior do Estado; Língua Francesa e Pedagogia, no Ginásio Amazonense D. Pedro II; Direito Público e Constitucional, Direito Internacional Público, Privado e Diplomacia, na Faculdade de Direito do Rio de

Janeiro; diretor-geral da Instrução Pública do Amazonas; e professor de Filosofia do Direito, Direito Público Internacional e Direito Internacional Privado, na Faculdade de Direito do Amazonas, aonde chegou a ser o seu Diretor.

Engajado na política partidária, SÁ PEIXOTO foi eleito Deputado Federal (1894 e 1901), Senador e Vice-Governador do Estado (1908), na dobradinha vitoriosa com o Coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt.

Outras atividades profanas: participação nos estudos e elaboração do Código Civil Brasileiro (1895); Doutor em Direito (1904), defendendo a tese "Fundamento e Fim da Neutralidade"; primeiro presidente da OAB-AM (1932); presidente, por diversas vezes, do Tribunal de Justiça do Amazonas; vice-presidente da Academia Amazonense de Letras.

Na Maçonaria, SÁ PEIXOTO foi iniciado em 20 de julho de 1894, na Loja "Ganganelli", no Rio de Janeiro, filiando-se, a seguir, às Lojas "Esperança e Porvir", "Henrique Valadares", "Amazonas", "Cinco de Setembro", "Aliança" e "Deus, Lei e Perseverança". Elegeu-se, em janeiro de 1895, Deputado da Loja "Esperança e Porvir". No mesmo ano, tornou-se Venerável Mestre da Loja "Conciliação Amazonense", célula maçônica que, por sua iniciativa, havia sido instalada em 30 de novembro de 1894. Com a instalação do Capítulo Henrique Valadares, em 1.º de junho de 1895, SÁ PEIXOTO ocupou o cargo de Grande Orador. Um mês depois, no dia 1.º de julho, concluiu os graus filosóficos da Maçonaria, obtendo o Grau 33.

A fundação da Loja "Rio Negro", em 5 de novembro de 1896, precisou também de sua inteligência incomum e do apoio de outros Irmãos. Nomeado Delegado do Grão-Mestre no Amazonas, em 9 de dezembro de 1898, SÁ PEIXOTO permaneceu no cargo até o dia 24 de fevereiro de 1901. Antes, porém, em 21 de julho de 1900, a Loja

"Amazonas", em sessão magna, entregou-lhe o "malhete de ouro", em reconhecimento aos relevantes serviços prestado à Maçonaria.

No dia 1.º de setembro de 1900, na "Esperança e Porvir", SÁ PEIXOTO reuniu-se a outros Irmãos, para dotar a Maçonaria do Amazonas da mais Alta Organização do Rito Escocês na concessão dos títulos de Grande Inspetor Comendador e Sublime Príncipe do Real Segredo. Nesse mesmo ano, o Supremo Conselho expediu-lhe a Carta Constitutiva.

Em 23 de junho de 1901, reunidos na casa do Irmão Daniel Sevalho, em Tefé, os maçons tefeenses homenagearam SÁ PEIXOTO, escolhendo-o para ser o patrono onomástico da mais nova Loja Maçônica do Amazonas, hoje a Grande Benemérita Loja Simbólica Sá Peixoto nº. 13, da jurisdição da GLOMAM.

SÁ PEIXOTO presidiu a Comissão Regularizadora da Loja "Aurora Lusitana", da qual foi Membro Honorário, e instalou o Conselho de Cavalheiros de Kadosch "Pensador". Foi Benemérito das Lojas "Conciliação Amazonense", "Rio Negro" e "Arkbal", Membro Honorário do Supremo Conselho e Benemérito da Ordem Maçônica. Assumiu interinamente o cargo de Grão-Mestre Grande Comendador da Maçonaria no Brasil, durante a ausência de seu titular, o Irmão Lauro Sodré.

Faleceu em Belém-PA, no dia 17 de abril de 1948.

O ATUAL OCUPANTE

RAIMUNDO COLARES RIBEIRO nasceu em Tefé-AM, no dia 17 de maio de 1958. É filho de Hildebrando Ribeiro e Teresa Colares Ribeiro. Casou-se com a senhora Kátia Maria dos Santos Colares Ribeiro, com quem possui três filhos: Rickson, Rennie Recco e Raissa.

É membro da Academia Amazonense Maçônica de Letras; da Academia de Letras, Ciências e Artes do

Amazonas; da Academia de História do Amazonas; da Academia Internacional de Lexicografia; da Academia Paraibana de Letras Maçônicas; da Associação dos Escritores do Amazonas (ASSEAM); da Casa do Poeta e do Escritor Brasileiro, seção do Amazonas; do Instituto Cultural do Vale Carriense; da Sociedade de Cultura Latina do Brasil; Grande Secretário de Cultura da Grande Loja Maçônica do Amazonas (GLOMAM); e Diretor da Federação Brasileira de Alternativos Culturais.

BIBLIOGRAFIA: 1. "Viagens à Corte do Solimões"; 2. "Amazonas Meu Grande Amor", 1ª edição; 3. "Notícias da Arte Real"; 4. "Amazonas Meu Grande Amor", 2ª edição; 5. "I Antologia de Contos e Crônicas da ASSEAM"; 6. "Amazonas Meu Grande Amor", 3ª edição; 7. "III Antologia de Contos e Crônicas da ASSEAM"; 8. "Amazonas Meu Grande Amor", 4.ª edição; 9. "Momentos da Arte Real no Amazonas".

COLABORAÇÃO EM PERIÓDICOS: Alguns de seus escritos foram publicados com destaque no "Jornal A Crítica", "Jornal O Estado do Amazonas", "Jornal do Norte", "Jornal A Notícia" e "Jornal Amazonas Em Tempo".

CADEIRA Nº 8

PATRONO: PLÁCIDO SERRANO PINTO DE ANDRADE

OCUPANTE: ARLINDO AUGUSTO DOS ANTOS PORTO

O PATRONO

O professor Plácido Serrano Pinto de Andrade, natural de Maranguape (Estado do Paraíba), nasceu, a 1^o de maio de 1865, filho de Ignácio Gonçalves Serrão e de Mariana Pinto de Andrade.

Faleceu em Manaus-Amazonas, terra que fez sua pelo coração, a 12 de novembro de 1934.

Aprendeu as primeiras letras e preparou-se para o curso de humanidades em sua cidade natal, com o próprio pai, prestando exames brilhantes no Ateneu Riograndense do Norte. Fez o curso de Ciências Sociais na Faculdade do Recife e, como autêntico e vibrátil sonhador nordestino, teve suas vistas voltadas para o Amazonas – o Eldorado da nossa juventude – e rumou para Manaus, sendo recebido com o apreço e amizade. Antes havia sido censor de vários colégios, professor, e na companhia republicana, companheiro de Silva Jardim e Martins Júnior.

O Dr. Plácido Serrano, já em Manaus, foi chamado e recebeu do Governo Federal, a nomeação de Fiscal de exames preparatórios, cargo esse que se havia estabelecido em todas as Capitais onde ainda não houvesse Faculdades de Ensino Superior.

Enquanto esses cargos se aviltavam em outros lugares, pelas concessões graciosas de aprovação, o Dr. Plácido Serrano, em Manaus, começou por um processo

de moralização, não deixando transformar-se em "indústria". Homem correto, não permitiu tal "negócio".

Com o correr dos tempos, o jovem paratense ingressou no Ginásio Amazonense, hoje Colégio Estadual, mediante concurso, na cátedra de inglês e alemão (facultativo). Foi seu diretor de 1904 a 1912, e num segundo período, mais tarde, o Ginásio teve a denominação acrescida de "Pedro II", (homenagem ao Centenário do Imperador), pelo Decreto nº 113, de 28 de novembro de 1925, assinado pelo Interventor Afredo Sá.

Era professor de Português e Literatura da antiga Escola Normal. Em cursos particulares e em sua residência, lecionava português, latim e francês, fazendo ainda traduções de italiano e espanhol. Vivia do ensino e para o ensino.

Contraiu núpcias com a senhora Rosaura Serrano de Andrade de cujo enlace teve os seguintes filhos: Raimundo de Andrade, Plácido Serrano Filho e Eunice Serrano Teles de Souza, o primeiro médico e os dois últimos, professores.

A professora Eunice, casou-se com o Professor Antônio Teles de Souza, catedrático de Português do Instituto de Educação do Amazonas, tradicional Escola Normal, onde, por muitos anos, a professora Eunice, foi Diretora.

Plácido Serrano deixou inéditos romances de costumes, poesias de vários gêneros, traduções de comédias e dramas, além de uma gramática para uso exclusivo de sua filha Eunice.

O destacado professor, em se tratando de Moral, era um homem íntegro. Em matéria de dignidade adotava um lema: antes sofrer do que ceder, no âmbito de uma questão de compromisso. Face esse aspecto do seu temperamento, base de um caráter inamolgável, abominava o partidário político. Nunca pleiteou coisa

de moralização, não deixando transformar-se em "indústria". Homem correto, não permitiu tal "negócio".

Com o correr dos tempos, o jovem paraibano ingressou no Ginásio Amazonense, hoje Colégio Estadual, mediante concurso, na cátedra de inglês e alemão (facultativo). Foi seu diretor de 1904 a 1912, e num segundo período, mais tarde, o Ginásio teve a denominação acrescida de "Pedro II", (homenagem ao Centenário do Imperador), pelo Decreto nº 113, de 28 de novembro de 1925, assinado pelo Interventor Alfredo Sá.

Era professor de Português e Literatura da antiga Escola Normal. Em cursos particulares e em sua residência, lecionava português, latim e francês, fazendo ainda traduções de italiano e espanhol. Vivia do ensino e para o ensino.

Contraíu núpcias com a senhora Rosaura Serrano de Andrade de cujo enlace teve os seguintes filhos: Raimundo de Andrade, Plácido Serrano Filho e Eunice Serrano Teles de Souza, o primeiro médico e os dois últimos, professores.

A professora Eunice, casou-se com o Professor Antônio Teles de Souza, catedrático de Português do Instituto de Educação do Amazonas, tradicional Escola Normal, onde, por muitos anos, a professora Eunice, foi Diretora.

Plácido Serrano deixou inéditos romances de costumes, poesias de vários gêneros, traduções de comédias e dramas, além de uma gramática para uso exclusivo de sua filha Eunice.

O destacado professor, em se tratando de Moral, era um homem íntegro. Em matéria de dignidade adotava um lema: antes sofrer do que ceder, no âmbito de uma questão de compromisso. Face esse aspecto do seu temperamento, base de um caráter inamolgável, abominava o partidarismo político. Nunca pleiteou coisa

alguma em competições eleitorais. O seu idealismo, todo o substrato de sua conduta filosófica e social estava encerrado na trilogia Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Adotava, no ensino, como profissão, um sentimento sagrado. Como Diretor do Ginásio, por várias vezes e em largos períodos, deu desse gesto, sobejas provas.

Quando o Dr. Alfredo Sá chegou a Manaus, em fins de dezembro de 1924, nomeado para o cargo de Interventor Federal, acompanhado de todos os seus Secretários, a exceção o de Instrução Pública, para qual, convidou o Professor Agnelo Bittencourt, logo dizendo: "Veja quem deva ir para a direção do Ginásio", ao que o convidado respondeu: o Dr. Plácido Serrano. Fui, (Agnelo Bittencourt) então à residência do Mestre, dizendo-lhe da ocorrência. Plácido Serrano, de imediato indaga: "Quem irá para a Instrução Pública?" Ao que afirmei: "Este seu amigo!" – Está bem. "Aceito o cargo". E, fato curioso, tempos depois, em agosto de 1930, fomos os dois exonerados no mesmo dia...

O Doutor Plácido Serrano, como em geral todos os funcionários públicos do Amazonas, teve um pedaço mais difícil de caminho; quando, premido pelas necessidades, no quadriênio 1921-1924, teve de rifar sua preciosa biblioteca. O Professor Júlio Benevides Uchoa, em 1947, em documento amplamente divulgado, publicou o seguinte:

"Existem ainda, por aí, inúmeras testemunhas, na maioria funcionários públicos, que poderão dizer como recebiam seus vencimentos naquele calamitoso período administrativo em que as rendas do Estado eram desbaratadas criminosamente, num verdadeiro delírio de despudor e irresponsabilidade?". Foram-se mais que os anéis, mas ficaram os dedos e, mais do que estes, a dignidade de viver honestamente.

Não é supérfluo registrar que, além de culto e trabalhador, Plácido Serrano Pinto de Andrade sempre foi

um homem profundamente honesto, um dos grandes vultos do nosso Passado.

O Maçom Plácido Serrano

Não apresentaremos a vida maçônica de Plácido Serrano, nas suas minudências, mas fragmentos de sua participação como "Obreiro da Arte Real", o que não invalida a brilhante trajetória desse Maçom, até porque no exercício de suas atividades profanas, a sua conduta primava pela ética e pela moral, adicionada a estas virtudes o interesse pela solidariedade humana.

Fora iniciado na Loja "Conciliação Amazonense", a 19 de dezembro de 1896, onde exerceu o cargo de Venerável. Era filiado e Benemérito na Loja "Rio Negro"; filiado, também, às Lojas "Amazonas", "Aurora Lusitana" e "Esperança e Porvir"; Membro instalador das Lojas "Deus, Lei e Perseverança" e "Fraternidade Amazonense", bem como do Consistório de Sublimes Príncipes do Real Segredo.

A Grande Assembléia Geral do Grande Oriente do Amazonas e Acre agraciou-o com o título de Membro Honorário, a 29 de abril de 1901.

Ajudou na instalação do Consistório de Príncipes do Real Segredo de 1900, conforme a Ata abaixo:

Instalação do Consistório de Príncipes do Real Segredo.

Reunidos, a 1º de setembro de 1900, no Templo a Loja "Esperança e Porvir", os Poderosos Irmãos do Grau 33 – Joaquim José Pais da Silva Sarmiento, João Batista Grana, Nicolau Tolentino, Francisco Pacheco de Azevedo, Leonardo Antonio Malcher, Antonio Dias dos Passos, Leonel Pereira Mota, Alfredo de Moura Alves, Joaquim Francelino de Araújo, José Gonçalves Dias, Ismael Vitorino Gomes, Domingos José de Andrade, Júlio

Roberto, Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto, Carlos da Gama Rodrigues, José Azevedo da Silva, Plácido Serrano Pinto de Andrade e Francisco Públio Bittencourt e os Poderosos Irmãos do Grau 32 – Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, Manuel Dias Barroso, Camilo Lelis Pacheco Amora, Joaquim Carvalho, Antonio Pereira de Carvalho, José Cardoso Ramalho Júnior, João de Deus Batista Braga, Eusébio de Souza Caldas, João de Souza Bordalo, Rodolfo Gustavo de Albuquerque Cavalcante, Antonio Monteiro de Souza, Antonio Augusto dos Santos Porto, Alfredo Fernandes de Sá Antunes, Antonio Rodrigues Madeira e Otelo Fernandes de Sá Antunes, acordaram dotar a Maçonaria do Amazonas da mais Alta Organização do Rito Escocês para a concessão dos títulos de Grande Inspetor Comendador e Sublime Príncipe do Real Segredo.

Participou da fundação da Loja Fraternidade Amazonense:

Fundação da Loja "Fraternidade Amazonense"

Sob a presidência do Irmão Francelino de Araújo, que fora Venerável da Loja "Esperança e Porvir", no período de 1896 a 1897, fundou-se a Oficina Maçônica "Fraternidade Amazonense", no Templo da Loja "Amazonas", no dia 28 de outubro de 1900.

Seu primeiro Corpo Administrativo ficou assim organizado:

Venerável	Pedro de Alcântara Freire
1º Vigilante	Teodoro Monteiro da Cunha
2º Vigilante	Antonio de Freitas Pinto
Orador	Plácido Serrano Pinto de Andrade
Secretário	Manuel de Freitas Pinto
Tesoureiro	Joaquim Francelino de Araújo
Orador-Adjunto	Ciriaco Alves Muniz
Secretário Adjunto	Frederico Menezes
Chanceler	Manuel Martins Vidal Júnior

1º Experto	Pedro Henrique Cordeiro Júnior
2º Experto	Anselmo Carniceiro
3º Experto	João Nunes de Melo
Hospitaleiro	Antonio Josué Calmont de Andrade
Mestre de Cerimônia	Alfredo Fernandes de Sá Antunes
Mestre de Cerimônia	
Adjunto	João Cabral Osório de Araújo
Arquiteto	José de Castro Teixeira
Cobridor	João Nazaré da Silva Júnior
1º Diácono	Francisco de Lima Valente
2º Diácono	Sérgio Rodrigues Pessoa
Porta-Estandarte	Raimundo de Lemos Braga
Porta-Espada	Manuel Jacinto de Abreu
Mestre de Banquete	José Augusto da Silva

Foi um dos promotores da fundação da Sociedade Asilo de Mendicidade de Manaus, conforme documento abaixo:

SOCIEDADE ASILO DE MENDICIDADE DE MANAUS

A Sociedade Asilo de Mendicidade de Manaus teve como promotores de sua Fundação os Maçons Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, Agnelo Bittencourt, Feliciano de Souza Lima, Joaquim Francelino de Araújo, João Reis, José Cardoso Ramalho Júnior, Henrique Taborda de Miranda, Martinho de Luna Alencar, Pedro de Alcântara Freire, Plácido Serrano Pinto de Andrade, Raimundo de Carvalho Palhano e Virgílio Ramos, conforme ata da Poderosa Assembléia Geral do Grande Oriente Estadual do Amazonas: lavrada a 26 de agosto de 1909.

Sua inauguração verificou-se a 9 de dezembro de 1909, com cento e trinta e três presenças assinadas no livro respectivo e a 29 de janeiro de 1910 já estava funcionando em edifício próprio, como "estabelecimento

destinado a receber pessoas inválidas a quem a fortuna desamparou”.

Registro Fúnebre

O “Boletim Maçônico”, em sua edição de 24 de novembro de 1934, publicava esta notícia:

“Sucumbiu nesta capital, após dolorosos sofrimentos, o Irmão Dr. Plácido Serrano Pinto de Andrade, grande dignidade e cavalheiro largamente estimado na sociedade manauense”.

O óbito do distinto varão verificou-se em sua residência à Avenida Joaquim Nabuco 1591, no dia doze deste mês, às 15 horas, cercado do carinhoso desvelo de sua família e de muitos dos seus numerosos amigos. Logo que a cidade teve ciência do falecimento do digno Maçom a casa enlutada encheu-se de pessoas das relações do extinto em romaria ao cadáver. Seu enterro realizou-se no dia seguinte, às 10 horas, seguido de grande acompanhamento.

A Maçonaria Amazonense fez-se representar pelas comissões do Grande Oriente e “Lojas Esperança e Porvir”, “Conciliação Amazonense”, “Rio Negro” e “Aurora Lusitana”. Tomando luto e hasteando o pavilhão maçônico em sinal de pesar, por três dias?

A 24 de novembro de 1935, o mesmo “Boletim Maçônico” fazia esse registro:

“A 12 de novembro do ano próximo passado, finou-se o grande cidadão, cujo nome encima estas linhas”. Veio para o Amazonas ainda moço e aqui viveu durante quarenta anos, dedicando-se ao magistério secundário. Sua competência e dedicação ininterruptas, aliados à amenidade do trato, fizeram-no um mestre idolatrado.

Morreu professando sua cátedra, ensinando línguas (português, francês, latim e alemão) de que se fez especialista.

Para seus discípulos, Plácido Serrano continua a substituir, no íntimo de seus corações e na exaltação dos seus espíritos.

O grande professor anoiteceu para o túmulo, amanheceu para a Eternidade iluminada de glórias.

Se a matéria não se perde, apenas se transforma, muito menos a inteligência, que semeou profusamente a Moral e a Instrução entre as gerações novas.

Plácido Serrano foi um grande Obreiro do progresso, um dos maiores apóstolos da Fraternidade Humana.

A Maçonaria teve, nele, um inexcedível pioneiro.

Bem justa a visita que seus amigos e Irmãos lhe fizeram, ao túmulo, naquele dia, à passagem do seu primeiro aniversário de falecimento. Disseram-lhe a nênia de sua tristeza, convencidos de que, cada vez mais, os mortos governam os vivos...”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os inúmeros ditirambos com que podemos identificá-lo, o grande Mestre se faz detentor dos atributos estabelecidos na seguinte conceituação:

Educador é compreender a incompreensão para extirpá-la; é dialogar para não enfatizar o monólogo; é perceber a ironia e fazer-se de desentendido, devolvendo-a em forma de apelo para um labor participativo. É perdoar sempre, mesmo nas vezes que se toma necessário a punição; é suprir os vazios existenciais; é mostrar os caminhos sem a bússola do dogmatismo; é ser grande pela presteza e, sobretudo, pela humildade. É viver com o educando os momentos felizes e sorver com ele, os instantes de dificuldades, onde se faça evidenciar a interação solidária; é enfim fazer de seu trabalho um sacerdócio, em cujo exercício se processe o testemunho da bondade para germinar a perenidade do amor.

O Estado do Amazonas, embora timidamente, prestou-lhe merecida homenagem dando o seu nome a uma Escola localizada à Rua Emilio Moreira, nesta cidade de Manaus, igual comportamento teve o Corpo Docente do tradicional Colégio Estadual do Amazonas, estabelecimento de ensino, onde o homenageado dirigiu com eficiência e probidade, dando o nome do ilustre Professor.

Grêmio Estudantil

Plácido Serrano foi um professor que viveu o magistério em todas as suas nuances, dignificando a cátedra que a fez um instrumento de onde espargia o ensino-educativo, enaltecido pelo pragmatismo e mesclado com o humanismo cristão.

Esse paraibano que ficou incólume à corrupção tornando-se apologista da ética e da moral, não se apresentando como aventureiro, mas se firmando através de uma existência marcada pelo exemplo que o fez grande como homem, gigante como educador e altruístico como Maçom.

O insigne Mestre trouxe para o Amazonas a lâmpada do nordestino, amalgamando o sofrimento com a vontade, para fazê-lo um bandeirante da planície verde na qual vivenciou o amor, a perseverança e o filantropismo, trilogia que o imortalizou nos corações agradecidos do povo amazonense.

(Biografia pesquisada pelo Acadêmico Jorge Humberto Barreto).



O OCUPANTE ATUAL

ARLINDO PORTO

Arlindo Augusto dos Santos Porto nasceu fadado a ser um político, na acepção correta do termo, porque veio ao mundo, no dia 15 de fevereiro de 1929, em Manaus, Amazonas, quando havia no Brasil um clima de guerra civil, surgindo convulsões sociais e políticas de Norte a Sul e o presidente da República Washington Luiz, sem o apoio do povo, foi deposto do cargo, pelo Golpe de Estado liderado por Getúlio Dorneles Vargas, em 1930, sendo, posteriormente deportado para a Europa, com outros políticos e parlamentares brasileiros.

Embora a cidadania e a democracia estivessem sob censura, o povo amazonense teve o privilégio de receber o comando de interventores equilibrados e honrados profissionais, alguns vindos de outras regiões. Entre 1930 e 1937, nomes famosos comandaram os destinos do Amazonas, entre os quais figuraram: Floriano Machado, Nelson de Melo, Rogério Coimbra, Álvaro Botelho Maia, Edson Stanislau Afonso e Waldemar Pedrosa, todos governando em clima de paz e com muita competência.

Os pais de Arlindo Porto, senhor Haroldo Augusto dos Santos Porto e Inácia da Conceição Porto, eram pobres, sendo ele, carregador de bagagens no porto de Manaus e ela, uma humilde lavadeira, no que colaborava para aumentar a renda família e o sustento dos filhos.

Mas, o destino reservou para o recém-nascido Arlindo, uma graça de Deus, posto que somente Ele muitas vezes, explica alguns fatos onde o amor se faz presente. É que, em frente à casa de Arlindo, morava um funcionário do Ministério da Fazenda, o guarda aduaneiro Aristeu de Almeida Guimarães, homem de generosa formação espiritual que, viajando de Olinda, em Pernambuco, sua terra natal, para Manaus, onde passou a viver, ajudou muitas pessoas desprendidamente.

Aristeu Guimarães sensibilizado com a situação da família dos Santos Porto, se auto convidou para ser padrinho de batismo do pequeno Arlindo, transformando-se em protetor do afilhado. Mais, tarde, Arlindo passou a ser seu filho adotivo, pela convivência familiar, recebendo todo o apoio necessário à sua manutenção. Custeando os estudos do afilhado, menino estudioso e aplicado, logo iniciou o curso secundário, em 1941, no Colégio Estadual do Amazonas, ao lado de amigos como Phelippe Daou, Roberto Cohen, Gilberto Mestrinho, Sandoval Oliveira, Ramiro Silveira e muitos outros destacados parceiros do progresso do Amazonas. Ainda estudante, Arlindo despertou para o jornalismo, tendo sido o redator-chefe de *O Debate*, um semanário mimeografado, dirigido pelo então jovem Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo. Insistindo nessa atividade, nos finais da década de 40, começou a trabalhar no centenário Jornal do Comércio.

Dedicado aos estudos, consciente de ter sido beneficiado pelo destino, ao lhe proporcionar um segundo pai, na figura do padrinho Aristeu, em 1952, o jornalista Arlindo Augusto dos Santos Porto recebeu o diploma de

Bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas, cuja entrega foi realizada entre emoções e alegrias, pelo seu padrinho de batismo. Mas, a vocação jornalística estava enraizada nas veias e no coração do novo bacharel, que jamais exerceu a advocacia.

Casado em primeiras núpcias, com a senhora Guilhermina, irmã do professor Gilberto Mestrinho, Arlindo casou-se em segundas núpcias, com a senhora Dagmar Nogueira dos Santos Porto, tendo gerado os seguintes filhos: Vânia, Alba, Ivã, Sandro Ricardo, Zênia, Luiz Augusto, Lucia Tereza e Luciana.

Com uma pena brilhante e valente, com uma oratória capaz de levar ao delírio seus ouvintes, Arlindo Porto trocou as encenações dos grandes juristas do Direito Penal, pela crítica construtiva no âmbito político e cultural, aprimorando-se a cada dia, com artigos memoráveis, defendendo os interesses do povo humilde de seu Estado e militando nos mais diversos órgãos de comunicação do Amazonas, entre os quais destacam-se: O Jornal do Comércio, O Jornal, diário da Tarde, A Crítica, A Tarde, A Gazeta, O Trabalhista, Correio de Notícias e outros jornais de circulação efêmera. Sua competência invadiu outros estados da Federação, fato que o credenciou a colaborar no Correio da Manhã, Diário de Notícias, Última Hora, O Globo, O Dia, A Notícia, AJB e no Jornal de Turismo, todos do Estado do Rio de Janeiro.

Em 1954, teve início a sua carreira política, quando foi eleito deputado estadual, pela primeira vez, conseguindo desde então sucessivas reeleições. Foi líder da maioria governista em várias legislaturas e por duas vezes, ocupou a presidência da Assembléia. Amigo íntimo e aliado do governador Gilberto Mestrinho, quando foi seu líder na Assembléia, estando o titular ausente, assumiu o governo

em várias ocasiões, deixando na administração a sua marca de simplicidade e humildade.

Um fato inusitado na vida de Arlindo Porto ocorreu, em 1964, logo após o golpe militar de 31 de março, quando o Brasil passou a ter o comando de um regime militar forte. Em consequência das suas coerentes posições nacionalistas, pois lutou em defesa das riquezas nacionais: petróleo, areias monazíticas, pela participação do Brasil na luta contra o Eixo; contra a entrega de bens pátrios aos estrangeiros, o que era considerado esquerdismo, teve então o seu quarto mandato de deputado estadual, cassado pelos próprios colegas da Assembléia Legislativa do Estado, agindo sob ameaça e temerosos da ação dos governantes militares.

Na mesma oportunidade, os seus direitos políticos foram suspensos por dez anos e os únicos votos discordantes daquela vergonhosa resolução, foram os dos deputados Abdala Sahdo, Francisco Queiroz e Ruy Araújo.

Na mesma noite do lamentável fato, 5 de maio de 1964, foi levado para uma prisão militar, no bairro de São Jorge, onde ficou preso por cento e vinte e oito dias, sendo libertado junto com outros brasileiros ali retidos, e contra os quais, nada fora encontrado ou justificado, nas acusações contra eles. Tanto assim foi que a Auditoria Militar de Belém os absolveu mais tarde, em votação unânime dos seus juízes.

Nessa dura fase precedida de uma ansiada anistia, tornou-se o primeiro editor do jornal A Notícia, do empresário Felix Fink, sendo um dos fundadores, inclusive. Como sempre o jornalismo o atraía, e, em 1959, com grande esforço e luta, junto com outros companheiros, fundou o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Amazonas, tornando-se o seu primeiro presidente.

Em 1970, deixou o corpo redacional de A Notícia, migrando para o Rio de Janeiro, onde por quase dez anos

representou a empresa de turismo Selvatur Ltda, com sede em Manaus. Sem abandonar o jornalismo, trabalhou em vários jornais daquela cidade.

Retornando a Manaus, em 1980, engajou-se na luta pela eleição do amigo Gilberto Mestrinho, e tendo restaurados os seus direitos políticos, candidatou-se a deputado federal. Foi esta a sua última investida na área política, pois tendo ficado com 1º suplente de sua bancada, o PMDB, soube depois, que na verdade fora eleito, mas que um funcionário do TRE, suspeito de ter auferido vantagem financeira, substituíra seu nome no mapa final dos efetivamente votados, fazendo-o apenas primeiro suplente.

Mesmo assim, numa das várias convocações, teve a honra e a dignidade de votar pelo retorno das eleições diretas à presidência da República, e sobre essa posição mantém vários documentos. Isso, dentre outras participações, das quais muito se orgulha. Entretanto, decepcionado com os homens que não fazem da Política a Arte e a Ciência de governar os povos com espírito público, e de fazer democracia com pureza, Arlindo jamais retornou à vida pública.

Em 1992, indicado pela Assembléia Legislativa do Amazonas, foi nomeado pelo Governador Gilberto Mestrinho para Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, cargo no qual se aposentou pela compulsória dos setenta anos de idade, em 1999.

Arlindo Porto ainda acresce ao seu currículo de bons serviços à terra natal, a competência e o zelo no desempenho em várias secretarias de governo, tais como a de Administração e a de Comunicação Social, além dos cargos de professor (substituto) de Geografia, no colégio Estadual do Amazonas, Delegado de Segurança Política e social e diretor do Arquivo Público.

Sua vida intelectual jamais deixou de aflorar em todos os seus atos, sendo ele possuidor de uma cultura invulgar, reconhecido como um dos mais completos intelectuais do Amazonas. É ex-presidente do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA) quando comandou as obras de recuperação que salvaram a entidade das ruínas; produtor de um imenso cabedal de trabalhos (reportagens, crônicas, ensaios, artigos, editoriais, etc) jornalísticos.

Em outubro de 1993, eleito membro efetivo da Academia Amazonense de Letras e empossado em dezembro do mesmo ano, ocupou a cadeira nº 35, cujo patrono é D. Frederico Costa. Na Academia, tem ocupado postos em todas as diretorias seguintes à sua posse. É autor dos livros *Álvaro Maia Poliantéia*, 1984; *Bernardo Cabral – um paladino da Democracia*, 1988; *Nunes Pereira, o Cavaleiro de todas as madrugadas do Universo*, 1993; *O Regatão da Saudade (Memórias)*, 1984; *Faça-se a luz (temas maçônicos)*, 1999 e *Poucas e Boas (Eu também conto causos)*, 2003; e tem no prelo o livro *Umberto Calderaro Filho - Lenda de Trabalho e Amor pelo Amazonas*.

É Mestre Maçom da Loja Simbólica Unificação Maçônica, jurisdicionada pelo Grande Oriente do Amazonas e galgou alguns dos graus superiores do rito Escocês Antigo e aceito.

CADEIRA Nº 9

PATRONO: ARISTÓPHANO ANTONY

OCUPANTE: FRANCISCO JOSÉ DE VASCONCELLOS

O PATRONO

O irmão Aristóphano Antony, patrono da cadeira nº 09 do Silogeu Maçônico do Amazonas, nasceu na cidade de Manaus, no dia 24 de maio de 1903, filho de Leandro Antony e dona Maria Ferreira Antony, sendo um personagem de fino trato e extrema elegância, de estrutura moral e intelectual elevada, culto, inconfundível estilo britânico, sempre usando paletó e gravata, com seu inseparável charuto.

Foi jornalista autodidata e por vocação nata, poeta e escritor, enveredando, desde jovem, na lide jornalística, ao dirigir o semanário noticioso e humorístico "O Monóculo", circulante no período de 1913-1927, e repórter do centenário Jornal do Comércio de Manaus. Acadêmico dos cursos universitários de Direito e posteriormente de Agronomia, os quais abandonou para abraçar definitivamente o jornalismo. Entre 1927 e 1929, transferindo-se para o Rio de Janeiro, trabalhou ativamente nas revistas Seleta, Fon-Fon e nos jornais Diário Carioca, Jornal do Brasil e O Jornal e ainda na Agência Telegráfica Brasileira. Regressou para Manaus, no final do ano de 1929, onde foi redator chefe de O Dia (1925-1930), sendo o mesmo empastelado na Revolução de 1930. No governo do prefeito municipal, professor Marciano Armond, foi um dos seus secretários, posteriormente deixou essa função, para fundar O Jornal (1930-1977), órgão diário de maior circulação no Estado do Amazonas, sendo seu redator

secretario, até 1937. Ao fundar A Tarde, em 1937 que circulou até 1962, sita à Rua Henrique Martins 65, adotou o lema: "Um vespertino que será sempre o arauto das aspirações populares", sendo seu irmão Xenofonte Antony o diretor gerente.

Foi casado com a Senhora Edail Cordeiro Antony, que era filha do Coronel Pedro Henriques Cordeiro Junior e de dona Antonia Nogueira Cordeiro de cuja união nasceram: Leandro, José Rogério, Flavio, Maria Eneida, Ruth, Maria Luiza, Maria de Lourdes e Ana Rita.

Iniciou-se na Grande e Benemérita Loja Simbólica Amazonas, nº 2, recebendo o número de cadastro 2.101, a época pertencente ao Grande Oriente do Amazonas e Acre, hoje Grande Loja Maçônica do Amazonas, no dia 21 de outubro de 1944, sendo a sessão de iniciação presidida pelo Venerável Mestre Felismino Francisco Soares, 1º Vigilante. Manoel Ribeiro, 2º Vigilante Heraldo Vidal de Araújo, orador Abdul Sayol de Sá Peixoto e secretario Julio Clovis Thaumathurgo Na referida Sessão estiveram presentes o Eminentíssimo Grão-Mestre Adjunto em exercício Venâncio Igrejas Lopes, Chrysólogo Gastão, José de Salles Cavalcante, Virgílio de Barros e Aluysio H. da Silva..

O Ir. Aristóphano Antony foi o orador dos neófitos, na qual ao termino de sua oração foi calorosamente aplaudido pelos irmãos presentes à Sessão de Iniciação.

Em 14 de dezembro de 1944, obteve na sessão de elevação, o seu aumento de salário com a presença do Venerável Mestre Venâncio Igrejas Lopes; 1º Vigilante Manoel Ribeiro, 2º Vigilante Heraldo Vidal de Araújo, orador Abdon Nicolau Azaro e secretario Julio Clovis Thaumathurgo Lobo, presente à Sessão o Irmão Francisco Pereira da Silva, que, depois de dez anos ausente da Maçonaria, retomava para participar dos trabalhos maçônicos, conforme suas próprias palavras. O Venerável

mestre Venâncio Igrejas Lopes, saudou os novos companheiros. Ainda como companheiro-maçom, na Sessão Econômica de 1º de março de 1945, manifestou-se em brilhante discurso, expressando veementes protestos contra a prática abusiva de alguns irmãos, de virem às Sessões Maçônicas, para pronunciarem discursos políticos, contrariando os princípios defendidos pela Maçonaria e com eles provocando discórdias de todo reprováveis em nosso meio.

Atingiu sua plenitude maçônica na Sessão Magna de Exaltação de 3 de março de 1945, presidida pelo venerável Felismino Francisco Soares, 1º Vigilante Heraldo Vidal de Araújo, 2º Vigilante Clemente Almeida, orador Abdon Azaro e secretário Julio Clovis Thaumathurgo Lobo, juntamente com os companheiros Henrique Carvalho Almeida, Antonio Grijo, Estevam Yunes e José Maria Pinto, sendo na oportunidade, ofertada a quantia CR\$ 4.000,00, pelos neomestres Aristóphano Antony, Antonio Grijo e Henrique Almeida, para colaborar nas despesas de melhoramento do Templo. Na mesma Sessão os neomestres solicitaram a remissão, em regozijo a colação dos sublimes mistérios do grau 3, pelo que mereceram mais uma vez uma calorosa salva de palmas. Na sessão de 22 de março de 1945, o Irmão Aristóphano Antony recebeu o diploma de Mestre Maçom, pelas mãos do Dr. Octaviano Melo, que foi jornalista e pecuarista e Venerável Mestre da Benemérita Loja Simbólica Sá Peixoto nº13, do Oriente de Tefé, Estado do Amazonas. Na presidência dos trabalhos o Irmão Heraldo Vidal de Araújo. Adotou como nome simbólico o de Hildebrando Antony.

Na vida maçônica participou como secretário eleito para o período administrativo 1945/1946, 2º Vigilante, para o período administrativo de 1946/1947 e chanceler para o período de 1947/1948, sempre na Grande e Benemérita Simbólica Amazonas nº 2.

Como proprietário do jornal A Tarde, no início da década de 1960, foi muito combatido pelos governos trabalhistas, sendo obrigado a fechar o mesmo. Passou posteriormente a colaborar no jornal A Crítica atualmente em plena circulação e depois no O Jornal, extinto em 1977.

Foi membro da Academia Amazonense de Letras, sendo eleito, em 10 de abril de 1948, quando assumiu a cadeira 18 (antiga 23). Foi, na sessão de sua posse, saudado pelo acadêmico Péricles Moraes cognominado de O Príncipe dos Prosadores da Amazônia. Manteve assento no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, na Academia Acreana de Letras, e na Sociedade Literária dos Amigos de Balzac (Montevideu/Uruguai). Junto com Barbosa Lima Sobrinho foi um dos sócios mais antigos da Associação Amazonense de Imprensa, entidade esta desaparecida do seio de nossa sociedade, sem que os seus últimos dirigentes tiverem deixado os seus registros históricos, para consulta, pois se encontram perdidos ou desaparecidos para a posteridade.

Fascinado pelo Atlético Rio Negro Clube, foi seu presidente por mais de quinze anos, vindo a falecer no seu exercício, aonde, com o seu carisma e sua característica marcante, sempre conduziu o clube com o respeito e a admiração da sociedade amazonense.

Detentor da medalha comemorativa do centenário de nascimento do jurista e sábio Ruy Barbosa, denominada Medalha da Cultura, como também, condecorado com os diplomas assinados pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores e as medalhas Marechal Hermes e Marechal José Caetano de Farias.

Foi o autor dos livros Sombras e Reflexos, Política, Democracia e Revolução, No Turbilhão dos Ventos Tropicais e Evocações e Sentimentais.

A cidade de Manaus presta-lhe uma homenagem, denominando uma de suas ruas, com o seu nome, no bairro de Petrópolis e na Academia Amazonense de Letras uma das suas salas é denominada em sua homenagem.

Na data de seu falecimento presidia a Associação Amazonense de Imprensa, o Atlético Rio Negro Clube e era vice-presidente da Academia Amazonense de Letras.

Aristóphano Antony passou para o Oriente Eterno, no dia 03 de agosto de 1968, sendo enterrado no Cemitério São João Batista, em Manaus/AM.

O OCUPANTE ATUAL

FRANCISCO JOSÉ DE VASCONCELOS, natural de Manaus (AM), filho do Desembargador Marcílio Dias de Vasconcelos patrono da cadeira nº 28, da Academia Amazonense Maçônica de Letras e de Euza Naice de Vasconcelos. Desenvolve suas atividades profissionais no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA. É membro ativo da Grande Benemérita Loja Simbólica Conciliação Amazonense nº 13, cadastro nº 4848, tendo nela exercido vários cargos. É membro fundador da Loja Rio Solimões nº 24 e da loja Floresta Amazônica nº 39. É mestre Instalado pertencente à GLOMAM. Foi distinguido com o honroso Diploma de Maçom Benemérito pela Grande Loja Maçônica do Estado de Mato Grosso, exercendo o cargo de Grande Secretário de Relações Exteriores da Grande Loja Maçônica do Amazonas, desde 1994.

CADEIRA Nº 10
PATRONO: ARTHUR VIRGILIO DO CARMO RIBEIRO
OCUPANTE: ANANIAS DA SILVA BARBOSA

O PATRONO

Trato de Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro. Não me devo furtar de declarar que a pesquisa biográfica foi facilitada, pelo trabalho do amigo e imortal da Academia Amazonense de Letras Dr. Almir Diniz de Carvalho, contida no livro de sua lavra, DICIONÁRIO BIOGRÁFICO daquela Academia, lançado dia 19 de julho pretérito.

Nasceu, em 19 de junho de 1884, em Recife, Pernambuco, filho do Major Francisco Luiz do Carmo Ribeiro e D. Guilhermina Leopoldina do Carmo Ribeiro. Estudou e colou grau de bacharel em direito na Faculdade da cidade do seu nascimento. Depois se transferiu para Manaus onde fixou residência.

Em 1905 ingressou na judicatura do Estado, sendo nomeado Juiz Municipal de Moura, no alto Rio Negro. Em seguida para a Comarca de Remate de Males, com a missão de apaziguar nacionais e estrangeiros ali em conflito. Foi bem sucedido, ganhando nomeação para o cargo de Consultor Jurídico da Penitenciária do Estado do Amazonas.

O JUIZ DE DIREITO

Foi Juiz de Direito por cerca de vinte anos, servindo em Barcelos, Codajás, Fonte Boa, São Paulo de Olivença, Benjamin Constant, Boa Vista, hoje capital do Estado de Roraima; e finalmente em Porto Velho, hoje capital do Estado de Rondônia, sendo que as duas últimas então

pertenciam à jurisdição do Estado do Amazonas. Em 06 de novembro de 1930, foi nomeado Desembargador do Egrégio Superior Tribunal de Justiça do Estado.

A FAMÍLIA

Constituiu família, no Amazonas, ao casar-se com Luiza da Conceição do Carmo Ribeiro, e desse consórcio nasceram os filhos: Olga do Carmo Ribeiro Marques, falecida em 2002, quando já viúva do Tabelião Milton Nogueira Marques; Arthemiza do Carmo Ribeiro, viúva; Helso do Carmo Ribeiro, bacharel em direito, conselheiro aposentado do Tribunal de Contas do Estado do Amazonas, casado com a senhora Maria de Lourdes Antony do Carmo Ribeiro, residentes à Avenida Eduardo Ribeiro; Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Filho, casado com a Senhora Isabel Vitória Pereira do Carmo Ribeiro, Bacharel em Direito, advogado militante e orador fluente, tornou-se político no cenário estadual e federal; e Maria Luíza do Carmo de Souza, casada com o senhor Nilton Souza, residente em Manaus.

OS POLÍTICOS

A família projetou-se na política do Amazonas. Seu filho Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Filho, despontou como Deputado Constituinte do Estado do Amazonas, em 1947, depois eleito Deputado Federal; seu neto Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Neto, Embaixador do Ministério do Exterior, prefeito de Manaus, Deputado federal pelo Amazonas, líder do Presidente da República no Congresso Nacional, Ministro e Senador da República, em 06.10.2002, e Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Bisneto, atualmente Vereador do Município de Manaus, Deputado Estadual em 06.10.2002.

O irmão Arthur do Carmo Ribeiro foi iniciado na Maçonaria, no Oriente de Manaus, talvez na Loja Esperança e Porvir, onde teve oportunidade, pelos próprios méritos, de alcançar todos os graus da Sublime Ordem, falecendo em Manaus, no dia 14 de setembro de 1956.

NA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Em 18 de janeiro de 1942 foi eleito para a Academia Amazonense de Letras, na vaga do acadêmico Gaspar Guimarães, fundador da Poltrona 13, a qual depois tomou o número 17, quando por ele foi ocupada, cuja posse ocorreu no dia 22 de fevereiro de 1943. Seu elogio acadêmico de posse foi feito pelo Acadêmico Huascar de Figueiredo, sob a presidência do Acadêmico Adriano Jorge.

O ATUAL OCUPANTE

Facilito o trabalho de pesquisa de qualquer futuro titular desta Cadeira nesta Academia. Seguem minhas principais informações biográficas. De humilíssima origem; sequer convivi com os meus pais biológicos, sendo informado pelos adotivos, que se chamavam Luiz Gregório do Nascimento e Carlota. Trabalhavam na roça, no Paraná do Xiborena, onde nasci dia 21 de dezembro de 1926. A localidade pertencia ao Distrito de Manaus, mas atualmente faz parte do Município de Iranduba.

Sem oportunidade de conhecer as raízes genealógicas, entendi-me gente criado pelas mãos de humilde casal, meus padrinhos pelo batismo, que me adotou na tenra idade, quando muito nos dois ou três anos. Foram Antonio e Luíza da Silva Barbosa. Ele, do Crato, no Ceará, de primeiras letras, aos 13 anos veio para seringais do Amazonas. Ela, nascida e criada no Paraná do Careiro, analfabeta. Quando nasci viviam e trabalhavam juntos na roça, vizinhos de meus pais.

Ao acaso lembro-me de ter visto meu pai genético ao redor dos meus seis anos de idade, em ato religioso na Praça da Matriz de N. S. da Conceição, em Manaus. Sem qualquer convivência, porque ele continuava na mesma localidade onde nasci, viúvo de muito tempo, enquanto meus adotivos migraram para Manaus. Quando completei 16 anos, ele faleceu na Santa Casa de Misericórdia. Pobre homem, analfabeto, trabalhador da roça.

Em 1946, quando nasceu minha primeira filha Maria José, decidi visitar o lugar onde nascera, em busca de consangüíneos. Encontrei minha avó materna, chamada Rosa, que faleceu muito depois, próximo dos 100 anos de idade. Tinha sangue cearense, e era parteira tradicional na região, onde também conheci tias, irmãs do meu pai, e da minha mãe, além de alguns primos, todos sem projeção social.

FILHO ADOTIVO REGISTRADO

Atraso social, ironia do destino ou algo parecido, permitiram que eu fosse registrado como filho legítimo dos pais adotivos. Não encontrei, motivos para isso retificar. Ao contrário, restaram-me respeito e agradecimento pela generosa tarefa de me criarem, até quando assumi os encargos da própria família, aos 18 anos de idade, com eles inseparáveis, até falecerem, ela em 1973, aos 84 anos, e ele em 1976, aos 93. Rendo-lhes a saudosa memória.

Nos meus 13 anos de idade (1939) moramos um ano no Rio de Janeiro. Meu primeiro trabalho foi entregar as mensagens de Natal da agência dos Correios do Estácio de Sá, sob a influência do antigo servidor Francisco de Campos Bonates, visto que morávamos na área do Rio Comprido. Foi bom para conhecer a periferia do Estácio inteiro, incluindo Praça da Bandeira e Tijuca. Seguidamente fui auxiliar de um pequeno bar, na Rua Sampaio Viana,

depois vendi balas em cinemas, juntei papel nas ruas, fiz carretos nas feiras livres e trabalhei numa fábrica de calçados, na Rua da América, no sopé do Morro da Favela, até regressarmos para Manaus, em setembro de 1940.

Só havia freqüentado, aos seis anos de idade, o Jardim da Infância do Grupo Escolar Gonçalves Dias, à Rua Duque de Caxias, alcançando talvez a segunda série. Retomando do Rio de Janeiro, fomos residir no bairro da Cachoeirinha, onde tive o primeiro emprego, sem carteira de trabalho assinada, na Usina Vitória, de beneficiamento de castanhas. Comecei ajudando minha mãe a beneficiar castanhas, e terminei empregado, abastecendo a caldeira com cascas. Em 1941, mudamos para o bairro dos Educandos, onde vivi mais 15 anos. Foi quando fui admitido no primeiro emprego com carteira assinada, na Serraria Pereira, firma da Colônia Oliveira Machado. Completara os 14 anos de idade e tinha esquecido parte do que aprendera na escola. Sem qualificação profissional, comecei transportando madeira para as caldeiras da serraria, onde terminei gerente. Casei muito cedo, aos 18 anos de idade, a 22 de dezembro de 1944, com a Maria Thereza de Souza Barbosa, isto porque o cartório Santa Cruz Machado não permitiu que ocorresse o casamento no dia do aniversário, como fora previsto, alegando que somente no seguinte estariam completados os 18 anos. A Maria Thereza também com 18 anos de idade era órfã, primeira interna no Educandário Gustavo Capanema, na Colônia Oliveira Machado, estabelecimento onde ocorreu o casamento civil e religioso.

Juntamente com minha mulher, com muito esforço e vontade, época em que eu era vigia da serraria, preparamo-nos com a saudosa professora aposentada, Ismênia Paulino Malaquias, em sua residência na Rua Humaitá, para o exame de admissão ao Colégio Estadual do Amazonas, onde ingressamos, em 1947. Concluimos

o curso Clássico no ano de 1953. Pedi demissão da serraria, em 14 de janeiro de 1956, quando concursado assumi a função pública de Fiscal da Previdência Social, no então IAPC – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes.

Há uma histórica coincidência nos nossos nascimentos e casamento. De pais vizinhos, nascemos no mesmo local e no mesmo dia 21 de dezembro de 1926, assistidos pela mesma parteira mãe Francisca Lourenço, a quem depois de casados conhecemos no Morro da Liberdade. Infantes e adolescentes fomos criados em ruas próximas (Ajuricaba e Duque de Caxias), sem nos conhecermos, senão no dia 16 de julho de 1944, na Colônia Oliveira Machado, em face de proximidade da serraria e o internato, onde casamos seis meses depois.

O precoce peso da família levou-me a serviços extras, paralelos com as atividades na serraria. Trabalhei na estiva dos navios no porto de Manaus, em terceiro turno; vendi peixes nas ruas, nos domingos e feriados, e extraí lenha de machado nas matas do Igarapé do 40, hoje Bairro da Betânia, para vender nas padarias. Era necessário suprir os pais e os filhos, que foram oito, alguns nascidos no período ginásiano, sem perda de ano e sequer segunda época em qualquer matéria.

Na função pública venci o estágio probatório de dois anos, quando tinha que comprovar eficiência, e outro estágio de três anos, por autodeliberação, para conquistar a confiança da Administração do Instituto, quando era Delegada a professora Olenka Chauvin de Menezes, e Chefe da Arrecadação e Fiscalização, o chefe e amigo Antonio de Menezes Veiga. Conquistei, além da amizade dos chefes e colegas, também a colaboração para a minha formação acadêmica, na Faculdade de Direito do Amazonas, entre 1959 e 1963. Sem tal parceria não conseguiria, pois teria que desempenhar ação fiscal na

capital e no interior, que circunscrevia o Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima, e as aulas eram matutinas e vespertinas, no casarão da Praça dos Remédios.

No desempenho fiscal procurei ser sóbrio e humilde. Fiz o social que sempre me agradou, construindo amizades que conservo, em todos os lugares percorridos.

Em 1964, assumi a chefia da arrecadação e fiscalização do órgão, nomeado pelo então Delegado do IAPC, colega fiscal Eduardo Bessa, substituindo o chefe Antonio Veiga, que foi chamado para o Gabinete. Nesta chefia, que durou 11 anos, ajudei fazer no Amazonas a fusão dos seis Institutos (IAPI, IAPC, IAPM, IAPB, IAPETEC, IAPEFESP) formando o INPS – Instituto Nacional da Previdência Social, depois IAPAS-FUNRURAL, hoje INSS – Instituto Nacional do Seguro Social. Só não participando desta última fusão, porque já estava aposentado.

O ADVOGADO

Envolvido em arrecadação e fiscalização de contribuições, não era permitido inscrição na OAB, para habilitação profissional, impedido pela Lei nº 4.215/63, que disciplinava a advocacia, tal como a atual Lei nº 8.906/94 – Estatuto da Advocacia e da OAB. Guardei o diploma de bacharel em direito por dezesseis anos, tornando-me advogado após a aposentadoria, em 1979. Alegrou-me conceder aos chefes e colegas, em encontro formal de gabinete após a formatura, 50% da vitória do diploma, porque me ajudaram a conquistá-lo, atribuindo-me tarefas na capital e interior, permissivas da freqüência às aulas.

Aposentado em 12 de fevereiro de 1979, prestei assessoria ao então Superintendente da SUFRAMA, Dr. Rui Alberto Costa Lins, durante três anos, nos assuntos de previdência e saúde dos servidores da autarquia, através da SUFRAMA, entidade associativa dos servidores do

órgão. Pedi demissão quando o Dr. Rui Lins deixou a SUFRAMA. Depois fui diretor do SENAC em Manaus, e assessoriei a Federação do Comércio do Amazonas. Desde então vivo da aposentadoria, porque a advocacia sempre teve para mim a feição sócio-filantrópica.

O MAÇOM

Fui iniciado, no dia 24 de novembro de 1956, na Loja Simbólica VITÓRIA DAS NAÇÕES UNIDAS, nº 1210, sob inscrição 59.070, Federada ao GRANDE ORIENTE DO BRASIL (GOB) do RITO ADONHIRAMITA e jurisdicionada ao GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO AMAZONAS – GOEAM, antes GOAO – GRANDE ORIENTE DA AMAZÔNIA OCIDENTAL, do qual fui fundador e primeiro Grão-Mestre, em 1979. Fui Companheiro, em 11 de fevereiro de 1957, e exaltado Mestre; em 27 de abril de 1957, Mestre instalado pelo Grão-Mestre Geral, na Rua do Lavradio/RJ e titulado Grande Benemérito da Ordem. Na minha Loja-Mãe fui algumas vezes Secretário, Tesoureiro, Orador e Venerável, deixando o último mandato de Venerável com a Loja em Templo próprio, em condomínio com a Co-Irmã Unificação Maçônica, na Rua Lobo D'Almada.

PATRIMÔNIO

Guardo diploma de Acadêmico Honorário desta Academia Maçônica, expedido, em 21.03.1980. Tenho 10 filhos, cinco homens e cinco mulheres, oito legítimos e dois legitimados. A casa grande da família, na Avenida. Djalma Batista – Jardim Haydéa 11, vendi e distribuí o valor com os filhos e esposa, antecipando em vida o inventário do único maior patrimônio material. Atualmente tenho uma sala / apartamento no Condomínio do Edifício Ajuricaba (ex-Hotel Amazonas) no centro de Manaus, e uma propriedade rural, no Km 29 da Rodovia Manuel Urbano, no Município

de Iranduba, com 75 há, onde respiro clorofila. Saudável, física e mentalmente, considero patrimônios universais a vida, a saúde e os amigos, dos quais tenho na inteira Federação brasileira (do RS ao AC), aonde estive, e seus endereços conservo em uma agenda.

Mais registros estarão em CLARÕES, título biográfico de trabalho em elaboração, que espero editar.

Foi o primeiro Presidente da Academia Amazonense Maçônica de Letras. Faleceu recentemente, a 3 de abril de 2007.

CADEIRA Nº 11

PATRONO: BENJAMIM SANCHES DE OLIVEIRA

OCUPANTE: URIAS SERGIO DE FREITAS

O PATRONO

Benjamim Sanches de Oliveira, (1915-1978), nasceu em Manaus, Amazonas, no dia 21 de abril de 1915, Engenheiro Agrônomo e Escritor.

Desde cedo se dedicou à literatura, escrevendo livros de poesias e destacando-se em suas obras de contos. Como atesta Antonio Paulo Graça, "dificilmente alguém sabe quem foi de fato Benjamim Sanches de Oliveira, onde nasceu ou como viveu".

O ATUAL OCUPANTE

Urias Sérgio Freitas, nasceu, em 09 de setembro de 1943, em Porciúncula, interior do Estado do Rio de Janeiro, filho de Urias Araújo Freitas e Jecy Gomes de Freitas que, em vida, aos 80 anos de idade, recebeu o título de Cidadã Muriaense, outorgado pela Prefeitura de Muriaé, Minas Gerais, pelos relevantes serviços prestados à essa comunidade.

Aos 14 anos de idade iniciou suas atividades profissionais como contínuo do Banco Nacional S.A., transferindo-se aos 21 anos e já casado, para Belo Horizonte, onde trabalhou na área de vendas em várias indústrias multinacionais como Philips do Brasil, Johnson & Johnson, General Electric e finalmente na grande empresa brasileira Cia. Alimentícia F.Matarazzo.

Em 1973, através de concurso público, foi designado a assumir o cargo de Gerente da Cooperativa

dos Garimpeiros do Tapajós Ltda, em Itaituba, Pará, coordenada pela Fundação de Assistência ao Garimpeiro FAG, órgão do Ministério do Trabalho, tendo participado ativamente dos programas sociais de apoio aos garimpeiros da Região do Tapajós, com a finalidade de coibir o contrabando de ouro e tornar menos desumana a dramática sobrevivência dos faiscadores naquela região. Permaneceu no cargo até a extinção da FAG e transferência de sua competência para o FUNRURAL, em 1975. Em dezembro de 1975 mudou-se para Belém do Pará, onde assumiu a gerência comercial da empresa Itapagé S.A., do grupo cimento Nassau, até 1986, transferindo-se para Manaus, contratado pela Rigesa S.A. Em 1994, foi convidado a assumir a Diretoria Regional da Empresa BSH Continental da Amazônia S.A., empresa do grupo BOSCH/SIEMENS da Alemanha, onde permaneceu até a presente data como seu representante.

É especialista em consultoria empresarial para elaboração de projetos industriais "SUFRAMA/CODAM/ADA" e para obtenção de recursos junto às instituições financeiras "FNO/BASA/BNDES", projetos de Racionalização de Embalagens, Logística e Transporte e representante comercial. Ocupa as funções extracurriculares: Diretor Adjunto da FIEAM, Coordenadoria de Meio Ambientes e Transportes, Conselheiro do CEFET, membro da Academia de Letras Ciências e Artes do Amazonas (ALCEAR), Delegado da FIEAM junto à CNI no Conselho Temático de Integração Nacional, membro da Associação dos Escritores do Estado do Amazonas, do ROTARY CLUBE MANAUS Distrito Industrial, ocupando o cargo de Presidente para o biênio de 2003/2004 e membro da GLOMAM.

Participou da 3ª. e da 4ª. Antologia Poética da ASSEAM, da 4ª. Antologia de Prosas da ASSEAM gravou um disco CD de poesias intitulado GRITOS DE ALERTA,

tendo também publicado um livro de poesias com esse mesmo título, onde se destacam dentre os temas mais importantes às articulações contrárias ao modelo da Zona Franca de Manaus e a cobiça internacional contra a Amazônia, objetos de sua repugnância e inconformismo. Em novembro de 2006 lançou seu último livro intitulado- "1973". – GARIMPO DO TAPAJOS – Terra sem lei, pela Editora Valer.

CADEIRA Nº 12

**PATRONO: CRIBANTO MARIA DE SOUZA MOREIRA
JOBIM**

OCUPANTE: IVAN DE AZEVEDO TRIBUZY

O PATRONO

Crisanto Jobim era o nome com que Crisanto Maria de Souza Moreira Jobim costumava se apresentar e assinar. Ele era filho do professor Nicodemos de Souza Moreira Jobim e dona Hermezinda de Souza Castro Jobim. Nasceu em Anãdia, Alagoas, em 18/11/1879, e faleceu em sua fazenda "Satuba", na Costa da Terra Nova, no dia 14/08/1940. Seu corpo foi transportado para o Cemitério de São João Batista, na cidade de Manaus.

Tinha quatro irmãos mais velhos: Ana Jobim, professora normalista; Manoel Anízio Jobim, desembargador; Hugo Jobim, engenheiro, e Vital Jobim, agrimensor, o que mostrava a dedicação da família aos estudos.

Crisanto Jobim exerceu vários postos de função federal, todos conquistados através de concursos públicos. Começou sua carreira em Maceió, como Guarda da Alfândega, chegando até a categoria de Sargento.

Casou-se em 07/03/1908 com dona Hercília de Menezes Gil, a qual passou a assinar-se Hercília de Menezes Jobim. Do casal nasceram 11 filhos: André, Diogo, Cláudio, Salomé, Asta, Paulo, Vera, Clovis, Cleto, Hermezinda e Ajuricaba.

Em 1915 foi aprovado no concurso para o lugar de 4º Escrivão da Delegacia Fiscal do Amazonas, e por isso, viajou para Manaus, a fim de assumir seu novo

emprego; Deixou-se fascinar pela cidade de Manaus, dedicou-se a nossa terra e aqui trabalhou por muitos anos.

Por várias vezes serviu em comissões examinadoras de candidatos ao preenchimento de cargos alfandegários.

Crisanto Jobim também exerceu o magistério, no colégio "Alexandre Herculano" do saudoso professor Antônia Rodrigues Mourão Vieira, bem como no Colégio "Martius", que funcionava, em Manaus, à Rua Emilio Moreira, que ele próprio fundara.

Foi secretário da Prefeitura da cidade de Moura, no Rio Negro, então sob a administração do coronel Euclides Nazareth.

Foi também secretário da Prefeitura da cidade de Coari, no governo municipal do Dr. Mário Octaviano.

Aposentou-se como Oficial Administrativo da Fazenda Federal.

A revolução de 1924 e Crisanto Jobim

O dia 23 de julho de 1924 marcou a data em que o movimento tenentista chegou à capital do Amazonas, segurando a bandeira da moralização política e da derrubada das oligarquias locais.

Manaus contava com aproximadamente 75.000 habitantes. Era época de crise, a cidade vivia um momento difícil, a população desempregada, o funcionalismo sem pagamento, a borracha sem preço.

O governador foi substituído pelo primeiro-tenente Alfredo Augusto Ribeiro Júnior. Pelos novos detentores do poder Crisanto Jobim foi requisitado para o cargo de Secretário Geral do Estado, função com a qual se integrou no escopo do movimento militar. Neste alto posto de confiança, portou-se com inteligência e dignidade. E em nenhum momento se deixou envolver pela força do poder e sempre se manteve íntegro como costumava ser. Em

constantes comícios dos quais participou e manifestou-se, mostrou as suas qualidades de tribuno e correspondeu às responsabilidades do movimento.

No dia 28 de agosto de 1924, com a chegada do destróier Mato Grosso, no porto de Manaus, foram aprisionados o tenente Ribeiro Júnior e os militares e civis que formavam o governo rebelde, inclusive Crisanto Jobim. A revolução mediu de forma expressiva a Crisanto Jobim. Em primeiro lugar porque transformou um funcionário da Fazenda em um excelente auxiliar de governo revelando sua extraordinária capacidade de homem público, revelando-o inclusive como um grande tribuno. Em segundo lugar, submetendo-o a diversas penalidades durante seis anos, quando ele mostrou que podia enfrentar e vencer entre outras mazelas, a indiferença, o sofrimento, a fome e a dor.

Já em 1930, teve suas penas revistas e seus direitos restaurados, passando inclusive a ser 3º Escrivão da Delegacia Fiscal do Amazonas.

Parecem faltar peças para a história desse movimento! Entretanto, quando isso for feito, temos absoluta certeza que Crisanto Jobim terá as láureas que bem merece.

Crisanto Jobim também foi um etnólogo amador, muito dedicado. De muitos anos, ele mantinha contato com nativos de diversas tribos indígenas e isso o levou a reunir, em sua própria residência, um grande número de objetos indígenas, que lhe encheram a casa. A essa vultosa coleção ele deu o nome de "Museu Rondon". Lá estavam reunidas e rotuladas cerca de novecentas peças, muitas das quais pertenceram a tribos amazônicas hoje extintas.

Em 1934, o professor Crisanto Jobim propôs ao professor Dr. Agnello Bittencourt, que aquela altura era o diretor do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, a venda do Museu Rondon. A oportunidade foi de pronto

aceita pelo Dr. Agnello e pelo Interventor Capitão Nélon de Mello, no governo do Estado do Amazonas, uma vez que o preço era compensador. Dias depois o Museu Rondon seria incorporada ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, aumentando, deste modo, o patrimônio cultural do Estado.

Crisanto Jobim foi um bom católico e excelente maçom que se iniciou em uma loja de Maceió e se filiou à Loja Amazonas, de Manaus. A perfeita integridade de caráter sempre marcou sua vida. Reagia quando encontrava em seu caminho, uma pedra que considerasse fora do lugar. Por isso foi um mártir que teve largas compensações morais na estima e no respeito dos homens.

Nota: A maioria dos dados constantes nesta pequena biografia se deve às informações zelosamente guardadas e organizadas de seu filho André Jobim, ilustre jornalista, que não perdia oportunidade de escrever sobre seu pai e que me foram gentilmente passadas pelo seu neto Dr. Fred Jobim. Além desses dados foram utilizados os escritos do Dr. Agnello Bittencourt, e da professora Eloína Monteiro dos Santos.

O ATUAL OCUPANTE

Ivan de Azevedo Tribuzy nasceu em Manaus a 19 de junho de 1942, filho de Jorge Tribuzy e Hilda de Azevedo Tribuzy. Concluiu sua formação básica como Técnico em Contabilidade, na Escola Técnica de Comércio Senador Lopes Gonçalves – Manaus (AM), em 1960. Graduou-se no curso de Matemática, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e realizou seu curso de “Especialização Científica da Geometria Diferencial” na Universidade de Madrid, Espanha.

Possui mestrado em Matemática, pelo Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), Rio de Janeiro e é também doutorado e pós-graduado em Matemática pelo mesmo Instituto.

Em seus estágios de pesquisa concluiu o Pós-doutorado no Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) – período de verão dos anos de 1979, 1980, 1983, 1984, 1985, 1987 e 1991 – Rio de Janeiro (RJ).

Participou de inúmeros congressos e seminários dentre eles: III Escola Latino-Americana de Matemática (3ª ELAM) – julho de 1976 IMPA (RJ), Seminário de Geometria Diferencial – março de 1980, janeiro de 1986 e maio de 2003 – Fortaleza (CE), College on Riemann Surface – novembro/dezembro de 1987 – Trieste – Itália, Seminário de Geometria Diferencial – agosto de 1989 – IME/USP – São Paulo (SP), Giornate di Lavoro sul Calcolo delle Variazioni – fevereiro de 1994 – Trento – Itália, Conferência de Matemática – março de 2000 – Carrera de Matemática de la Universidad Mayor de San Andrés – La Paz – Bolívia, XX Colóquio Peruano de Matemática – julho de 2001 – Pontificia Universidad Católica de Lima, Lima – Peru, dentre outros.

Foi Professor de Matemática no Ensino Básico, nos seguintes estabelecimentos de ensino de Manaus: Ginásio Nossa Senhora Aparecida, Instituto de Educação do Amazonas, Colégio Estadual do Amazonas, Escola Técnica Federal do Amazonas e Convento Preciosíssimo Sangue, no período de 1962 a 1967. Professor de Matemática da Universidade Federal do Amazonas, de 01 de junho de 1966 a 21 de maio de 1991 – Aposentado em maio de 1991, Professor do Instituto de Tecnologia da Amazônia – UTAM, de março de 1978 a abril de 1981; Professor de Fundamentos de Matemática no Curso de Mestrado em Ecologia – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), em 1980; Professor do Curso de Pós-graduação em Matemática, em nível de Aperfeiçoamento, do

Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal do Amazonas, de julho de 1979 a maio de 1991; Professor de Geometria Diferencial no Curso de Mestrado em Matemática, da Universidad Nacional de San Austin, Arequipa, Peru, de janeiro a março de 1989.

Em sua experiência profissional já efetuou o cargo de Escriturário do Banco do Brasil, Chefe do Departamento de Matemática e Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFAM, Presidente da Comissão do Vestibular da UFAM, Secretário Regional da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM) para a Região Norte e outros. Publicou sua tese de Doutorado pelo IMPA em 1978, intitulada Convexidade em Variedades Riemannianas.

Atualmente é Sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), desde 1971; Professor Associado I da Universidade Federal do Amazonas e Professor do Curso de Mestrado em Matemática, do Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal do Amazonas, deste de 1995.

Na maçonaria ocupou diversos cargos: Hospitaleiro, Adjunto do Orador, Representante da Loja Simbólica Luz, União do Juruá nº 14, junto à Soberana Assembléia da GLOMAM, Representante da Loja Simbólica Sentinela do Solimões nº 18, junto à mesma Soberana Assembléia.

Cursou todos os graus filosóficos atingindo o ápice da pirâmide a 2/9/1995, tendo ocupado os seguintes cargos dos graus superiores: Secretário e Presidente do Capítulo Rosa Cruz, por duas vezes e Presidente do Conselho de Kadosh.

CADEIRA Nº 13

PATRONO: CAETANO FÉLIX DO NASCIMENTO

OCUPANTE: VAGA

PATRONO

Caetano Félix do Nascimento nasceu em Manaus, destacando-se na Polícia Militar do Estado do Amazonas, onde foi reformado no posto de coronel. Foi Presidente da Associação dos Inativos da Polícia Militar

Iniciou-se na Augusta e Respeitável Loja Unificação Maçônica, a 4 de março de 1954, chegando a Venerável da referida Loja e Delegado do Grande Oriente do Brasil, no Amazonas, antes da criação do atual Grande Oriente Estadual.

A 12 de setembro de 1978 foi fundada uma Loja do Grande Oriente que em sua homenagem recebeu o nome de Augusta e Respeitável Loja Simbólica Caetano Félix do Nascimento nº 2029.

CADEIRA Nº 14
PATRONO: CRISÓLOGO GASTÃO DE OLIVEIRA
OCUPANTE: HUMBERTO FIGLIUOLO

O PATRONO

A história de uma vida é difícil de ser descrita, ainda mais se o personagem dela for um homem probo e, um vencedor. A conquista do que sonhamos como um bem comum exclui o idealista de pensar em si próprio para usufruir o que foi conquistado e deixar os louros de sua vitória para as futuras gerações.

O registro que hoje fazemos, é de um desses homens predestinados que tinha uma visão futurista, voltada para o bem comum.

É a saudade, a sombra do coração, na expressão de Adelson Tavares, que nos aviva a idéia e nos conduz à recordação e a ressurreição.

Saudade hoje – quando homenageamos Chrysólogo Gastão de Oliveira – é Justiça.

Escrever sobre pessoas com quem não convivemos, encerra sempre um drama inultrapassável. Servimo-nos de relatos de seu filho Raimundo Nonato, relatos estes quer escritos ou verbais, da imprensa que sempre noticiava a seu respeito, por ser um homem de caráter e de espírito público.

Era uma Manaus ainda nova, ainda por desbravar, estava nascendo para o mundo, quando nasceu Chrysólogo, em dezembro de 1895, logo mais Manaus fervilharia com a economia da borracha, o Governador Eduardo Gonçalves Ribeiro começava a dar à Capital do Amazonas uma estrutura moderna, que observamos até

hoje em diversos monumentos, prédios e ruas ainda existentes. Teve formação intelectual nesta Capital no Ginásio Amazonense D. Pedro II, além de numerosas especializações o corpo das ciências humanas e sociais. Serviu como militar o Tiro de Guerra nº 10.

Foi um servidor público exemplar da Delegacia Federal e Saúde do Estado do Amazonas, onde se aposentou após quarenta anos, com uma vida funcional impecável no porto de Manaus, quando dirigido pelo médico Dr. Madureira de Pinho.

Filho de Miguel José de Oliveira e Idalina Gastão de Oliveira casou-se com Lizbela Moura de Oliveira, que faleceu no dia 20 de junho de 1987, e tiveram cinco filhos Raymundo Nonato Moura de Oliveira; Miguel Deolindo Moura de Oliveira, Ramiro Ajuricaba Moura de Oliveira, Ivo Amazonense Moura de Oliveira e Idabela Moura de Oliveira.

A sua contribuição para o esporte amazonense foi das mais atuantes, onde se destacou como fundador do Nacional Futebol Clube, tendo secretariado e redigido a Ata de fundação do Clube.

Secretário do Atlético Rio Negro Clube, na Administração do Doutor, Flávio de Castro. Presidente da União Esportiva Portuguesa tendo em sua gestão adquirido o Prédio da Avenida Joaquim Nabuco, onde funcionou o Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB. Presidente da Federação Amazonense de Desportos Atlético (FADA) e do Conselho Regional de Desportos (CRD)

No jornalismo, destacou-se pela combatividade e elevado espírito público em defesa dos menos favorecidos exerceu elevadas funções no corpo redacional do Jornal do Comércio, onde foi muito amigo do diretor proprietário o jornalista Vicente Torres da Silva Reis.

Também desenvolveu seu talento jornalístico no jornal *A Tarde*, de propriedade do jornalista Aristófano Antony.

No serviço público estadual foi Diretor do Diário Oficial do Estado, no Governo do Dr. Júlio Carvalho Filho.

Nos governos do Dr. Leopoldo Amorim da Silva Neves e do Dr. Arthur César Ferreira Reis, ocupou o elevado posto de Chefe da Casa Civil, em cuja função se houve com realce, com brilhantismo e incomum zelo.

Também desenvolveu seu trabalho na SPVEA, como Chefe de Expediente, durante administração do Dr. Arthur César Ferreira Reis.

Teve uma atuação marcante na Maçonaria Amazônica. Iniciou-se no dia 21 de novembro de 1942, elevou-se, em 15 de janeiro de 1943 e alcançou a plenitude maçônica, no dia 3 de março de 1943, na Grande Benemerita Loja Simbólica Aurora Lusitana nº6. Orador fluente desenvolveu grandes "Peças de Arquitetura" em todas as lojas da Jurisdição, onde exibia a sua vasta cultura maçônica com notória simplicidade. Também foi sócio efetivo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHIA, pertencendo a diversas diretorias.

A cidade inteira acostumou-se a ver naquele homem de cabeça branca, sempre cordial para com todos, com uma atitude de otimismo perante a vida, mesmo nos grandes momentos de dor, uma figura que inspirava respeito e admiração.

Uma legenda de honradez, de trabalho e dono de um coração cheio de solidariedade e amor ao próximo. Em vida recebeu numerosas homenagens por essas suas notáveis qualidades.

Mas foi no dia 12 de julho de 1972 que o Professor Gastão de Oliveira nos deixou aos 76 anos. Atendendo ao chamado do Senhor, partiu com as recordações de sua vida de bem esteve aqui em Manaus. Aos seus familiares, permitindo-nos lembrar-lhes: "A dor de sua saudade é para

a alma semelhante ao arbusto quando lhe sangra a oliva e lhe foram suficientes para que ele, em sua magnífica lucidez profissional, tivesse tempo de mostrar-nos o quanto sabia". Assim, com saudades e tristezas relembramos as palavras melancólicas de Horácio (Odes, II, 14, 1), que traduzem a celebridade com que a vida passa.

"EHU! FUGACES LABUNTURANNI" (Ai de nós! Os anos fogem rápidos).

O Amazonas tem o dever de manter vivo o seu nome.

O ATUAL OCUPANTE

Humberto Figliuolo nasceu em Manaus, Amazonas, em 23 de fevereiro de 1949, filho de Vittorio Figliuolo e Rosalina Costa Figliuolo, Farmacêutico-Bioquímico, Empresário e Escritor.

Exerceu os cargos de Secretário de Estado de Saúde, Presidente do Conselho de Entorpecentes e Presidente da Central de Medicamentos. Em Brasília foi Conselheiro, Tesoureiro e Presidente do Conselho Federal de Farmácia e atualmente é Sub-Secretário de Saúde Municipal.

É membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, fundador e Ex-presidente da Academia Amazonense Maçônica de Letras e sócio da Academia de Letras e Artes do Amazonas.

Iniciou na Maçonaria, na Loja Amazonas, em 29 de agosto de 1974, exercendo vários cargos, como o de Grão - Mestre adjunto da Grande Loja Maçônica do Amazonas.

CADEIRA Nº 15

PATRONO: EDUARDO GONÇALVES RIBEIRO

OCUPANTE: JOSÉ FRANCISCO ANTAS CESÁRIO

O PATRONO

Eduardo Gonçalves Ribeiro nasceu em São Luiz, a 18 de setembro de 1862. Formou-se em Humanidades, no Liceu de São Luís, viajando para o Rio de Janeiro, a 20 de janeiro de 1881, onde estudou na Escola Militar, bacharelando-se em Ciências Físicas e Matemática. No Exército, foi patenteado como Alferes e como 2º Tenente, em 1886, sendo transferido para o Estado do Amazonas, em 1887.

Com a promoção a 2º Tenente foi nomeado professor da Escola Superior de Guerra, no Rio de Janeiro, em 1890, retornando à Manaus como Oficial de Gabinete, Secretário Particular e Diretor de Obras Públicas do 1º Governador do Amazonas Republicano Augusto Ximenes de Villeroy. A três de janeiro, por motivo de doença da sua esposa, Villeroy passou-lhe o cargo, quando deveria entregá-lo ao seu vice Guilherme Moreira, o Barão do Juruá, que somente o recebeu, a 5 de maio de 1891, por ordem do Presidente da República Marechal Deodoro da Fonseca.

Após deixar o governo, candidatou-se ao Senado, em oposição a Guilherme Moreira, porém devido a manobras políticas, não tomou posse. Depois foi eleito como Deputado Federal pelo Amazonas.

Recebeu o apelido de “O Pensador” por ter sido proprietário do jornal “O Pensador”, em São Luís.

A maioria das obras arquitetônicas antigas, que existem em Manaus, foram construídas em seu governo,

fruto do apogeu do "Ciclo Econômico da Borracha", com destaque o Teatro Amazonas.

Seus trabalhos foram imediatamente reconhecidos pelo comando militar e revolucionário, retornando ao cargo de Governador do Estado quando da renúncia do Coronel Gregório Thaumaturgo de Azevedo. Eduardo Ribeiro foi de novo Governador do Amazonas, no período de 23 de julho de 1892 a 23 de julho de 1896. Morreu em Manaus, em circunstâncias não bem esclarecidas, a 14 de outubro de 1900.

O ATUAL OCUPANTE

José Francisco Antas Cesário, nasceu em Manaus, no dia 10 de setembro de 1934, filho de José Manoel Dantas Martinez e de Narcisa Cesário dos Santos. Casou-se com Maria de Lourdes Bittencourt Guimarães Cesário, falecida recentemente tendo três filhos. Sua primeira profissão foi a de sapateiro e depois exerceu empregos em diversas empresas, sendo atualmente gerente comercial da IPES – Indústria de Produtos e Equipamento de Solda Ltda, onde trabalha há vinte e seis anos.

Escreveu vários trabalhos sobre assuntos maçônicos, inclusive uma história de sua Loja Vitória das Nações Unidas, federada ao GOB. Dedicou o seu tempo disponível à pintura de telas, com várias exposições e premiações, entre as quais: Paiol da Cultura, Galeria de Arte do ICBEU, Centro Cultural Palácio Rio Negro e Salão de Artes Manaus.

Foi iniciado a 2 de setembro de 1972, na Loja Vitória das Nações Unidas, chegando ao mestrado, a 23 de junho de 1975. Foi venerável de sua Loja por quatro vezes, no período de 1979 a 1983, e de 2002 a 2005, e Grão-Mestre do Grande Oriente do Estado do Amazonas, por duas vezes, de 1983 a 1991. É condecorado como Benemérito e Grande Benemérito da Ordem e portador da Cruz de Distinção Maçônica. Recebeu diversas medalhas e placas maçônicas.

CADEIRA Nº 16

PATRONO: EUTHYCHIO PEREIRA DA ROCHA

OCUPANTE: HAILTON LUIZ SIQUEIRA DA IGREJA

O PATRONO

Euthichio Pereira da Rocha foi um baluarte na religião católica e da ordem Maçônica, na Região Amazônica, na segunda metade do século XIX.

Por ter sido padre, maçom, pobre e negro, tem muito a ver com a data de 10 de julho de 1884, quando a província do Amazonas, proclamou a abolição da escravidão.

Membro da Augusta Loja *Harmonia* e Loja *Firmeza e Humanidade*, foi iniciado em 01 de outubro de 1859.

Padre Euthychio viveu nos prováveis contextos internacional, nacional, regional e local, através de seus pronunciamentos contundentes de amor a liberdade, igualdade e fraternidade.

Suas posições contrárias à infalibilidade papal e à *Syllabus*, custaram-lhe a excomunhão, juntamente com os Maçons da época.

Faleceu em 15 de novembro de 1880.

O ATUAL OCUPANTE

Hailton Luiz Siqueira da Igreja nasceu em Belém, Pará, no dia 08 de junho de 1952, filho de Manoel Raimundo da Igreja Filho e Celina Viana Siqueira da Igreja, Geólogo e Professor.

Desenvolveu pesquisas petrolíferas nos Estados do Amapá, Pará, Amazonas, Sergipe e Rio de Janeiro.

Professor da Universidade Federal do Amazonas, nas disciplinas geologia estrutural e geotectônica.

Publicou mais de 60 trabalhos científicos sobre diversos ramos da geologia. Em 1992, doutorou-se na Universidade Federal do Pará e a partir de 2002, atingiu o Grau de Professor Titular da UFAM.

Loja: Pertence aos quadros da Augusta, Respeitável e Grande Benfeitora Loja Oriente Unido, 1469, e ARLS Verdadeira Luz do Grande Oriente do Estado do Amazonas.

CADEIRA Nº 17

PATRONO: FELISMINO FRANCISCO SOARES

OCUPANTE: AFRANIO DE AMORIM SOARES

O PATRONO

Felismino Francisco Soares, (1902–1978), nasceu em Urucurituba, Amazonas, no dia 23 de julho de 1902, filho de Domingos Francisco Rebelo Soares e Maria Leopoldina Rebelo Soares. Foi professor, político, desembargador e escritor.

Foi professor no Liceu Francês, no Rio de Janeiro, e retornou a Manaus, passando a lecionar no Colégio Sólon de Lucena. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais.

Eleito Deputado Estadual por duas vezes, fundador do Partido Trabalhista Nacional, foi Secretário de Estado da Educação e Cultura por duas vezes e aos cinquenta anos de idade, foi nomeado Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas.

Depois de aposentado, exerceu a Chefia de Polícia do Estado do Amazonas.

Na literatura amazonense deixou três livros de poesias, compôs algumas canções.

Faleceu em 30 de setembro de 1978.

O OCUPANTE

O médico **Afrânio de Amorim Soares** nasceu em Manaus, Amazonas, no dia 1 de Janeiro de 1937, filho de Felismino Francisco Soares e de Didia de Amorim Soares.

Formado em Medicina, professor titular da Cadeira de Medicina Legal do Curso de Direito da Universidade Federal do Amazonas.

Especializado em pediatria, fez uma brilhante carreira no Estado do Amazonas.

Diretor da Maternidade Ana Nery, do Hospital Infantil Dr. Fajardo e do Hospital Adriano Jorge.

É Membro titular da Academia Amazonense de Medicina e da Academia Amazonense de Letras, Ciências e Artes do Amazonas.

Na literatura escreveu uma obra inspirada na sua atividade profissional, além de vários artigos em Jornais, Revistas e Periódicos, sempre abordando temas relevantes da sua área de atividade.

CADEIRA Nº 18

PATRONO: JUNOT CARLOS FREDERICO

ATUAL OCUPANTE: FUED CAVALCANTE SEMEM

O PATRONO

Nasceu em Manaus, em 9 de julho de 1920, sendo filho de João Carlos Frederico e Leopoldina de Almeida Frederico. Foi historiador, numismata, filatelista e um entusiasta da medalhística, assuntos sobre os quais escreveu alguns artigos, Cavaleiro da Ordem dos Cavaleiros da Concórdia, Espanha, fundada em 1246, Comendador da Ordem de São Jorge da Itália, Sócio Benemérito, Presidente do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, do qual foi secretário geral, por mais de quinze anos, portador de dezenas de medalhas e condecorações, como as do Mérito Tamandaré, a Cruz do Mérito, da Cruz Vermelha, Plácido de Castro, do Ministério de Educação, Marechal Candido Rondon e Brigadeiro José Couto de Magalhães, pela Sociedade Geográfica Brasileira, membro da Sociedade Brasileira de Numismática, diretor da Liga Amazonense Contra a Tuberculose e Conselheiro do Sesc e do Senac.

Na área esportiva foi presidente do Sul América Esporte Clube e secretário do Olímpico Clube. Como comerciante foi funcionário por dezessete anos da firma J.G. Araújo & Cia. Ltda, Presidente por treze anos do Sindicato dos Empregados do Comércio de Manaus, diretor da Confederação dos Trabalhadores no Comércio, membro atuante do movimento sindical dos comerciantes.

Fez dezenas de cursos que lhe deram uma sólida cultura geral.

Na política estadual foi vereador à Câmara Municipal de Manaus e deputado estadual, exercendo por três anos a Primeira Secretaria.

Pertencia à Grande Loja Maçônica do Amazonas, sendo Benemérito da Loja Conciliação Amazonense e tendo chegado ao Grau 33. É o nome do Museu do Grande Oriente do Estado do Amazonas.

Foi uma personalidade muito interessante guardando uma certa fleugma britânica, no seu jeito de vestir e de se comportar. Muito culto sabia manter uma boa conversa sobre os mais diferentes assuntos históricos, geográficos e de outras ciências afins. Desenvolveu belas coleções de selos e moedas, depois vendidas e uma grande coleção de medalhas, digna de ser incluída ao acervo estadual.

Ao falecer ocupava o cargo de diretor do Museu Estadual de Numismática e do Museu Tiradentes da Polícia Militar.

(Biografia pesquisada pelo Acadêmico Antonio José Souto Loureiro).

O ATUAL OCUPANTE

Fued Cavalcante Sêmen, filho de Farid Sêmen Filho e de Francisca Nazaré Cavalcante Sêmen, nasceu, a 11 de abril de 1939, em Itacoatiara, Amazonas. Fez o primário no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, da sua cidade natal, o secundário, no Colégio Dom Bosco, e o superior, na Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas. Fez cursos especializados em Direito Comercial, Direito Processual Civil, Direito Imobiliário e Direito do Trabalho.

Entre as atividades por ele exercidas destacaram-se as de Assistente Legislativo da Câmara Municipal de Manaus, Professor de Contabilidade Bancária do Colégio Brasileiro e de Prática Jurídicas do Colégio Sôlon de Lucena, Conselheiro da OAB do Amazonas, Advogado do

Banco do Brasil, Advogado de diversas empresas públicas e privadas.

Na Maçonaria pertence à Loja Esperança e Porvir, da Grande Loja do Amazonas, onde iniciou-se, a 30 de abril de 1986, sendo Elevado a Companheiro e Exaltado a Mestre.

CADEIRA Nº 19

PATRONO: FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

OCUPANTE: JOSÉ MARIA NOGUEIRA

O PATRONO

Francisco Pereira da Silva, (1890 -), nasceu no Rio Grande do Norte, no dia 7 de setembro de 1890, no povoado de Guamaré, Município de Macau, filho de Manoel Pereira da Silva e Josina Ribeiro Pereira da Silva. Foi Bacharel em Direito, administrador e político.

Em 1911, veio para a Amazônia, tendo residido em Cruzeiro do Sul, onde iniciou sua vida pública. Exerceu os cargos de Promotor Público, Fiscal da Receita Federal, e foi nomeado Prefeito Municipal de Tarauacá.

Chegou a Manaus, em 1924, sendo nomeado Chefe da Polícia, e aclamado, em 1930, membro da Junta Governativa Revolucionária do Amazonas.

Em 1946, elegeu-se Deputado Federal pelo Amazonas, onde apresentou o projeto de Lei visando dar realidade ao Plano de Valorização Econômico da Amazônia.

Em 1950, encaminhou à Câmara um projeto da criação de um Porto Franco em Manaus e, em 1955, ao retornar à Câmara Federal, retomou esse projeto, a origem da Superintendência da Zona Franca de Manaus, da qual foi o primeiro dirigente, embora sem muitas relações com a atual, verdadeiramente recriada pelo presidente Umberto de Alencar Castelo Branco, somente funcionante na década de 1970.

O OCUPANTE

José Maria Nogueira, nasceu em Óbidos, Pará, no dia 27 de Maio de 1941, filho de Luiz Cativo de Melo Nogueira e Antonia Almeida Nogueira. É técnico em edificações, administrador, servidor público federal aposentado e escritor.

Tornou-se técnico em edificações pela Escola Técnica Federal do Amazonas e posteriormente formou-se em Administração, com especialização em Administração no Serviço Público.

Membro da Loja *Unificação Maçônica*, onde se iniciou, em 12 de agosto de 1967, nela ocupando vários cargos, tais como: Tesoureiro, Secretário, Mestre de Cerimônia, Vigilante, Orador, Venerável, Membro de Comissões e Deputado Federal.

É Benemérito do Grande Oriente do Brasil, registrado no Poder Central sob nº 83.193, e agraciado com o título de Honra ao Mérito, expedido pela Unificação. É Grande Inspetor Geral do Consistório nº 14, membro do Conselho Maçônico Estadual do GOEAM.

Membro titular da Academia Amazonense Maçônica de Letras, foi eleito Presidente por dois mandatos, além de Membro da Associação dos Escritores do Amazonas.

Obras publicadas - além de diversos artigos publicados em revistas e jornais maçônicos, publicou a coletânea de trabalhos da sua loja com o título de **Arquitetos da Unificação** e mais recentemente o seu livro sobre maçonaria com o título: **"MAÇONARIA - DOCTRINA, CARISMA E PODER"**.

CADEIRA Nº 20

PATRONO: GASPAR ANTONIO VIEIRA GUIMARÃES

OCUPANTE: ALBERTO GUIDO VALÉRIO

O PATRONO

Gaspar Antonio Vieira Guimarães, nasceu em Recife, Pernambuco, no dia 20 de setembro de 1874, filho de Gaspar Antônio Vieira Guimarães e de Maria Brígida de Abreu Villar, bacharelando-se pela Faculdade de Direito de Recife logo embarcando para o Amazonas, onde exerceu vários cargos entre os quais o de Prefeito de Segurança, Promotor Público Estadual, Juiz de Direito e Desembargador, cargo que ocupou a partir de 13 de agosto de 1921, quando foi nomeado pelo governador Rego Monteiro.

Recebeu a luz na loja Maçônica Amazonas nº 2, no dia 02 de dezembro de 1893. Na Ordem Maçônica chegou ao honroso cargo de Grão-Mestre do Grande Oriente do Amazonas e Acre, sob os auspícios do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito, para a República Federativa do Brasil, origem da Grande Loja Maçônica do Amazonas (GLOMAM). Condecorado como Cavaleiro da Ordem da Coroa da Bélgica, da Ordem de Legião de Honra e da Ordem da Itália. Promulgou, a 7 de agosto de 1927, a primeira Constituição da instituição que no futuro seria a GLOMAM.

Foi um grande escritor, publicando várias obras, jornalista e professor, tendo exercido com maestria o magistério superior. Deixou um legado inigualável à Ordem Maçônica, ressaltando sempre: ***A Maçonaria é a única instituição que reúne, sob as suas abóbadas, os***

adeptos de todos os cultos, para glorificarem, em comum, o Grande Arquiteto do Universo que é Deus, idéia que encerra na ordem física a expressão do equilíbrio universal na ordem intelectual, a suprema inteligência que a tudo rege e prevê, na ordem moral a justiça imanente.

Faleceu em 23 de junho de 1938.

O ATUAL OCUPANTE

Alberto Guido Valério, amazonense, bacharel em Ciência Jurídicas e Sociais, formado pela Universidade Federal do Amazonas Advogado com especialização na área de Direito do Trabalho. Exerceu vários cargos, entre os quais os de Consultor Jurídico do Ministério da Marinha, Procurador da Fazenda, Procurador do Estado do Amazonas e do Magistério Superior. Entre as obras que publicou citam-se: O Velho Caçador, 1967; A Nobre Arte de Pescar, 1999; Espíritos dos Seringais, 2003 e Aproveitamento das horas extras para contagem de Tempo de Serviço para Aposentadoria, 1992.

Recebeu a luz na década de setenta, na Augusta e Grande Benfeitora e Portadora da Distinção Maçônica Loja Simbólica **UNIFICAÇÃO MAÇÔNICA**, onde exerceu vários cargos, pertencente ao Grande Oriente do Brasil (GOB). Na década de noventa filiou-se a Loja Oriente Unido, onde também exerceu vários cargos, concluiu os estudos filosóficos e administrativos no final do século passado, tendo sido inclusive presidente do Consistório nº 14, no Acampamento de Manaus-Am.

CADEIRA Nº 21
PATRONO: GUISEPE PAGANI VULCANI

**OCUPANTE: ALBERTO DOS SANTOS PUGA
BARBOSA**

Nasceu na Itália, em 22 de novembro de 1879. Veio para Manaus aos vinte anos de idade, com o seu irmão Giulio Cesare Roberti, com quem fundou uma joalheria e óptica. Anos depois voltou para a Itália, onde se casou, mas morrendo a esposa retornou a Manaus, passando a ser guarda livros de numerosas e importantes firmas.

Iniciou-se maçom na Loja Conciliação Amazonense, a 12 de julho de 1900, ocupando o cargo de Grande Secretário do Grande Oriente do Amazonas e Territórios Limítrofes.

Formou nova família com Iracema Lima e foi vice-cônsul da Itália, no Amazonas, sofrendo na pele os distúrbios decorrentes da Segunda Guerra Mundial, por representar uma potência do Eixo. Seu irmão teve a sua casa saqueada e ambos refugiaram-se no convento da igreja de São Sebastião, após a notícia de que o navio Baependi fora torpedeado por um submarino italiano.

Morreu no Rio de Janeiro em decorrência de uma fratura de colo de fêmur, a 20 de setembro de 1964, seis dias após a morte de seu irmão Giulio.

(Biografia elaborada com base na efetuada por Agnello Bittencourt).

CADEIRA Nº 22
PATRONO: HAMILTON MOURÃO

OCUPANTE: RENAN CORREA PEIXOTO

O desembargador Hamilton Mourão, nasceu em Dom Pedro II, Piauí, a 10 de março de 1886, falecendo em Manaus, a 24 de setembro de 1942.

Formou-se em Direito, pela Faculdade do Recife, a 4 de setembro de 1909, de onde embarcou para Manaus, em 1910. Foi nomeado promotor da Comarca de Humaitá, entre 1911 e 1912, juiz de Manicoré, Secretário Geral do Estado, entre 1912 e 1919, Chefe da Polícia da capital, em 1920 e juiz de direito da capital. Em 1926, foi nomeado desembargador, pelos seus trabalhos na confecção da Constituição Estadual.

Em 1931, por ocasião da dissolução do Tribunal, por Álvaro Maia, junto com os demais desembargadores, derrubou este ato de exceção.

Quando faleceu exercia o Grão Mestrado do Grande Oriente do Amazonas (GLOMAM), sendo-lhe tributada uma Pompa Fúnebre, no trigésimo dia após o seu falecimento, sob a presidência de Agnello Bitencourt, seu substituto, e a oratória de Waldemar Pedrosa.

(Biografia elaborada com base na apresentada por Agnello Bittencourt).

CADEIRA Nº 23

PATRONO: JOÃO REBELO CORREA

OCUPANTE: OSAIL MEDEIROS DE SOUZA

O PATRONO

João Rebelo Correa, (1893–1973), nasceu em Parintins, Amazonas, no dia 29 de junho de 1893, filho de Julião Correa e de Ermelinda Rebelo Correa. Foi Promotor Público, Juiz de Direito, Desembargador, Professor, Político e Escritor.

Exerceu os cargos de Promotor Público e Prefeito Municipal em Parintins, Juiz de Direito nas Comarcas de São Paulo de Olivença, Parintins e Manaus e Desembargador do Tribunal de Justiça do Amazonas, ocupando várias vezes a Presidência e a Corregedoria Geral de Justiça.

Professor da Faculdade de Direito e da Escola de Enfermagem de Manaus, também exerceu o cargo de Secretário de Interior e Justiça.

Foi poeta, repentista e um profundo conhecedor da região amazônica.

Maçom, Grau 33, iniciou-se na Loja de Parintins *União, Paz e Trabalho* e em Manaus, foi venerável de várias Lojas.

Faleceu em Manaus, em 22 de outubro de 1973.

O ATUAL OCUPANTE

Osail Medeiros de Souza nasceu no Município de Benjamim Constant, Estado do Amazonas, no dia 28 de novembro de 1945, filho de Raimundo Matias de Souza e

Augusta Medeiros de Souza, acompanhando o pai, servidor público, chegou a Manaus, em 1953. É contador e professor formado em Ciências Contábeis, Pós-Graduado em Administração Financeira e Orçamento, mestre em Controladoria e Contabilidade, professor universitário da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, onde exerceu vários cargos, dentre eles de Diretor do Departamento de Finanças, Vice-Diretor da Faculdade de Estudos Sociais, eleito varias vezes e ocupou os cargos de Chefe de Departamento e Coordenador de Ensino do Departamento de Contabilidade, Diretor Administrativo e Financeiro do Hospital Francisca Mendes, tomou assento, por diversas vezes nos Conselhos Superiores da Universidade Federal do Amazonas (Consuni, Consep e Consad).

Atualmente atendendo ao chamado do Governador do Estado ocupa o cargo de Pro-Reitor de Planejamento da Universidade Estadual do Amazonas. Maçom iniciado pela Loja *Glória e Razão*, do Oriente de Manaus, em 20/10/1965, tendo se filiado ao GOEAM/GOB, em 1990, na ARLS JUSCELINO KUBITSCHEK, na qual exerceu os cargos de Tesoureiro, Secretario, Orador e Deputado Estadual. Filiou-se à Loja Unificação Maçônica onde ocupou os cargos de Chanceler, Venerável e Deputado Federal. Foi Grande Secretario Estadual de Cultura do GOEAM, ate 30 de maio de 2001. Pertence aos graus filosóficos e é o atual Secretario da Academia Maçônica de Letras.

CADEIRA Nº 24

PATRONO: JUSTINO MARCOS DA SILVA

OCUPANTE: WALDEMIR MACHADO DE SIQUEIRA

O PATRONO

JUSTINO MARCOS DA SILVA nasceu em Manaus. Dedicou-se ao magistério por um longo período, tendo lecionado no Colégio Pedro II, hoje Colégio Estadual e no antigo Colégio Brasileiro. Bacharelou-se em Direito, pela faculdade de Direito do Amazonas, tendo exercido a profissão por curto período, pois se tornou Juiz de Direito, exercendo a função em vários municípios do interior do Estado do Amazonas. Retornando a capital foi aposentado. Na área cultural foi membro do Instituto Geográfico Histórico do Amazonas (IGHA), comentarista de vários jornais da cidade, membro do Conselho Executivo da Escola Técnica Federal do Amazonas.

Na Maçonaria, era filho da Loja UNIFICAÇÃO MAÇÔNICA onde exerceu os cargos de vigilante, secretário, orador e venerável e de membro de várias comissões tanto da loja, como da ordem. Foi um dos fundadores do Jornal UNIFICAÇÃO que circulou por anos até 1956.

Faleceu em Manaus, em 1975.

O ATUAL OCUPANTE

WALDEMIR MACHADO DE SIQUEIRA, filho de Luiz Gonzaga de Siqueira e Cecília Machado de Siqueira, nascido em Manaus, em 28 de janeiro de 1932, casado com a Sra. Elza Rego de Siqueira, com formação técnica em gráfica, tem o curso de Orientação e Planejamento

Sindical, Curso de Cooperativismo, Juiz Classista da Justiça do Trabalho e Contabilidade Sindical. Foi presidente do Sindicato dos Gráficos de Manaus, membro do Conselho de Representação da Federação Nacional dos Gráficos-RJ, Coordenador da Comunidade Médica Intersindical, Diretor Presidente da Cooperativa Habitacional Dom Pedro II e Presidente do CONSINOCOOP-AM. Na Maçonaria é filho da Loja UNIFICAÇÃO MAÇÔNICA, do Grande Oriente do Brasil (GOB). É Mestre Instalado, já tendo exercido vários cargos na ordem, conforme a seguir: Juiz do Tribunal Eleitoral; Grão-Mestre Adjunto período de 1983/86; Presidente do Conselho Estadual do GOEAM, Grão-Mestre Estadual de 1986/87, Grande Secretário de Educação e Ritualística, possui ainda diversas comendas maçônicas sendo a sua mais alta distinção a **Condecoração Cruz da Perfeição Maçônica expedida pelo Grande Oriente do Brasil.**

CADEIRA Nº 25
PATRONO: JORGE DE MORAES
OCUPANTE: RUY ALBERTO COSTA LINS

O PATRONO

Jorge de Moraes (1878–1947) nasceu em Manaus, Amazonas, no dia 18 de julho de 1878, Médico, Professor, Político.

Formado pela faculdade de medicina da Bahia. Em Manaus exerceu os cargos de Médico, Professor, Deputado Federal, Senador da República, Prefeito de Manaus. Foi Administrador e Servidor Público, Acadêmico, Tribuno e Poliglota.

Na área política partidária como integrante do Partido Republicano foi eleito deputado federal, para um mandato de 1905-1908. A sua carreira política, no entanto, iria mais longe. Exerceu de 1909-1911 o mandato de senador da república, que renunciou ao ser eleito superintendente do município de Manaus. Foi declarado ativo e trabalhador talentoso e ilustrado, sua ação a frente da maior edilidade estadual vale por um atestado irrefutável de seu grande e límpido civismo. Projetou-se como administrador de espírito forte e empreendedor, justiceiro e desnudo de tibieza.

Na área educacional desenvolveu um trabalho hercúleo, como Diretor no Instituto Benjamim Constant, Professor da Escola Normal e do Ginásio Amazonense D. Pedro II, Diretora de Instrução Pública, Professor e Vice-Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Manaus.

Na medicina sua atuação como médico sempre foi irrepreensível - cirurgião na Santa Casa de Misericórdia realizou cirurgias de grande complexidade para a época. A imprensa de Manaus, com uma ponta de justificado orgulho, registrava destacadamente: a primeira vez que entre nós se levou a efeito operação mais grave e difícil entre todas as intervenções obstétricas.

Na Maçonaria ingressou a 7 de dezembro de 1903 em Salvador, quando ainda estudante de Medicina. Em Manaus freqüentou as lojas simbólicas existentes. Fez parte do grupo que fundou e instalou a Academia Amazonense de Letras em 1º de janeiro de 1918 e, no ano anterior, a 25 de março de 1917, igualmente, fez parte do grupo de numerosas pessoas que fundaram e instalaram o Instituto Geográfico Histórico do Amazonas (IGHA). Está assim na galeria de honra dos fundadores.

O ATUAL OCUPANTE

Ruy Alberto Costa Lins, nasceu em Manaus, Amazonas, no dia 03 de março de 1934, filho do funcionário público federal Milton Pessoa Lins e de Nina de Araújo Costa Lins, Economista, Professor e Político.

Formado pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Amazonas, especialista em desenvolvimento econômico, mestrado em análise econômica pelo Conselho Nacional de Economia e de Planejamento Ambiental pela Universidade Federal Fluminense.

É Professor Adjunto do Departamento de Economia e Análise, Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Amazonas.

No setor público, foi chefe de setor e Secretário Executivo da Comissão de Desenvolvimento Econômico do Estado do Amazonas - CODEAMA.

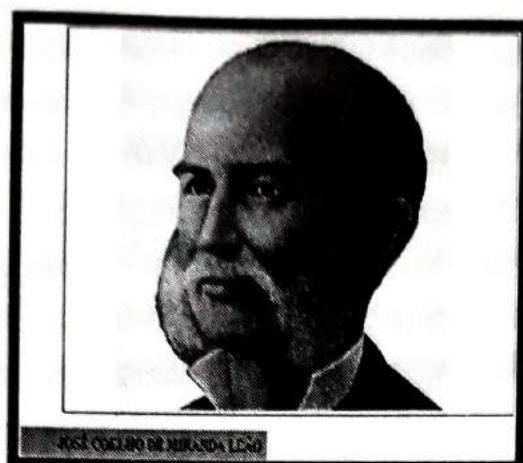
É fundador da Academia Amazonense Maçônica de Letras, sócio efetivo da Academia Amazonense de Letras e do Instituto Geográfico Histórico do Amazonas.

Secretário de Estado do Planejamento e Coordenação Geral, Secretário de Estado da Produção Rural, Viação e Obras Públicas, Interior e Justiça, Secretário Geral da Junta Comercial do Amazonas e Superintendente da Zona Franca de Manaus. No setor privado, foi Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, membro do Conselho Técnico Administrativo, Conselho Departamental e Congregação, Chefe do Departamento de Economia e Análise, Coordenador dos Colegiados de Cursos, Professor Orientador de monografia dos cursos de graduação em Ciências Econômicas da CODEAMA.

Desenvolveu atividades como secretário-geral na implantação, na Junta Comercial do Amazonas, de mudanças preconizadas para o registro do comércio e cadastro nacional. Foi idealizador e instalador da Associação de Exportadores e Importadores da Zona Franca de Manaus – 1979 e 1982, respectivamente.

Na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) foi, dentre outras coisas, membro do Conselho Universitário e do Conselho Diretor da Fundação Universidade do Amazonas. Também foi professor, por concurso público, na Escola Técnica de Comércio Sólon de Lucena, 1965-1966, e na Escola de Servido Público do Estado do Amazonas – ESPEA, 1967.

Na maçonaria teve a seguinte trajetória: Membro da Grande Benemerita Loja Simbólica Conciliação Amazonense nº. 3 da jurisdição da Grande Loja do Amazonas. Exerceu vários cargos tanto na Loja Simbólica quanto nas Lojas Superiores. É mestre instalado por ter sido eleito venerável da sua Loja Conciliação Amazonense para o período administrativo de um ano.



CADEIRA Nº 26

PATRONO: JOSÉ COELHO DE MIRANDA LEÃO

ATUAL OCUPANTE: MANOEL GOMES NOGUEIRA

O PATRONO

MIRANDA LEÃO

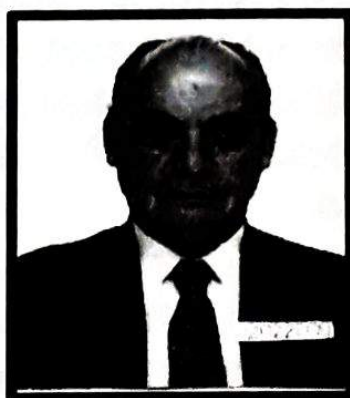
José Coelho Miranda Leão nasceu em Manaus, Amazonas, filho de José Coelho de Miranda Leão, coronel e político. Foi educado e instruído em Lisboa. Regressando à Manaus, adotou como atividade permanente, o comércio e mais tarde também a política. Sua casa de negócio ficava à Rua Brasileira, hoje Avenida Sete de Setembro.

Casou-se com Martiniana Ferreira dos Anjos, descendente, em linha direta, da tribo dos Manaos, de que fora chefe o intrépido índio Ajuricaba. O Coronel Miranda Leão foi autêntico autodidata, pois fizera sua cultura na observação dos fatos, na leitura de bons livros e no convívio da sociedade manauense. Era um exemplo de conduta onde quer que estivesse. Quando foi instalada a Província

do Amazonas, a 1º de janeiro de 1852, estava presente e assinou seu nome em terceiro lugar, naquela solenidade, como escrivão da Comarca de Manaus. Na lista dos deputados provinciais à Assembléia legislativa para o biênio 1874-1876, lá está em companhia do Capitão Nicolau José de Castro e Costa, Coronel Antônio Monteiro Tapajós, Capitão Justiniano Braule Pinto e outros. Era um dos quinze eleitores que integravam o colégio dos votantes da capital. Servia de tenente-coronel da Guarda Nacional de Manaus. Por alguns anos, continuou integrado à Assembléia legislativa da Província. Um dos mais importantes serviços que prestou ao Amazonas foi a pacificação dos cabanos, em Luzéia (Maués), na Mundurucânia.

Além de todos os méritos apontados, José Coelho Miranda Leão participou da organização da Associação Comercial do Amazonas, fundada em 1871 e da qual foi seu primeiro presidente.

Nos documentos pesquisados não encontramos registro de sua data de nascimento, tendo falecido em 1884 e seus restos mortais estão na necrópole de São João Batista.



OCUPANTE

O acadêmico Manoel Gomes Nogueira, filho de Rodolfo Gomes Nogueira e Maria Nogueira Gomes,

nasceu no município de Coari – AM, em 10 de fevereiro de 1940, casado com Nilzete Gil Nogueira, tendo quatro filhos, Maura Gil Nogueira, Marizete Gil Nogueira, Marinez Gil Nogueira e Marcondes Gil Nogueira. Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Amazonas. Foi Dirigente Sindical, sendo Presidente do Sindicato dos Tecelões, Presidente da Federação dos Trabalhadores da Indústria do Estado do Amazonas, Delegado Regional do ministério do Trabalho no Estado do Amazonas e Território de Roraima. Ingressou como Advogado de Ofício do Estado do Amazonas em dezembro de 1981, sendo atualmente Defensor Público do Estado do Amazonas. Tendo exercido o cargo de Juiz Classista do TRT da 11ª Região.

Dentre várias honrarias, recebeu o título de Advogado Trabalhista no ano de 1985 e a Comenda do Mérito Judiciário do Trabalho no grau de oficial, concedido pelo Tribunal superior do Trabalho.

Maçom iniciado, em 26 de maio de 1973, pela Loja Estrela de David nº 2387, cadastro nº 158765, M.I. venerável mestre de sua loja – 1991 a 1993. Deputado e Presidente da Assembléia maçônica durante quatro mandatos de um ano cada.

Grão Mestre Adjunto de junho de 2003 a junho de 2007. No filosofismo é grau 33 e assumiu vários cargos, como orador do consistório e presidente do Conselho de Kadosch e atualmente é juiz do Tribunal Eleitoral Maçônico.

CADEIRA Nº 27

PATRONO: LEOPOLDO AMORIM DA SILVA NEVES

OCUPANTE: JOAQUIM MOACIR SEVALHO GAMA

O PATRONO

O grande filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche já dizia que: “os valores de um homem quase sempre são reconhecidos tardia ou postumamente”, o que não deixa de ser uma verdade que aos poucos está tomando outro rumo, uma vez que hoje em dia algumas pessoas já estão sendo homenageadas ainda enquanto vivem.

Neste aspecto, inúmeros são os tópicos que se encaixam dentro desse pensamento de NIETZSCHE.

A amizade é um dos grandes valores e raramente a observamos hoje em dia, nesta vida de labuta e competição pela sobrevivência. A fidelidade e o bom caráter cada vez mais ficam escassos, mas mesmo assim temos demonstrações no caminho da nossa existência, no plano terráqueo.

Um dos grandes exemplos de amizade foi a existente entre o economista, filósofo alemão e fundador do socialismo moderno, KARL Heinrich MARX e o seu contemporâneo e também filósofo e economista, além de sociólogo, Friedrich ENGELS. Era uma amizade tão sincera que nos vários momentos de dificuldades do autor de O Capital, o seu amigo ENGELS fornecia-lhe recursos financeiros que o sustentasse juntamente com a sua família, para que dessa maneira pudesse MARX dedicar-se ao máximo às investigações econômicas. ENGELS fazia isso com o maior prazer, pois dispunha de recursos financeiros – uma vez que era filho de um industrial têxtil – mesmo

quando fixara residência em Manchester para gerir os interesses da firma paterna associada a uma empresa têxtil inglesa.

Para sintetizar essa colossal amizade, vejamos o que escreveu a esse respeito, o baiano Jacob Gorender, estudioso do marxismo (principalmente em seus aspectos de filosofia e teoria econômica) e historiador da economia brasileira.

“Em 1844 e em Paris, MARX e ENGELS deram início à colaboração intelectual e política que se prolongaria durante quatro decênios”. Dotado de exemplar modéstia, ENGELS nunca consentiu que o considerassem senão “segundo violino” junto a MARX. Mas este sem dúvida ficaria longe de criar uma obra tão importante pela complexidade e extensão não contasse no amigo e companheiro um incentivador, consultor e crítico. Para MARX, excluído da vida universitária, desprezado nos meios cultos e vivendo numa época em que Proudhon Blanqui e Lassale eram os ideólogos influentes das correntes socialistas, ENGELS foi mais do que um interlocutor, pois representou, conforme observou Paul Lafargue, o verdadeiro público com o qual Marx se comunicava, público exigente para cujo convencimento não poupava esforços.

“As centenas de cartas do epistolário recíproco registram um intercâmbio como poucas vezes ocorreu entre os dois pensadores, explicitando, ao mesmo tempo, a importância da contribuição de ENGELS e o respeito de MARX às críticas e conselhos do amigo”.

Como já dizia o grande historiador WILL DURAND, os homens inteligentes, os gênios dão-se um com outro tão harmoniosamente como a dinamite com o fogo.

Na versão amazonense, é sempre bom lembrarmos da grande amizade que existiu entre Leopoldo Neves e o intelectual e membro da Academia Amazonense de Letras

Péricles Moraes, autor de *O Exemplo de Leopoldo Neves* (Visão introspectiva de uma vida e um caráter), um trabalho de tão alta qualidade, onde enfoca as virtudes e atitudes edificantes desse homem que foi um dos grandes políticos do Amazonas.

Portanto essa obra foi uma homenagem da Academia Amazonense de Letras à memória do seu preexcelso animador.

Péricles Moraes afirma que Leopoldo Neves foi um homem singular e que não se deixou acometer pelas artimanhas e pelos vícios dos políticos do seu tempo e exara o seu ponto de vista, dizendo que o estadista amazônico foi um dos que mais espelhou os sentimentos do povo, desdobrando-se em atividades e iniciativas e deixando por toda parte a marca do seu trabalho e as suas realizações.

Leopoldo Neves chegou ao poder pelo voto quase unânime dos seus contemporâneos, depois de uma espetacular campanha eleitoral.

Já governador, a primeira providência que tomou foi traçar linhas de um programa de ação norteado no reflexo e na irradiação do seu pensamento político sempre pautado na honra e na dignidade.

Leopoldo sabia que era uma tarefa difícil governar um Estado com uma extensão territorial imensa como é o Amazonas, mas estava determinado a investir nas melhorias para o seu povo, fazendo com que percebessem suas responsabilidades para a construção de uma sociedade menos sofrida, onde havia, portanto a necessidade de uma reeducação e aperfeiçoamento de metodologias, visando um maior aproveitamento da terra para com os seus elementos vitais: mostrou a exploração, a expansão e a questão da ocupação conseqüente povoamento dos rincões colossais.

No exercício do mandato, sempre primou pelo caráter e pela dignidade, uma vez que todos os seus atos e

deliberações atestavam as aplicabilidades destas características que deviam sempre acompanhar os políticos, mas que infelizmente nos dias atuais, acontece exatamente o contrário uma vez que já se tornaram costumeiras as CPIs, para apurar deslizes e falcatruas dos mesmos.

Leopoldo não possuía estes vícios políticos e por isso era conhecido como Pudico, que, no meu velho Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, organizado por Francisco da Silva Bueno, edição de 1965, significa aquele que tem pudor, envergonhado, casto.

Durante a sua administração, no curto período de três anos, o pudico empreendeu um grande trabalho, graças aos seus esforços e sacrifícios. Somente desta maneira pode superar os obstáculos que apareciam em sua frente, sempre os transpondo com a mesma determinação que o acompanhou desde menino, quando aos quatorze anos de idade, devido ao falecimento do seu pai, e para ajudar a mãe na manutenção da família, foi ajudante de agricultor, no Campo Experimental, e também trabalhou como tipógrafo na Papelaria César & Cia.

Esse virtuoso Governador do Amazonas possuía uma extraordinária visão administrativa. Traçava seus roteiros e deles não desviava, mesmo que tivesse que superar antagonismos. Não aceitava a preguiça e a falta de interesse no trabalho dos seus funcionários e por isso exerceu seu mandato com seriedade, combatendo a inoperância e a corrupção. Foi um homem dinâmico e agraciado por Deus com uma grande inteligência, que sempre a usou em prol do seu povo e no desenvolvimento do seu Estado. Exercitou como ninguém a democracia, e dizia sempre que todos devem ter a liberdade de opinião. Possuindo esse pensamento, nunca permitiu que se discriminassem os seus adversários. Era um homem dotado de raro senso de justiça e dono de um caráter ilibado e elogiado por todos.

Leopoldo Neves valorizava por demais as pessoas responsáveis e dentre inúmeros casos que confirmaram a sua sensatez vamos citar alguns que foram exarados pelo seu grande amigo Péricles Moraes.

“Um coletor de rendas do interior, seu inimigo e adversário político foi conservado no seu cargo fazendário sem que fosse importunado, pois mesmo apesar de falar demais, o Prefeito de cidade confidenciou a Leopoldo Neves que se tratava de um funcionário honesto e que defendia o erário público com uma determinação extraordinária, não permitindo nenhum tipo de falcatrua no seu departamento”.

Outro caso que vale ser citado foi o que aconteceu por ocasião do falecimento do escritor Huascar de Figueiredo, adversário da situação que havia lutado bastante para anular a sua eleição, usando todos os recursos jurídicos, sem obter sucesso. Leopoldo, reconhecendo o grande valor de Huascar, Procurador Fiscal da Fazenda e advogado famoso, e provando não guardar mágoas, pois no seu coração as virtudes sempre foram inquilinas, determinou que os seus funerais corresse por conta do Estado, demonstrando que o homem não deve guardar nenhum tipo de ressentimento pelo seu semelhante, pois era consciente de que na transitoriedade da vida física é que devemos dar demonstrações de solidariedade e humildade. Foi ainda um dos que carregou o esquife do ex-inimigo, segurando-o em uma das alças no caminho do cemitério, dando uma demonstração do grande caráter que possuía.

Leopoldo Neves, sempre foi um homem fleumático e resolvia os problemas administrativos com muita sabedoria e honestidade e sem fazer uso de sua autoridade como Governador, como acontece hoje em dia nos quatro cantos do nosso País, onde os políticos não visam o bem-estar das pessoas que os elegeram, mas o

próprio bem-estar, envolvendo-se em falcatruas e maracutaias...

Dotado de caráter edificante, ele sempre tinha uma solução para os problemas da massa popular, uma vez que nos meandros do seu coração não fazia discriminação entre ricos ou pobres e sim aplicava a justiça acima de qualquer facção partidária, sempre visando os interesses da coletividade. Por isso a maior parte da população que o fez Governador, acreditava nas suas atitudes e ações, pois sempre eram dotadas de lucidez e honestidade, pois o povo sabia que o seu representante possuía um passado digno, honroso e incorruptível e isso até inspirava os jovens amazonenses à prática das grandes virtudes.

Péricles Moraes, seu amigo e confidente acompanhou de perto as atitudes edificantes de Leopoldo Neves da mesma maneira que via as transformações políticas do Amazonas, durante a sua administração. Ao seu lado presenciou as glórias e aos momentos de desalento sentidos por aquele homem que ele, um intelectual da melhor qualidade, classificou como um homem-paradigma, de têmpera de aço, que tanto trabalhou e sofreu pela grandeza do Amazonas, sendo tão mal recompensado.

Péricles relata-nos que Leopoldo Neves era um homem desprendido, muitas vezes rejeitando de mão beijada as verbas que lhe eram conferidas pela Assembléia Legislativa e que legalmente lhe cabiam. Tudo isso dispensava em favor do povo e em nome do progresso do seu Estado.

Como político, Leopoldo Neves foi exemplar, não se envolvendo com as trapaças que tanto macularam alguns governantes. Era um homem de palavra e renunciou ao cargo de Governador seis meses antes do término do seu mandato, cumprindo acordo que firmara com seus partidários, uma vez que estava convicto que executava como havia traçado, o seu plano de governo.

Sempre foi um homem correto enquanto dirigente do povo amazonense, tanto que sempre prestou conta dos seus atos como comprovam os documentos, nas três mensagens dirigidas à Assembléia Legislativa onde mencionava ter reduzido os compromissos financeiros do Estado do Amazonas e também que o funcionalismo público se encontrava normalizado.

Leopoldo Neves sempre visava atender às necessidades do povo, tanto que na sua administração executou várias obras que trouxeram grandes benefícios aos amazonenses, mas essas obras serão citadas mais adiante.

Voltando a questão política, vale aqui ressaltar que Leopoldo Neves deixou o governo para disputar uma cadeira no Parlamento Nacional, candidatando-se a Senador da República, porém aí faltou o apoio do povo e dos seus correligionários e sendo vítima de uma política hedionda que se infiltrava nas massas populares. Sendo assim, seus planos em prol da causa pública foram inúteis uma vez que não conseguiu eleger-se.

Como se tratava de um homem honesto, Leopoldo Neves deixou o governo de mãos vazias e segundo o seu grande amigo Péricles Moraes, "ainda mais pobre do que ao transpor os umbrais do Palácio Rio Negro".

Portanto Leopoldo Neves teve a sua candidatura ao Senado sacrificada pelo suborno, articulações reprováveis e traições de todas as formas, mas recebeu tudo isso com serenidade e nunca se queixando, a qualquer pessoa, das atitudes dos falsos amigos, porém Péricles Moraes, nos relata ter percebido e até adivinhado os lances dramáticos dos seus últimos dias, enfrentando várias dificuldades, problemas existenciais e preocupado com a subsistência da sua grande prole, com dívidas a saldar. Deu novo rumo na sua vida indo trabalhar entre pessoas humildes e honestas, no Banco de Crédito da Amazônia, e ali encontrou paz, penitenciando-se amargamente dos erros

e dos infortúnios da política onde só os que se dão bem são os homens ligados à corrupção e às falcatruas.

Foi ali no Banco de Crédito da Amazônia, na sua banca de trabalho que morreu fulminado por um derrame cerebral. A cidade inteira ficou comovida com a notícia do falecimento de Leopoldo Neves e sua modesta residência ficou cheia de homens e mulheres, velhos e crianças de todas as classes sociais, que traziam as homenagens e conforto moral à viúva.

O seu enterro foi uma verdadeira apoteose sendo os despojos sagrados conduzidos a pé, pela massa popular até a sua sepultura e foi lá que o seu amigo Péricles Moraes o contemplou pela última vez e assim descreveu a cena de tristeza.

“Estendido no seu ataúde coberto de rosas, Leopoldo Neves dormia o seu derradeiro sono. Com a fisionomia serena e resignada das criaturas sem culpa, as retinas imobilizadas, as mãos brancas e esguias cruzadas sobre o peito, o coração parado para sempre, lá se encontrava nas fronteiras da eternidade, irremediavelmente morto, o varão ilustre que se tornara à última hora, depois de escarnecido e derrotado, o ídolo sacrossanto do povo. Eu tive a impressão neste minuto alucinante, que dos seus lábios lívidos afluía um sorriso escaninho ironizando aquela oratória bombástica e inexpressiva, que jorrava em catadupas sobre um corpo inanimado, e cujos surtos flamejantes, estimulados pela irreverência de palmas sacrílegas, estavam longe de interpretar a legenda heráldica de suas angústias e do seu martírio”.

E assim Leopoldo Neves foi levado ao seio da terra em que viveu, amou e padeceu e hoje serve de referência quando algum amazonense fala de honestidade.

O NASCIMENTO

Leopoldo Neves Amorim da Silva Neves, conhecido pela alcunha de Pudico, nasceu em Manaus, no dia 24 de fevereiro de 1898. Era filho do coronel Cyrillo Leopoldo da Silva Neves e da professora Maria Amorim da Silva Neves. Seus primeiros anos de vida foram felizes uma vez que seu pai ganhava o suficiente para manter a sua família, porém a situação começou a complicar quando Leopoldo tinha 14 anos, ocasião em que faleceu o seu genitor, em 1912.

OS ESTUDOS

Leopoldo Neves fez os cursos primários, secundário e superior, todos em Manaus. Segundo Agnelo Bittencourt (1876-1975), o primário em escola particular e os preparatórios, no Ginásio Amazonense Pedro II (Colégio Estadual do Amazonas). Em 1916, matriculou-se na Escola Agrônômica de Manaus onde se formou Engenheiro Agrônomo, colando grau, a 20 de dezembro de 1921.

A LABUTA

Ainda cedo, com o falecimento do seu pai, Leopoldo Neves começou a trabalhar para ajudar a sua mãe.

Foi ajudante de agricultor no Campo Experimental e também trabalhou como tipógrafo na Papelaria César & Cia.

Na época em que se formou, era funcionário do Departamento dos Correios e Telégrafos e se exonerou da sua função, para entregar-se a profissão que escolhera. Viajou por vários locais do Estado trabalhando na demarcação de terras.

O CASAMENTO E CONSTITUIÇÃO FAMILIAR

Aos 28 anos de idade, em 1926, Leopoldo Neves subiu ao altar para casar-se com Dona Caryné Maciel Jacob.

O casal teve oito filhos, sendo sete mulheres e um homem. Como gostavam por demais do nome Maria, então resolveram colocar o nome de Maria em todas elas e eis a relação: Maria de Nazareth, Maria Thereza, Maria José, Maria Eloy, Maria Conceição, Maria do Carmo, Cyrillo Hermeto e Maria de Lourdes Jacob e Silva.

O HOMEM PÚBLICO E POLÍTICO

Parintins, um importante município amazonense foi o seu ponto de partida. Ali foi Prefeito, saindo posteriormente para a Assembléia Legislativa do Estado, onde se destacou entre os demais colegas e passou a ser admirado pelos seus pares como um dos membros mais ativos, pelo seu trabalho, e respeitado, pela sua inteligência e cultura. Como reconhecimento ao seu talento foi convidado a dirigir o Departamento das Municipalidades do Estado. Voltou a ser Prefeito de Parintins pela segunda vez.

Vale ressaltar que Leopoldo Neves prestou importantes serviços e integridade territorial do Amazonas, como chefe da Comissão de Limites, no litígio entre Amazonas e Pará.

Do departamento de Municipalidades, passou para a Diretoria da Fazenda Pública, no dia 17 de setembro de 1941.

O dinheiro que ganhava apresentava-se insuficiente para a manutenção da família e isso o levou a abandonar a vida pública.

Como era Engenheiro Agrônomo, resolveu dedicar-se a agricultura da juta. Tudo planejado e decidido deixou a cidade de Manaus, com a família, seguindo rumo ao Município de Parintins, mais precisamente à ilha do Careiro, na foz do lago Manium, e ali, em uma grande área fez o seu jotal e por lá viveu administrando a gleba alagadiça.

Homem ligado à política, não demorou muito tempo para descobrirem o seu paradeiro. De repente os seus amigos políticos aportaram na Ilha do Careiro e lá foram buscá-lo, uma vez que o País tinha retomado ao Regime Democrático, após 15 anos de ditadura.

Foi feito o convite para Leopoldo Neves integrar a Chapa dos Deputados Federais do Amazonas, pelo Partido Trabalhista Brasileiro, e de imediato receberam a resposta negativa, uma vez que o convidado disse já se haver comprometido a aceitar a sua candidatura ao Governo do Estado. Saiu vitorioso, mas sua posse foi complicada, pois os seus adversários contestaram-lhe o Diploma e a luta foi no setor judicial, mas o Tribunal de Justiça do Amazonas deu-lhe o ganho de causa e o candidato Leopoldo Neves tomou posse, no dia 05 de maio de 1947.

Não chegou até o final do seu mandato, uma vez que seis meses antes renunciou ao cargo, para candidatar-se ao Senado, conforme acordo firmado com seus partidários.

AS DIFICULDADES

Portanto, em 1950, Leopoldo Neves perdeu as eleições para o Senado e ficou numa situação econômica difícil até mesmo para arcar com os compromissos familiares, uma vez que deixou o governo de mãos vazias, pois não era um homem ligado à corrupção, trapaças e falcatruas em benefício próprio.

Nesse momento crucial da sua vida de muito lhe ajudou a sua honestidade. Sabedores das suas virtudes e da situação que enfrentava, os seus amigos Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra e o chefe de sua Casa Civil, Ministro José Pereira Lira, conseguiram com que fosse nomeado para o cargo de assistente técnico do Banco de Crédito da Amazônia, em 1950, e, portanto o Pudico encaixava-se perfeitamente nessa função, pois era

agrônomo. Tudo corria às maravilhas mas de repente foi surpreendido com a extinção desse cargo e a situação ficou novamente complicada mas a verdade é que Leopoldo Neves não poderia ficar desempregado, pois já havia adquirido estabilidade, e então se impôs como funcionário à Presidência do Banco. Como a situação tinha que ser resolvida, Leopoldo passou a ser escriturário com vencimentos superiores aos demais escriturários, o que ocasionou uma situação desagradável e isso o deixou constrangido, uma vez que não combinava em nada com o seu caráter.

SEUS ESCRITOS

No período em que foi funcionário do Banco de Crédito da Amazônia, destacou-se pelos trabalhos que escrevia sobre a economia amazônica.

Segundo o Professor Agnelo Bitencourt, “ninguém foi maior técnico no assunto, no âmbito amazônico e dentro de uma casa de crédito”.

Portanto escreveu diversas monografias como:

“Estado Atual da Cultura da Juta (1951)”, retrospecto sintético do que foi a economia amazonense (plano de reestruturação da região do baixo Amazonas);

“A Mecanocultura como fator por excelência da reestruturação econômica da Amazônia”;

“O crédito agrícola como fator substancial na reestruturação econômica da Amazônia”;

“A Piaçava – Palmeira produtora de fibras e natural de progresso”; “Problemas de base na economia da Amazônia”;

“A questão econômica da borracha”; “As Madeiras – seu aproveitamento integral”;

“O sentido econômico da Amazônia”; “Trabalhadores de Equipe”; “Escolas experimentais de ensino prático de agricultura e pequenas indústrias”;

“A situação econômica da Amazônia em face de sua guerra”;

“O poder aquisitivo do Trabalho”;

“O problema de alimentação da Amazônia”;

“A função restauradora do Banco de Crédito da Amazônia, tendo consideração o atual momento de a crise alimentar”;

“Confusionismo econômico”;

“A Amazônia como problema”.

SUAS OBRAS PÚBLICAS

Durante o tempo em que esteve à frente do governo, Leopoldo Neves trabalhou na reestruturação urbana de Manaus. Como exemplos podemos citar as Avenidas Constantino Nery e Senador Álvaro Maia que na época eram conhecidas como João Coelho e Boulevard Amazonas, respectivamente. Também devemos lembrar que a Avenida Joaquim Nabuco foi pavimentada no seu governo.

Vale ressaltar que a pavimentação consistia em aplicar nas ruas, pedras em bloco, popularmente conhecidas como pedras – jacaré e que eram trazidas das grandes pedreiras das áreas do Tarumã e da Ponta Negra.

Essas pedras eram colocadas sobre uma camada de areia, levando depois uma aguada de cimento armado e posteriormente recebiam compactação por meio de um trator chamado de rolo compressor. Essas obras eram realizadas pelas caçambas do DERAM (Departamento de Estrada de Rodagem do Amazonas).

Também durante o seu governo foi construída a Ponte “Presidente Dutra” que trouxe muitos benefícios aos moradores do Bairro de São Raimundo.

No campo de saúde, foi feita a edificação e o aparelhamento do Sanatório Adriano Jorge.

Leopoldo Neves deu auxílio e proteção aos estudantes amazonenses que não tinham onde morar e dessa forma doou-lhes um palacete, conhecido como a Casa do Estudante.

Homem culto, durante o seu governo, determinou por iniciativa própria que se imprimisse para distribuição gratuita entre as elites, o livro notável de João Leda, o nosso maior escritor e filósofo, segundo Péricles Moraes.

Também salvou a Academia Amazonense de Letras de um colapso inevitável e impediu que a mesma fosse por águas a baixo com suas relíquias venerandas e com tudo aquilo que de grande, eterno e resplandecente dentro de suas tradições se acumularam, revelando a expressão dos valores regionais.

Portanto, com o apoio do Governador, o Silogeu amazônico, sofreu uma grande transformação para melhor, sendo dessa maneira modernizado, porém conservando suas raízes e por isso Leopoldo Neves era muito querido pelos escritores amazonenses e como reconhecimento da sua atenção pela arte literária, consagraram-no Grande Benemérito da Academia, colocando o seu retrato ao lado do de Nelson Melo, o seu Eminente Presidente de Honra.

OS GRANDES ASSESSORES DE LEOPOLDO NEVES

Durante o governo de Leopoldo Neves vale a pena lembrar de duas personalidades da época.

Um deles foi o Desembargador José Augusto Telles de Borborema, Professor Catedrático de Direito do Trabalho, na Faculdade de Direito do Amazonas. Esse cidadão foi nomeado, em novembro de 1974, para chefe de polícia. Era um homem atuante na política local, pois antes já havia colaborado com o Amazonas, por duas vezes, em cargos públicos e como nas vezes anteriores comprovou a sua grande competência.

Também Péricles Moraes, grande intelectual amazonense, membro da Academia Amazonense de Letras e homem de grande envergadura moral, colaborou com Leopoldo Neves sendo o Secretário Geral do seu governo, tendo honrado o cargo e o Amazonas com a sua inteligência.

ASPECTOS NOSTÁLGICOS

É verdade que Leopoldo Neves fez um grande trabalho de pavimentação nas ruas de Manaus, porém alguns intelectuais saudosistas dizem lamentar o fato de que as pedras-jacaré, em muitas das ruas, substituíram os paralelepípedos importados de Portugal e enterraram com eles muitos quilômetros de trilhos de ferro, que serviam as linhas de bondes de Manaus.

Passados alguns anos, veio o asfalto moderno e, portanto sepultou de vez o resto das relíquias do início do século XX, e, por isso o escritor Gaitano Antonaccio assim se expressou: "Manaus era verdadeiramente mais romântica nos anos 50".

As ruas foram recebendo cada vez mais camadas asfálticas, que contribuíram decisivamente para aumentar o calor.

Na época dos paralelepípedos portugueses, sem dúvida as noites manauaras eram mais agradáveis, mais suaves, mais frescas, e os reflexos do luar sobre as pedras criavam uma visão romântica.

A MORTE

Como já falamos anteriormente Leopoldo Neves morreu em consequência de um derrame cerebral, a 7 de novembro de 1953, portanto aos 55 anos de idade, deixando uma numerosa família. Nessa época suas filhas eram todas solteiras, mas as três mais velhas já estavam diplomadas e trabalhavam.

O Estado do Amazonas e o Município de Manaus nunca se esquivaram de assistir as famílias de seus servidores e no caso de Leopoldo Neves não foi diferente: deram à viúva e filhos menores uma pensão de onze mil cruzeiros mensais.

Vale ressaltar que onze anos após o falecimento de Leopoldo Neves, a sua viúva, Dona Caryné, depois de alguns anos de paralisia nas pernas, também veio a falecer, em 18 de abril de 1966.

Leopoldo Neves morreu no plano físico, mas continua vivo na memória do seu povo como um homem culto, dinâmico, compreensivo, amigo fiel e acima de tudo, honesto.

HOMENAGENS

No bairro de Santa Luzia existe uma Avenida com o nome de Leopoldo Neves e nessa mesma Avenida está localizada a Escola Leopoldo Neves, que fica em frente ao Centro de Saúde.

Como podemos observar, o grande Pudico continuava vivo na memória dos seus conterrâneos.

ATUAL OCUPANTE

A data de hoje ficará marcada, nos anais da minha luta literária, como o reconhecimento do sangue poético que corre nas minhas veias, nesta cidade onde radiquei-me há exatos trinta anos, quando deixei a minha querida Alvarães em busca de um maior desenvolvimento intelectual.

Filho do Dr. Moacyr Viegas da Gama e da doméstica Lindalva Sevalho. Ele um homem de muitos conhecimentos, pois além de exercer a profissão de Cirurgião Dentista, muitas vezes exerceu o cargo de Suplente de juiz de Direito da Comarca de Tefé. Como homem público exerceu um mandato como vereador e alguma vez assumiu como Prefeito em exercício.

Apesar de não ser um profundo conhecedor da minha árvore genealógica posso afirmar que a ligação dos meus familiares com a Maçonaria é muito forte. O primeiro Venerável da Grande Benemérita Loja Simbólica Sá Peixoto, Nº 13 Tefé-AM, fundada a 23 de junho de 1901, foi o Ir.: Daniel Antônio Sevalho, que exerceu o cargo de 1901-1903. Esse meu parente, que se iniciara na Loja Amazonas Nº 2, teve como o 1º Vigilante Daniel Antônio Sevalho Júnior, seu filho. A reunião de fundação ocorreu em umas das dependências da casa do Ir.: Daniel Sevalho.

Quanto ao meu pai, este exerceu o cargo de Venerável Mestre por oito vezes, nos períodos de: 1958-1959, 1960-1961, 1973-1974, 1974-1975, 1975-1976, 1976-1977, 1977-1978 e 1978-1980.

Nasci em Alvarães, a 26 de outubro de 1956, e não tendo como dar prosseguimento aos meus estudos, resolvi mudar-me para a Capital e aqui estudei no colégio Estadual Estelita Tapajós, e depois no colégio Estadual do Amazonas, até chegar a ingressar na Universidade do Amazonas, em 1984. onde fiz o curso de Letras mas não cheguei a concluí-lo por uma série de dificuldades enfrentadas, como menino pobre.

Sou técnico em prótese dentária, com inscrição no CRO-AM 017 e exerço a profissão há quase trinta anos.

Iniciei na Maçonaria, em 27/02/88, na Loja Amazônia Brasileira, do GOB, onde concluí os Graus Simbólicos. Depois fiz os Graus Filosóficos e, a 28/11/98, atingi o Gr.: 33 – Grande Inspetor Geral da Ordem.

Fui Aterzata do Capítulo Rosa Cruz Oriente Unido, no período de 1999-2001, Venerável da Amazônia Brasileira, no período de 1999-2000, Secretário Eleito da Loja Estrela de David, para o período 2001-2003, Secretário do Mui Poderoso Consistório de Príncipes do Real Segredo, para o período de 2002-2004.

Sou contista e escritor com participações nos seguintes eventos:

- Salão de Poesias do Amazonas (1976)
- Prêmio Su Tama de Literatura (Contos – 1983).
- Funcata – Festival Internacional de Cultura e Arte de Tabatinga (Poesia-1993).
- Concurso de Contos da Região Norte, promovido pela Universidade do Pará, 1996.
- Concurso de Contos “Guimarães Rosa”, promovido pela Rádio France Internationale, Paris-França 1997 e 1998.
- Concurso Poetas Ocultos 11 (Poesia classificada e publicada em forma de Coletânea – 1999).
- Concurso Poetas Ocultos 11 (Conto classificando e publicado em forma de Coletânea-2000). Concurso Nacional de Literatura (promovido pelo INESC-Instituto Nacional dos Escritores – Conto – 2000, classificando em 2º lugar em todo o Brasil, concorrendo com 225 contistas).
- Concurso de Poesia “Carlos Drummond de Andrade, promovido pela Associação Paulista dos Cirurgiões-Dentistas-2001 – em comemoração dos 90 anos de fundação.

DISCURSO PRONUNCIADO, NA ACADEMIA AMAZONENSE MAÇÔNICA DE LETRAS, PELO ACADÊMICO JOAQUIM MOACYR SEVALHO GAMA, NO DIA 14 DE JUNHO DE 2002.

CADEIRA Nº 28

PATRONO: MARCILIO DIAS DE VASCONCELLOS

OCUPANTE: OSNY TAVARES ARAUJO

O PATRONO

MARCILIO DIAS DE VASCONCELLOS, natural de Manaus AM nascido no dia 28 de março de 1884, filho de Francisco Mentor de Vasconcelos e Francisca Maquine de Vasconcelos, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 20 de novembro de 1911, aos 27 anos de idade. Foi o segundo filho dos sete irmãos, sendo seis mulheres e um homem.

Sua trajetória de vida foi sempre toda dedicada à justiça, ocupando os mais variados cargos, como; Escrevente Juramentado. Juiz Municipal, Juiz de Direito, Desembargador e Presidente do Tribunal de Justiça do Amazonas. Como Juiz de Direito, serviu em várias comarcas do Estado, com destaque para Itacoatiara, Tefé, Coari, Silves, Urucurituba, Borba e Manicoré. Aposentou-se da vida pública, mas continuou a serviço da Justiça, como Advogado, até 1966. Faleceu no dia 10 de fevereiro desse mesmo ano.

Sua trajetória Maçônica começou no Oriente de Itacoatiara, onde se iniciou na Loja Maçônica Glória de Hiram, nº. 30, da obediência da GLOMAM, tendo em pouco tempo ocupado a veneraria daquela Loja. Transferindo-se para Manaus, filiou-se na Loja Maçônica Conciliação Amazonense, nº. 3, também da mesma obediência, onde ocupou vários cargos até chegar ao de venerável. Seu

nome está imortalizado na Biblioteca da sua Loja em Itacoatiara. Após ter registrado alguns aspectos da vida deste notável obreiro da Arte Real na Maçonaria e na Magistratura, reservo-me o direito de mostrar alguns de seus dados pessoais: Filho de tradicional família amazonense, apesar da posição destacada que alcançou na sociedade, nunca perdeu de vista a humildade e tratava a todos com respeito, igualdade e fraternidade, procedimento correto para um construtor social. Gorducho, moreno escuro de estatura mediana, vivia de bem com a vida, por isso, sempre com um eterno bom humor, o que chegava a ser contagiante. Homem calmo, sensato, não suportava a violência nos seus variados aspectos. Contrário a qualquer tipo de autoritarismo. Amante do esporte, nacional de coração, enfim vivia intensamente com Alegria e Paz no coração.

O ATUAL OCUPANTE

Atendendo uma solicitação da Academia Amazonense Maçônica de Letras, instituição que tive a honra de ajudar a fundar no início da década de oitenta, passo a contar alguns pontos da minha vida.

O objetivo, não é servir de exemplo, mas, mostrar, especialmente, os valores que me foram passados pelos mais saudosos pais e a boa formação moral, intelectual e cristã que recebi pela criação que tive a felicidade de ter. Filho de família humilde, porém honrada, que tudo fez para que eu fosse como sou um homem de bem, com princípios éticos e caráter bem formado.

Não sou muito afeito a autobiografias, mas, como frisei, sou obrigado a contar um pouco da minha história, por dever de ofício, o que passo a fazer com muita emoção e sinceridade.

Meu saudoso pai, Clovis Ferreira de Araújo, filho de Raymundo Evarysto de Araújo e Joana Ferreira de Araújo,

cearenses, que escolheram o Amazonas para viver, era um dos onze filhos do casal. Costumava dizer que havia nascido por acidente no Amazonas, em Urucurituba, por isso se dizia um cearense, razão pela qual, praticava alguns usos e costumes da terra alencarina, como por exemplo, saborear um bom feijão com rapadura.

Minha mãe, que faz companhia a meu pai, no Oriente Eterno, também interiorana, nasceu no município de Barreirinha, filha de Arnaldo Carneiro Tavares e Dalila Rodrigues Tavares. Encontraram-se por acaso numa dessas festas de interior e foram ungidos por Cupido e dessa união, o casamento ocorrido há 65 anos.

Como já deu para perceber, a exemplo de meus saudosos pais, também sou interiorano. Nasci no dia 16 de março de 1945, na cidadezinha de Urucurituba, situada à margem direita do caudaloso rio Amazonas, exatamente, entre os municípios de Itacoatiara e Parintins. À época, a divisão geográfica do Amazonas contava apenas com 24 municípios, contra os 62 atuais.

Fui registrado no Cartório da Comarca do meu município com o nome de Osny Tavares de Araújo, ratificado na Pia batismal da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, sacramento ministrado pelo saudoso monsenhor Alcides Peixoto, em Manaus, tendo como padrinhos, o casal Marcilio Dias de Vasconcellos e Euza Naice de Vasconcellos.

Aliás, por ter sido fundada numa região de absoluta várzea, a minha cidade foi rebaixada à condição de vila Augusto Montenegro e a sede municipal, transferida há quase trinta anos para a localidade de Tabocal, em terras firmes, bem mais próxima de Itacoatiara, onde ganhou um maior desenvolvimento.

Papai, metido a pequeno fazendeiro e médio comerciante, era o chefe dos Correios e Telégrafos no município, além de ser proprietário de um pequeno cacauel,

herança dos meus avós paternos. Minha inesquecível mãe, até pela época, era apenas uma maravilhosa doméstica. Muito prendada e com um vasto conhecimento sobre o trato da terra, até pela origem familiar, chegou a alguns momentos da sua vida a comandar (uma espécie de gerente) o cultivo de algumas roças, inclusive com a produção de farinha e outros derivados da mandioca.

Feitas estas considerações, volto a falar um pouco de mim. Como a minha cidade quase não tinha escolas, fui obrigado, por meus pais, a migrar para Parintins, onde mamãe tinha parentes e lá estudei durante um ano, transferindo-me, em seguida, também a contra-gosto, para Manaus onde estudei nos melhores colégios, me formei e hoje graças ao G.'A.'D.'U.', sou um jornalista respeitado (perdoem a imodéstia) e com uma larga folha de serviços prestados à Comunicação Social do meu Estado, envolvendo jornal, rádio e televisão.

Pelas raízes interioranas que possuo, não poderia jamais me considerar um homem inteiramente urbano. Gosto de rio, de natureza, de comida simples, de um bom papo no bar com amigos e faço da pescaria o meu esporte preferido, até porque, sei manejar muito bem uma tarrafa.

Ainda não era formado, quando iniciei minha vida profissional. Fui fazer um teste na Rádio Rio Mar de Manaus, em 1963/64 e lá fiquei por cinco anos trabalhando como repórter esportivo, chegando a terceiro narrador da equipe. Naquele tempo, o grande palco do nosso futebol, onde o meu Nacional esbanjava técnica e categoria, era o velho Parque Amazonense, no Beco do Macedo, seguido do estádio Ismael Benigno (Colina), de propriedade do São Raimundo Esporte Clube.

Da rádio Rio Mar, migrei a convite para a Radio Baré, dos Diários e Emissoras Associadas do Brasil e, mais tarde, já jornalista profissional, com registro na FENAJ sob o N 324, escrevi minhas primeiras matérias para a editoria

de cidade no extinto Jornal A Notícia. Foi uma passagem meteórica, pois logo, fui convidado a integrar a equipe do centenário Jornal do Comércio, época em que era inaugurada no Norte, a primeira impressão jornalística em Off-Set.

Especializado em jornalismo político, tive rápidas passagens pelos jornais O Povo (extinto) e Diário do Amazonas.

Na verdade, a minha vida nesse campo, foi praticamente no interior da redação do Jornal do Comercio, primeiro na Avenida Eduardo Ribeiro e posteriormente na Rua Tefé, no bairro do Japiim, onde atuei por mais de vinte e três anos como seu editor político e responsável por um longo tempo, pela elaboração da coluna de opinião "De Frente e de Perfil", fatos que muito me orgulham.

Nesse mesmo período, fui repórter credenciado pelo JC na Câmara Municipal de Manaus, Assembléia Legislativa do Estado, Palácio Rio Negro e Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), o que me oportunizou a viver bem próximo ao Poder, no meu Estado, embora nunca tenha tirado proveitos dessa situação.

Convidado pelo saudoso Ir. José Ayrton Pinheiro, em julho de 1972, quando foi inaugurada a emissora, passei a atuar também na TV Baré – Canal 4 (hoje TV A Crítica), filiada a Rede Tupy de Televisão e posteriormente SBT Comecei como repórter-redator, chegando à chefia de jornalismo, uma longa jornada, onde deixei diletos companheiros e amigos.

Vivia praticamente em função da minha profissão, por isso, muitas atividades e paralelo aos trabalhos que realizava, assumi há 29 anos passados a Assessoria de Comunicação Social da Superintendência Regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária,

(INCRA), onde sou jornalista concursado. Estou na contagem regressiva rumo à aposentadoria.

Exerci ainda, de forma paralela, por seis anos, a Assessoria de Comunicação Social da Secretaria da Fazenda, a convite do seu titular, o saudoso amigo Ozias Monteiro e fui editor por muito tempo de um extinto jornal mensal da Associação Comercial do Amazonas, intitulado Jornal da ACA.

Assumi também as correspondências no Amazonas, do jornal A Província do Pará e da nova versão da revista O Cruzeiro, além de várias e importantes matérias jornalísticas publicadas a nível nacional, através os veículos dos Diários Associados.

Mostrado esses aspectos da minha vida profissional, escrevo agora um pouco mais de mim mesmo. Sou um homem feliz e livre de bons costumes, apesar do mundo cão em que estamos expostos e da grande competição pela vida.

Casado há 29 anos com Maria de Fátima Lacouth de Araújo, tenho dois maravilhosos filhos, Fabrício Frank Lacouth de Araújo, pós-graduado em Turismo e Wagner Rodrigo Lacouth de Araújo, graduado em Fisioterapia. Ambos solteiros.

Sou o mais velho de cinco irmãos: Suely (da qual não me recordo, morreu quase ao nascer, logo depois de mim Delcy, (também no Oriente Eterno), Nelcy e Gelcy).

Democrata nato, respeitador das leis, da hierarquia, da igualdade e do livre pensamento, condeno todo tipo de opressão, autoritarismo, fanatismo e discriminação.

Católico praticante e temente a Deus, tenho forte devoção por Nossa Senhora da Conceição, pelos meus laços salesianos e São José, padroeiro da cidade onde nasci.

Considero-me bom filho, bom irmão e amigo dos meus amigos, dos quais procuro não observar os defeitos.

Brincalhão e extrovertido, sou um apreciador de um bom uísque, uma cerveja bem gelada e um vinho de qualidade. Beber vez por outra com os amigos num bar, sempre é uma boa pedida, onde o bom papo serve como o melhor tira-gosto.

Admirador dos esportes, tendo praticado tênis de mesa nos tempos de colégio, por isso, me considero um bom jogador de dominó. No futebol, meu esporte preferido, apresento-me como um autêntico “perna-de-pau” e torcedor ferrenho do Nacional, em Manaus e do Vasco da Gama, no Rio. Vibro muito vendo as seleções de Vôlei do Brasil jogar.

Amante da boa música, fã da MPB, com destaque para a Bossa Nova, em minha opinião um dos maiores movimentos musicais do Brasil, sem desprezar a Jovem Guarda e uma boa música romântica internacional, especialmente dos famosos anos 70.

Na nossa sublime instituição – a Maçonaria, ingressei literalmente no escuro, pois sequer havia participado de alguma festa branca. Além disso, na minha família não existia nenhuma tradição maçônica.

Após rechaçar uns três convites, curvei-me a um, feito na redação do Jornal do Comércio, pelo então Venerável Mestre da Esperança e Porvir, Antonio Carlos Simões, que era diretor da Radio Baré e trabalhávamos no mesmo prédio, na Avenida Eduardo Ribeiro.

Ainda recém casado iniciei na Ordem Maçônica, no dia 8 de Setembro de 1988, no grau 1, como aprendiz. Em 6 de Dezembro do mesmo ano, fui elevado ao grau 2, de Companheiro e em 19 de Março de 1979, exaltado ao grau 3, Mestre Maçom. No dia 3 de maio de 1986 fui investido no grau 33, por ocasião da inauguração do prédio próprio da Grande Inspeção Litúrgica do Estado do Amazonas, situado à Avenida Epaminondas.

No simbolismo, onde no meu entendimento se pratica a verdadeira Maçonaria, realizei alguns trabalhos na minha Loja-Mãe, onde fui orador por vários anos seguidos. Na Grande Loja, exerci por quatro anos o cargo do Grande Secretário de Imprensa, nas administrações dos Ilr.º Manoel Ribeiro (no Oriente Eterno) e Afonso Lins, oportunidade em que, com a participação dos meus afilhados maçônicos Heron Rizzato e Casemiro Sena, criamos jornal O GLEAM, com circulação mensal. Hoje, infelizmente extinto.

É verdade que no mundo maçônico, até por ser a Maçonaria uma instituição formada por humanos, nem tudo é como eu pensava e tive algumas decepções, nada, porém, que me arrependesse de ter nascido para a Luz, por isso, carrego comigo um profundo orgulho de ser um construtor social, um obreiro da Arte Real e ter nascido na Grande e Benemérita Loja Simbólica Esperança e Porvir, Nº 1, da Grande Loja.

Certamente, esta não é uma histórica rica, que chegue a empolgar, mas, é a síntese da minha vida contada com sinceridade e emoção. Afinal, isto é um pouco da MINHA HISTÓRIA.

CADEIRA Nº 29

PATRONO: MITRÍDATES ÁLVARO DE LIMA CORREA
OCUPANTE: ROSSELBERTO HIMENES

O PATRONO

Mithrídates Álvaro de Lima Corrêa nasceu em Manaus, a 13 de julho de 1904, filho de Antônio Coriolano Corrêa, maranhense, e de Maria Deruchete de Lima Corrêa, cearense.

Estudou no Ginásio Amazonense Pedro II e formou-se em Direito pela faculdade do Amazonas, na turma de 1933, tendo entre seus colegas Gualter Marques Batista, Manoel Severiano Nunes e Neusa Alves Ferreira.

Casou-se com Beatriz Ventilari Corrêa, em 1926, com quem teve sete filhos.

Exerceu numerosas funções públicas: Diretor da Imprensa Oficial, Professor de Direito Administrativo na nossa Faculdade de Direito, Procurador Fiscal do Estado, Professor da Escola de Comércio Sólon de Lucena, Promotor Público, Juiz Municipal em Urucurituba e Itapiranga.

Foi membro da Academia Amazonense de Letras e muitos de seus trabalhos estão nas revistas daquela Veneranda Instituição como: Se os Retratos Falassem, Atualidade do Pensamento de Péricles de Moraes, Contradições e Irreverências de Ruy Barbosa, O Destino de um Livro, e O Livro de um Destino. Foi poeta e orador de grande erudição.

Faleceu a 1º de janeiro de 1968.

O OCUPANTE ATUAL

Rosselberto Himenes nasceu em Cornélio Procópio, Paraná, no dia 21 de julho de 1956, filho de Pedro Rita Himenes e Dulce Maria Himenes, Advogado, Promotor de Justiça e Juiz de Direito.

Concluiu o Curso de Direito pela Faculdade de Brasília, foi advogado do Banco do Brasil por vários anos.

Aprovado em diversos concursos, optou pelo Ministério Público Estadual, onde assumiu a Comarca de Maués e outros municípios de Estado, sendo posteriormente aprovado no concurso para Juiz de Direito.

Na Justiça Eleitoral, atuou como Promotor de Justiça em todas as comarcas que trabalhou, sendo atualmente Juiz Eleitoral e Coordenador da Propaganda Eleitoral.

Maçom, membro da Loja *Glória Sobre as Trevas*, exerceu vários cargos, sendo eleito Grão-Mestre do Grande Oriente do Estado do Amazonas (GOEAM), para o período de 2003 a 2007.

CADEIRA Nº 30

PATRONO: MOACYR DE SOUZA ALVES

OCUPANTE: JOSÉ BARBOSA DE SOUZA FILHO

O PATRONO

Moacyr Souza Alves, natural de Jequié, Bahia nasceu no dia 07 de outubro de 1928, filho de Mário J. Alves e Marielita Souza Alves. Formado, em 1954, bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade da Bahia, onde exerceu a profissão em algumas comarcas daquele Estado.

Foi batizado na Igreja Batista Sião, em Salvador, Bahia, na qual desenvolveu trabalhos eclesiásticos, vindo depois se filiar na Igreja Batista de Manaus, onde ocupou vários cargos, inclusive o de vice-moderador, atuando por muitos anos. Na Convenção Batista Estadual do Amazonas foi presidente seguidas vezes.

Em 1956, veio para o Estado do Amazonas, ficando em Manaus, a fim de exercer o cargo de Procurador Jurídico da Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas, onde logo foi efetivado.

Em 1957, casou-se com D. Eunice Carneiro Alves, com quem teve três filhos: Adelaide Elita, Ana Eunice e Moacyr Alves Filho, cujo falecimento prematuro ocorreu, em 07 de novembro de 1972.

Desde a sua juventude, dedicou-se ao jornalismo. Fundou em Manaus e fez circular durante vários anos, uma revista cultural, denominada LUMINAR, através da qual difundiu o seu pensamento, advindo dessa atividade literária muitas amizades. Dentre elas fez questão de

ressaltar Mavignier de Castro, o qual o estimulou a pleitear uma das vagas da Academia Amazonense de Letras, onde ocupou a cadeira de nº 34.

Moacyr Alves manifestou pelas letras uma dedicação extraordinária, escrevendo várias crônicas e compondo diversas poesias, sendo a maioria delas oferecidas a sua esposa.

Por seu valor literário foi eleito membro efetivo da Academia Amazonense de Letras e membro correspondente da Academia Evangélica de Letras do Brasil.

Publicou mais de 150 artigos, sobre assuntos diversos, em vários jornais e revistas e dois livros: um de tema religioso, intitulado "Respostas de Jesus", em 1971, edição já esgotada e "Cinco Falas da Amazônia", de assuntos seculares.

Homem simples e modesto, em momento algum modificou a sua maneira de ser e agir. Bastante conhecido em Manaus, Moacyr Alves deu sua colaboração decisiva para a divulgação das letras, no extremo norte do país.

Faleceu no dia 08 de agosto de 1976, quando ainda atuava ativamente nas lides religiosas e na vida pública.

ATIVIDADES EXERCIDAS NO CAMPO RELIGIOSO

Batizado na Igreja Batista Sião, em Salvador, pelo Pastor Valdívio Coelho. Filiou-se à 2ª Igreja Batista de Manaus, exercendo alternadamente o cargo de Moderador e Vice Moderador;

Ocupou a 1ª secretaria da Convenção Estadual, em 1960; a 2ª Vice-Presidência, em 1964; a Presidência, nos anos de 1965, 1968, 1969, 1973 e 1975; e a Presidência da Junta Executiva Estadual Administrativa do Instituto Batista Ida Nelson e da junta Administrativa do Seminário Batista Equatorial. Era pregador leigo, mas muito

apreciado, pregando em Igrejas e reuniões especiais. Foi Coordenador de Diaconia, no Amazonas, no Programa Alimentos para Paz.

ATIVIDADES EXERCIDAS NO CAMPO CULTURAL

Membro efetivo da Academia Amazonense de Letras;
Membro do Instituto Histórico Geográfico do Amazonas;
Membro Correspondente da Academia Evangélica de Letras; Diretor e Proprietário da Revista LUMINAR e Diretor da Associação Amazonense de Imprensa.

ATIVIDADES EXERCIDAS NO PODER PÚBLICO

Primeiro Secretário de Segurança do Estado do Amazonas; Secretário de Estado do Interior e Justiça, em exercício;

Chefe do Departamento Estadual de Segurança Pública;

Procurador Geral da Justiça.

ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Advogado no foro de Salvador, Ipiaú, Itaibá, Boa Nova, Estado da Bahia;

Advogado no foro do Estado do Amazonas;

Secretário e tesoureiro da Ordem dos Advogados – Seção do Amazonas;

Chefe de Censura no Estado da Bahia.

ATIVIDADES NO CAMPO EDUCACIONAL

Profissional de Geografia, História, Português e Inglês em diversos colégios de Salvador – Bahia.

Professor substituto de Literatura Brasileira, na Faculdade de Filosofia da Universidade do Amazonas.

OUTRAS ATIVIDADES EXERCIDAS

Delegado do Grão Mestrado do Grande Oriente do Brasil, no Amazonas.

Interventor da Loja Maçônica Oriente Unido;

Presidente do Lions Clube Vitória Régia;

Vice-Governador da Região L-I-C, do Lions Internacional;

Assessor CARE do Lions Internacional;

Conselheiro da Santa Casa de Misericórdia de Manaus.

CURSOS E TÍTULOS (ENTRE OUTROS)

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade da Bahia; Certificado de 1º colocado em concurso de oratória da Faculdade de Direito da Bahia;

Certificado de 2º melhor Orador Universitário, conferido pela Universidade da Bahia;

Curso de Orientador do Programa Alimentos para a Paz, feito em Washington, Nova York, Charleston, Morgantown e Berea – Estados Unidos.

Secretário do 2º concurso Internacional da Bíblia, realizado em Manaus.

Orador Oficial da Solenidade da Formatura da Escola de Enfermagem de Manaus;

Orador Oficial da solenidade de encerramento do Curso de polícia Civil da Bahia;

Designado pelo Magnífico Reitor Edgar Santos, da Universidade da Bahia, para saudar o ministro da Educação, em nome dos Estudantes do Nível Superior;

Presidente da Comissão de Inquérito para apurar corrupção entre funcionários da Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas.

OBRAS PUBLICADAS

Respostas de Jesus, (1971);

Cinco Falas da Amazônia;

O Livro;

Mais de 150 artigos sobre diferentes temas,
publicados em jornais e revistas.

O ANALISTA E BIÓGRAFO

Leitura de cinco temas atraentes a serem publicados em um volume: - "O LIVRO – sua necessidade e utilidade"; "CHAMAMENTO DOS JOVENS À REALIDADE"; "BATEDORES DE ESPERANÇA"; "CURAI ENFERMOS" e "O PREGO Em O DA FLORESTA".

No primeiro, após o próêmio, no qual justifica a razão do assunto de sua preferência, invoca, de início, os conceitos magistrais de Rui Barbosa, o gênio estelar que se transferindo da vida efêmera planetária para a existência perene no Olimpo, permanece, em nosso mundo jurídico e literário, no desempenho de missão divina, assemelhando-se à Estrela do Oriente, guiando-nos pelos caminhos perfumados e bordados de rosas multicoloridas da Literatura e pelas vias fascinantes do Direito. Prossegue ilustrando as suas considerações, reproduzindo os pensamentos de Marden; de Cândido de Figueiredo; de Spencer; de Paulo; de Tarso; de Afonso Karr; de Fenelon; de Gebhart; de Jorge Cabral; de Petrarca; de Bacon; de Lacordaire; de Coelho Neto e de Miguel Rizzo. Não esqueceu Maquiavel (Nicolau) de quem se ocupou especialmente "DA CONDUTA DUM PRÍNCIPE". "Abriu, habilidosamente, as portas de ouro da Galeria purpúrea dos soberanos da Arte maravilhosa de engir, pela palavra, monumentos imperecíveis e coruscantes de sabedoria. Na verdade, como disse Cícero: *"As letras são o alimento da juventude e o recreio da velhice; elas nos dão esplendor na prosperidade, e são um recurso e um consolo na desgraça; elas nos proporcionam delícias no gabinete, sem causar em parte alguma nem estorvo, nem*

Cinco Falas da Amazônia;

O Livro;

Mais de 150 artigos sobre diferentes temas,
publicados em jornais e revistas.

O ANALISTA E BIÓGRAFO

Leitura de cinco temas atraentes a serem publicados em um volume: - "O LIVRO – sua necessidade e utilidade"; "CHAMAMENTO DOS JOVENS À REALIDADE"; "BATEDORES DE ESPERANÇA"; "CURAI ENFERMOS" e "O PREGO Em O DA FLORESTA".

No primeiro, após o próêmio, no qual justifica a razão do assunto de sua preferência, invoca, de início, os conceitos magistrais de Rui Barbosa, o gênio estelar que se transferindo da vida efêmera planetária para a existência perene no Olimpo, permanece, em nosso mundo jurídico e literário, no desempenho de missão divina, assemelhando-se à Estrela do Oriente, guiando-nos pelos caminhos perfumados e bordados de rosas multicoloridas da Literatura e pelas vias fascinantes do Direito. Prossegue ilustrando as suas considerações, reproduzindo os pensamentos de Marden; de Cândido de Figueiredo; de Spencer; de Paulo, de Tarso, de Afonso Karr; de Fenelon; de Gebhart; de Jorge Cabral; de Petrarca; de Bacon; de Lacordaire; de Coelho Neto e de Miguel Rizzo. Não esqueceu Maquiavel (Nicolau) de quem se ocupou especialmente "DA CONDUTA DUM PRÍNCIPE". "Abriu, habilidosamente, as portas de ouro da Galeria purpúrina dos soberanos da Arte maravilhosa de erigir, pela palavra, monumentos imperecíveis e coruscantes de sabedoria. Na verdade, como disse Cícero: *"As letras são o alimento da juventude e o recreio da velhice; elas nos dão esplendor na prosperidade, e são um recurso e um consolo na desgraça; elas nos proporcionam delícias no gabinete, sem causar em parte alguma nem estorvo, nem*

embaraço; pela noite nos acompanham e nos seguem, aos campos, em nossas viagens". Gibbon aconselhava a ler para exercitar o pensamento e Avellaneda assim se manifestava: - "*O livro é ensinamento e exemplo*". *Fortalece as esperanças que já se dissipam; sustem e dirige as vocações nascentes que procuram seu caminho através das sombras do espírito ou das dificuldades da vida*". Finalmente, Moacyr Alves proclama a primazia da Bíblia, no seu entendimento", "Fonte de Cultura". Solidariza-se a vultos exponenciais nas ciências e na filosofia, cujas opiniões recorda para proclamar a Bíblia, o maior dos livros. Newton, um dos legítimos orgulhos da Humanidade, figura estelar do mundo científico, dizia: - "*Considero a Sagrada Escritura como a mais sublime filosofia*". Assim, falava o excelso Newton sobre a Bíblia. Bastaria o GÊNESIS para, num confronto as obras que esclarecem a formação da Terra, se verificar, em seu simbolismo, as verdades geológicas. Além disso, ali está a história de um povo com a genealogia de seus maiores. É uma riqueza de ensinamentos. Crente ou ateu encontrará sempre, no livro Sagrado, uma fonte a fluir a água que sacia a sede de saber iluminando o cérebro e confrontando a alma. Há livros outros que também nos trazem um lastro valioso de erudição. Montesquieu afirmava que: "*jamais teve um pesar que não o olvidasse após uma hora de leitura*". Machado de Assis enalteceu-o nestes versos de primores sentimentais:

"Teus olhos são meus livros", Que livro há, aí, melhor, Em que melhor se leia a página do amor?

No "CHAMAMENTO DOS JOVENS À REALIDADE" focaliza a ambiência em que se debate a mocidade em todos os países do mundo e, em nossa Pátria. Lastima a quebra da hierarquia no lar, quando, ontem, os pais exerciam o papel de guardiões de nossas tradições, legado sublime deixado por princípios

modeladores do caráter e as normas disciplinadoras do espírito, sob os quais foram criados. Lembra que, aos quinze anos, Pedro II assumiu a gigantesca responsabilidade de reger um trono e pergunta se, atualmente, seria possível encontrar quem o imitasse, fazendo-o com prudência e procurando habilitar-se, a fim de corresponder aos anseios de sua própria nacionalidade. Exprobra o comportamento desordenado da juventude, pois ninguém alcança êxito sem moderação e a preparação cultural e moral para o estudo e a solução dos problemas fundamentais de um país. Assevera que se indagasse de um jovem a razão de sua intolerância para com a sociedade hodierna, ele mesmo não saberia justificá-la. Finalmente, teme por esta espécie de iconoclastas. A maioria pretende romper totalmente com o passado e condena a sociedade moderna, mas tão somente para lhe apontar os erros e condenar fórmulas sociológicas. Mas, não explica como corrigi-los e reformá-las. Não se debruça sobre os livros em busca de conhecimentos que habilite a uma cooperação eficiente, embriaga-se, em conseqüência, se embrutece no uso das ervas e dos psicotrópicos. Faz do sexo, não um fim biológico. Ao revés, transforma-o em motivos bestiais, ignorando que a ruína, culminante na tragédia dos Persas, dos Babilônios e dos Romanos teve, por causa principal, a degradação da mulher, que Salomão chamou de Vaso Sagrado do Senhor. Este é o problema crucial da nacionalidade. Essa dissolução é o fator erosivo da pedra angular da sociedade, que é a Família. Na verdade, como pondera Moacyr Alves, qual de nós não se apavora em ver tais excessos e a iminência de perigo que a todos envolverá, porque esta é a geração que substituirá a nossa. Então, a ameaça paira sobre a própria existência das nacionalidades. Impede a mocidade não o papel de destruir, e, sim, a missão de aprimorar o que se relaciona

com a vida da Pátria. Bem a propósito a rememoração que Moacyr Alves faz da mais linda jóia da Literatura e do mais belo código de regência da alma humana – O SERMÃO DA MONTANHA! Ditou o sábio e meigo Rabbi da Galiléia, para que seus irmãos, aprendendo-lhes e praticando-os tomassem a Terra um Paraíso!

Em "BATEDORES DE ESPERANÇA", saudando os concludentes de 1970, do Seminário teológico Batista Equatorial, recorda o episódio de Churchill ao indagar do Evangelista Billy Graham se haveria ainda alguma esperança para este mundo. Era um instante sombrio dos destinos da Inglaterra, sob o fogo das bombas voadoras de Hitler. Fábricas, escolas, templos, monumentos históricos e artísticos, cidades, vilas e povoados num oceano de chamas. Aquele pregador famoso lembrou ao grande estadista o remédio para todos os males: - a Fé. Eis por que o brilhante paraninfo começou por enumerar as dificuldades e as tentações que teriam de vencer os novos "batedores de esperança". Narra o episódio de Pedro ao negar, por três vezes, Jesus e seu procedimento se origina da fraqueza da carne, ainda que forte seja o espírito. Advertiu que não seriam poucas às vezes de sentirem eles, sob o peso da cruz que colocaram aos ombros, momentos de debilidade moral ao escalarem, de pés e mãos feridos, as encostas de um Gólgota. Dificilmente, surgir-lhes-iam para os levantarem da queda sobre as pedras, cortantes, um Cirino, nem uma Madalena a lhes enxugar o suor e o sangue de suas frentes. Ao contrário, enfrentarão o menosprezo, a descrença, a calúnia, o aviltamento que são os espinhos das vias dolorosas a percorrerem para a execução fiel de sua missão. Só o amor a Jesus e o propósito de ensinar, aqui e alhures, as suas lições, simbolizadas na hóstia da Caridade, aos clarões da Fé, poderão salvá-los do fracasso. Citando o Salmo 126, nos versículos 5 e 6, que

falam dos que semeiam com lágrimas para que, amanhã, tragam alegremente os frutos da sementeira, encorajou-os. Sem dúvida que o bom sementeiro, ainda mesmo, suportando as vergastadas dos temporais, encherá os olhos da fartura e a brisa da bonança se tornará eficaz para o revigoramento de suas energias e a cicatrização de suas lesões.

“CURAI ENFERMOS” – Comovente, sábia, oportuna é esta Mensagem de Moacyr Alves aos diplomados de enfermagem. Faz um retrospecto da História da Enfermagem, analisando-a no Egito, em Roma, na Grécia, na Assíria, nas nações árabe e israelita. Avança no período da Idade Média e mostra que, inicialmente, o enfermeiro, além da assistência aos doentes, também se ocupava da limpeza e da arrumação dos objetos nas Enfermarias. Em certa fase, confundiam-se os misteres dele com os do médico. Finalmente surge a primeira Escola Técnica de Enfermagem, criando-a o pastor protestante Fliedner, em 1883, em Kaiserwerth. Mas, tornava-se necessário que alguém a valorizasse e Florence Nightingale, de família abastada e de relevância na sociedade, vence a intransigência dos pais e lança-se à missão humana e divina de dar assistência meritória aos doentes. Deixou de ser a profissão de baixa classe, constituída de meretrizes e de ébrias, compelidas a optar entre a enfermagem e a prisão. Ela se torna, não apenas uma redentora do conceito em que eram tidas as enfermeiras, mas, pelas virtudes de inteligência e atributos de espírito, um símbolo de sua classe. No Brasil elevou-se, ao nível de Florence Nightingale, Ana Justina Ferreira Nery. Machado de Assis, numa de suas Histórias, traça o perfil de Procópio, o enfermeiro de um coronel do interior, de quem suporta as injúrias e até as pancadas nas crises de neurastenia e nas suas mostras de um mau caráter. Um dia, reage por uma agressão violenta que lhe deixou uma

face com uma lesão. Atracam-se ambos o coronel morre subitamente à ruptura de um aneurisma. Procópio sente remorsos, atribuindo-se a autoria de um crime de homicídio. À abertura do testamento, lá estava o enfermeiro Procópio tornado herdeiro único de enorme fortuna deixada pelo coronel. A paciência, a dedicação e a tolerância diante dos maus tratos do doente lhe trouxeram um justo prêmio e Procópio se convenceu, ao ouvir os médicos, de que a morte teria sido natural. Rememora as palavras de Jesus aos discípulos: - "curai enfermos...". Ele, o Homem-Deus, também curou os cegos, os paralíticos, os moribundos, fez ressuscitar Lázaro e expeliu os demônios, não somente de seres humanos, mas, nas fronteiras da Fenícia, dos suínos. Amado Nervo, na beleza e singularidade de seu estilo, nos "Ensaio", expressando-se sobre o Evangelho, diz: - "Que sabe a gente do Evangelho? Fora dos pregadores e de alguns eruditos, bem poucas sentenças. Muitas se repetem, ignorando-se a sua origem. Todavia, basta com as que vão de boca em boca, de pais a filhos, para que a figura de Jesus apareça em toda a sua doce divindade. Com algumas: frases isoladas do Eclesiastes, com alguns versículos dos Salmos, com umas poucas palavras de amor do Cântico dos Cânticos, com umas queixas imortais de Jó, nos bastariam, só por si, para a peregrinação pelo mundo, e a Bíblia mereceria, por isso, ter sido escrita e situar-se no papel de oráculo dos homens. "Eis como o fascinante autor das "Pérolas Negras", celebra a excelsitude do Mártir do Gólgota e proclama a Bíblia como um livro a se ler e consultar, tanto engolfamento de nossa alma no mundo dos pesares, quanto nos seus vôos aos impulsos jubilosos". Devem mesmo as enfermeiras ou enfermeiros fazer um culto perene àquela determinação de Rabbi, simples e dominador: - "CURAI OS ENFERMOS!"

"O PREGOEIRO DA FLORESTA" comprova-se Moacyr Alves um autêntico biógrafo. Sim, porque retratar alguém, pela palavra escrita, é trabalho de escultor e de psicólogo. Não é somente enunciar a data e o local do nascimento e indicar os pais e ocupar-se dos traços fisionômicos e enumerar suas obras. Não! A tarefa há de se completar pesquisas do ego de quem é apresentado ao leitor. Suetônio, perfilando os Dozes Cesares; Lamartine, analisando os personagens da Revolução Francesa em "OS GIRONDINOS"; Margarida Goutier, focalizando Cleópatra; Shakespeare, analisando as figuras de seus temas, mormente em "MACBETH" e "CORIOLANO"; Merejkovsky em "NAPOLEÃO" e outros, nas biografias ou nos motivos das entidades apreciadas, são, em favor, autênticos retratistas e profundos analistas. Esta foi à orientação do novel biógrafo a ocupar-se do homem e de sua obra. Eurico Nelson que, moço, se consagra à missão cristã, em certo momento pensou haver: fracassado e afastou-se, por algum tempo, dessas atividades. Um dia, ei-lo novamente sob a fulguração do sol tropical e banhado do luar sem igual da Amazônia. Sentiu que precisava de alguém que, consigo, comungasse de ideais idênticos. Elege Ida Lindberg que, como esposa e irmã de crença se torna como que um complemento da personalidade do pregoeiro. Caminham ambos florestas adentro, vencendo as intempéries, sob o flagelo dos mosquitos, desfazendo as desconfianças dos que não os conheciam e ignoravam os princípios de sua evangelização. Nelson refortalecera a Fé empenhou-se com todas as suas forças físicas e energias mentais ao cumprimento de sua missão. Por onde quer que transitasse, prestava assistência à alma e ao corpo das clarinadas, arregimentando prosélitos e atenuando as dores e lutando pela recuperação da saúde de seus semelhantes. D. Ida, meiga e caridosa, era um Anjo de

asas abertas, acolhendo e protegendo os novos legionários de Jesus. Era a Samaritana, da Fonte de Silohé, dando às suas palavras, os efeitos miraculosos da água que cantou como a força motriz do Sol e das Estrelas! Podia dizer-se, sem nenhum exagero, do insigne pregoeiro: - *Justum Deduxit Dominus per vias rectas*. Sem dúvida que, sendo um justo, o Senhor o levou por caminhos retos. Ajusta-se-lhe o conceito de S. Paulo aos Romanos: - *"Justus ex fide vivit"*. Eurico Nelson era um justo e, por isso viveu de sua Fé.

Os cinco temas, por sua importância e oportunidade, devem ser lidos e meditados por todos quantos queiram sentir a verdadeira concepção da existência humana e conhecer as diretrizes para uma aproximação espiritual de Jesus e vislumbrar a onipotência, a onisciência e a misericórdia de Deus! Moacyr Alves que possui já valiosa bagagem literária irá receber gerais aplausos e se confirma, realmente, analista e biógrafo de fina estirpe.

LEÔNICIO DE SALIGNAC E SOUZA Ex-Presidente da Academia Amazonense de Letras

MOACYR ALVES

(Seu último artigo)

O Apóstolo Paulo declarou haver tido uma visão esplendorosa, tão sublime e grandiosa que lhe impedia de revelá-la aos homens. Quem duvidaria da afirmativa paulina?

Creio nas visões. Naturalmente que esse campo é delicadíssimo, e penetrar nele, requer prudência.

Estou ciente, por outro lado, das informações prestadas pelos parapsicólogos, a respeito de pessoas que se viram às portas da morte. Há respeitável volume e depoimentos, comprovando, todos eles, um estado de sublimação no momento de transição entre a vida e a morte.

Permita-me o leitor recordar o fato, para segui-la, revelar-lhe o que senti e vi.

No dia 25 de Novembro 1975, encerrava o expediente na repartição pública e, conduzido por motorista profissional, rodava em carro oficial do Estado, quando inesperadamente, um jipe apanhou aquele veículo. Nada sei contar a respeito de como o acidente ocorreu. O fato registrou-se pouco depois do meio-dia e só me lembro de alguma coisa após as dezessete horas, quando me vi cercado por familiares e amigos, já no hospital, aguardando intervenção cirúrgica bastante delicada.

A primeira impressão causada às pessoas que me viram era a de que eu teria pouca probabilidade de sobreviver, face aos ferimentos sofridos.

Encontro-me bem de saúde, dando graças pelo erro geral dos que me visitaram.

E agora, o quadro por mim vivido. Não sei se logo após o choque de veículos, se no hospital.

Inicialmente, tive a sensação agradabilíssima de que me acabava. Sentia as forças fugirem de mim, mais e mais, enquanto suave calor cobria-me os olhos e os fechava. O sangue que corria? À medida que as forças se esvaíam, um estado de levitação me dominava. Senti-me fora da terra. Nada a ela me prendia. Nenhuma dor, nenhum remorso, é experimentada. E então as luzes apareceram. Luz verde, luz amarela, luz lilás, luz vermelha, luz azul, luz alaranjada, crescendo sempre, em grandes círculos, até que a alvíssima dominou. Mas, logo a seguir, uma tonalidade de azul característica da região amazônica, que me chamava à atenção, e minha observação imediata – este azul é muito comum no Amazonas.

Repetiram-se novos círculos de luzes multicoloridas, e novamente o branco fortíssimo que me fazia doer de vista. Cheguei ao local onde esse branco intenso predominava e três figuras queridas divisei: meu filho, falecido em 1972,

papai, falecido poucos meses antes do meu acidente, e, de perfil, a figura excelsa de Jesus. Quando me aproximei desses três ocupantes do céu, retomei a consciência. Confesso, contristado, porque buscando ainda o ensinamento, de Paulo, melhor é estar com Cristo.

Reinava, em mim, uma dúvida: tive uma visão? Fui iludido pelo meu subconsciente? Teria recebido a graça de uma antecipação de minha entrada no céu? Seria uma advertência de que ainda não posso entrar.

Amigos confortam-se a dizer – só os crentes podem ter a tranqüilidade que você teve. A morte tão suave e tão bela só é permitida aos salvos.

Os cientistas afirmam – aquelas impressões que marcam mais profundamente nosso ser vem à tona na hora da transição entre a vida e a morte.

Ouso, agora, opinar.

Creio que Deus tem um plano para cada vida. Nada do que me aconteceu foi imprevisível. Meu dia de morrer não era 25 de novembro de 1975. Na sua bondade infinita, o Criador deu-me a certeza de que Moacyrzinho e Mário Alves estão no céu. Respondeu, assim acredito, às orações contínuas que faço: Senhor, eu quero estar no lugar onde está Jesus. Quero estar no lugar onde está o apóstolo Paulo. Quero estar no lugar onde está Eurico Nelson. Quero estar no lugar onde está meu filho. Quero estar no lugar onde estão minha mãe e meu pai. Em nome de Jesus, dá-me este lugar na hora da partida.

Acorde com os planos divinos, pela crença no sacrifício vicário de Cristo, chegarei ao céu. Não vi a cidade que João divisou. Não me foi autorizado contemplar a multidão intocável dos remidos. Mas, o Pai permitiu que eu visse três pessoas queridas, e o mais significativo para mim – eu vi as vivas. O céu e, portanto, lugar de vivos que passaram pela morte.

Se eu não estava morto, naquele momento, não poderia ter acesso ao lugar santíssimo dos que deixaram ao corpo corruptível.

Sapientíssima providência divina porque fraturado, como estava, não poderia jamais, movimentar-me. Era preciso deixar o velho corpo, tal como fez aquela colorida borboleta que se contorcia, no casulo, em nosso quintal. Chamando as filhas adolescentes, eu lhes dizia: não lhes parece que esse pobre ser sofre bastante? Reparem que, não demorará muito, esse feio aspecto desaparecerá. E foi realmente, como lhes dissera. O repelente e nojento corpo ficou na terra e o novo ser movimentou-se a deixá-lo. Equilibrou-se mais e voou. Asas abertas no seu alaranjado lindo, a borboleta desapareceu.

Quando chegará o meu dia de partir não sei. O seu dia, caro leitor, também não sei. Mas faça o que já fiz. Peça a Deus que o receba pelos méritos de Jesus, e o leve para o lugar de paz e bem-estar.

Relatando-lhe a minha experiência, não desejo, senão, ajudar alguma pessoa que por acaso tenha medo da morte. Se ela ocorrer provocada por acidente de trânsito (e é só do que posso falar), tranquilize-se, porque não se sente a menor sensação de dor, no caso de sua consciência desaparecer.

A minha mensagem, em suma é esta: a morte não causa pavor aos que estão com Cristo. Morrer é ganho, disse o apóstolo Paulo Verdade perene, diria ansiada, pois nos permitirá chegar à presença de Deus.

HOMENAGEM PÓSTUMA

1. LOJA MAÇÔNICA "MOACYR ALVES"

2. ABRIGO "MOACYR ALVES" – AMA

1. HISTÓRICO DA LOJA "MOACYR ALVES"

A.: R.: L.: S.: "MOACYR ALVES" foi fundada no dia 04 de abril de 1978, e regularizada pelo decreto Nº 2.621

de 12/12/1979, também foi autorizada no mesmo a expedição da carta constitutiva sob nº 2021 para trabalhar nos graus simbólicos do Rito Brasileiro.

A fundação da loja "Moacyr Aves" ocorreu às 20:00 horas do dia 04/04/78, à Rua Monsenhor Coutinho nº 354, Centro, pelos Ilr.: Antônio Osmam de Andrade Neto, Geraldo Euzébio da Silva, William Barbosa de Pinho, Antônio Dimas de Souza Monte, Wilson de Almeida Alecrim Lopes, José Costa Monteiro e Almir Marmoud Abeezeel.

A primeira administração da loja ficou assim constituída:

Vem.: Mest.: Wilson de Almeida Alecrim Lopes

1º Vig.: Mariolino Brito dos Santos

2º Vig.: Wilson Barbosa e Pinho

Orad.: Antônio Osmam de Andrade Neto

Séc.: Antônio Dimas e Souza Monte

Tes.: José da Costa Monteiro

Chanc.: Geraldo José da Silva

No passado, reunia-se A.: R.: L.: S.: "MOACYR ALVES" no templo da co-irmã Vitória das Nações Unidas sito na Praça Dom Bosco nº 200, Centro, porém outrora ela reunia-se no templo localizado na Rua Lobo D'Almada e no templo da Amazônia Brasileira, na Avenida Djalma Batista nº 178, Bairro Nossa Senhora das Graças, antigo Bairro Beco do Macedo.

Atualmente, reúne-se à Rua 07, 254-A, Conjunto Castelo Branco, Bairro Parque Dez.

Veneráveis, que administraram no período de 1979 a 2001:

1º Wilson Almeida Alecrim

2º Antônio Osmam de Andrade Neto

3º Antônio Dimas de Souza Monte (venerável interventor)

- 4º Antônio Vieira
- 5º José Veridiano do Nascimento (02 mandatos)
- 6º Manoel Nogueira de Araújo
- 7º Pedro Ivo Sabbá Guimarães
- 8º Pedro Quirino Farias (02 mandatos)
- 9º Francisco Carlos Silva
- 10º Pedro Quirino (02 mandatos)
- 11º José Barbosa de Souza Filho (atual 2001/2003)

Como maçom emérito em Manaus Moacyr Souza Alves, membro de diversas entidades maçônicas e profanas foi delegado do Grão Mestre, em 1957 a 1959, interventor em lojas em Manaus, um maçom conhecedor profundo dos mistérios da arte maçônica, filho da Bahia, mas iniciado em Manaus / AM, na loja Vitória das Nações Unidas, teve uma vida toda dedicada em servir ao próximo, por isto escolhemo-o para patrono de mais uma loja maçônica, afim de que seu nome fique perpetuado para sempre nos nossos mistérios maçônicos, a simbologia que o mesmo representa entre o Esquadro e o Compasso, pois o maçom quando se perde é encontrado entre estas duas ferramentas simbólicas de trabalho ladeadas por ramos de acácia, simbolizando a sua memória sempre viva nos corações dos irmãos manauaras.

A direção da loja para o biênio 2001 a 2003 ficou assim constituída:

Ven.: José Barbosa de Souza Filho

1º Vig.: Alfredo Gomes Moinhos

2º Vig.: Risomar Pereira de Souza

Orad.: José Miguel Peixoto

Séc.: Roberto Martins de Araújo

Tes.: Arlindo Vieira Siqueira

Chanc.: Pedro Ivo Sabbá Guimarães

2:- HISTÓRICO DO ABRIGO "MOACYR ALVES" – AMA

O abrigo "Moacyr Alves" – AMA é uma instituição do Governo do Estado, vinculada à Secretaria de Estado

do Trabalho e Assistência Social – SETRAB.

OAMA foi fundado há cerca de 25 anos no governo de Enoch Reis e assumiu diversas atividades, como escola, creche, unidade de atendimento para amparar crianças e adolescentes adictos, assumindo atualmente a característica de abrigo provisório.

A valorização e o resgate das crianças e adolescentes abrigado, dignificando-os no aspecto físico, moral e espiritual são os princípios que permeiam as atividades desenvolvidas no AMA, reabilitando crianças e adolescentes em suas características individuais para que possam retomar aos seus lares, ou eventualmente, a lares substitutos.

Atualmente, esta instituição abriga em média 45 (quarenta e cinco) crianças entre meninos e meninas. Destes, 32 são crianças e adolescentes portadores de necessidades especiais. A faixa etária é de 5 a 12 anos. Os quais possuem múltiplas deficiências, estão em situação de risco pessoal e social, vitimadas, negligenciadas, exploradas sexualmente, perdidas e perambulantes, são crianças e adolescentes na maioria deles completamente dependente, que foram abandonadas pelos seus familiares. O encaminhamento delas para esta instituição é feito através do Juizado da Infância e da Juventude, Conselhos tutelares e/ ou Central de Resgate.

Objetivo Principal

Propiciar o resgate social das crianças e adolescentes especiais e as crianças em situação de risco, não adicto, vítimas de negligência, maus tratos, abandono, abuso sexual, etc; atuando inclusive junto ao seio familiar, desenvolvendo atividades de assistência médica, psicológica, física, educacional, pedagógica e

social, para que a melhoria na qualidade de vida dos abrigados se torne realidade.

A valorização dos vínculos familiares é a principal meta do AMA. Por isso, o caráter do abrigo é temporário. Desde que as condições psicossociais sejam favoráveis, o AMA desenvolve um trabalho em conjunto com as famílias e o Juizado da Infância e da Juventude para que as crianças e os adolescentes sejam restituídos aos seus lares. As crianças e adolescentes portadores de necessidades especiais permanecem no abrigo indefinidamente, uma vez que foram abandonados por seus familiares e, devido às suas características, não possuem, muitas vezes, a chance de serem adotados.

CUIDADOS QUE OS ABRIGADOS RECEBEM

As crianças e adolescentes abrigados, além do carinho e da atenção com que são cuidados, importantes para a sua valorização como seres humanos, recebem 06 refeições diárias, assistência médica e odontológica, assistência psicológica, cuidados de enfermagem, ensino educacional por rede estadual e municipal, ensino de artes manuais, acompanhamento moral e espiritual. As crianças especiais recebem tratamento profissional e fisioterapia.

QUEM DESENVOLVE OS TRABALHOS

Os funcionários que desenvolvem as tarefas de rotina em revezamento diurno são remunerados com recursos do Convênio, mas o AMA conta, também, com o trabalho dos voluntários tanto do CETAM, quanto das pessoas físicas de boa vontade.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO VOLUNTÁRIO

Auxiliar os funcionários na hora das refeições e no cuidado com a higiene das crianças;

Fazer leitura de estórias para crianças;

Desenvolver atividades lúdicas, (jogos, brincadeiras);

Ajudar na área na qual é capacitado (médico, cozinheiro, professor, etc.).

O Abrigo "Moacyr Alves" é mantido com os recursos governamentais, que são de fundamental importância para a continuidade de nosso trabalho e parte pela sociedade, através de mobilização de pessoas sensíveis às nossas necessidades, que nos dão apoio com doações e promoção de eventos para arrecadação de fundos.

CADEIRA Nº 31

PATRONO: OCTAVIANO SORIANO DE MELO

OCUPANTE: FERNANDO CARDOSO GUIMARÃES

O PATRONO

Nasceu no município de Maratauçã, Estado do Piauí, em 24 de dezembro de 1889 ou 1890, filho de Anísio Ferreira de Mello e Palmyra Soriano de Mello, vindo para o Amazonas com dez anos, com destino ao seringal Caxinauá, no Juruá. Casou-se com Palmyra Thaumaturgo, filha do comerciante do Juruá coronel Rufino Thaumaturgo, sendo pai do literato, pintor e membro da Academia Amazonense de Letra Anísio de Mello.

Formado em Direito, foi juiz em diversas comarcas do Interior, como Barcelos e Tefé, onde soergueu a Loja Maçônica local. Criou, em Tefé, o sistema de "presídio aberto", resolvendo os problemas das famílias de presidiários, dando um local de trabalho para eles em uma pequena colônia agrícola, suficiente para evitar o desamparo delas, o que só foi adotado agora, no País.

Foi um homem modesto, de têmpera, despretensioso e amigo dos livros, ávido de saber e de ilustração, e de hábitos simples, evidenciando um espírito circunspecto e elevado. Por onde passava na sua faina judiciária, instalava escolas teatros, tendo dirigido a Academia dos Novos de Tefé, até a sua morte.

Quando jovem foi professor da Universidade de Manaus, na Faculdade de Odontologia, lecionando Prótese Dentária, Ortodontia e Metalurgia, entre 1918 e 1925, mas ao formar-se em Direito, em 1920, optou pela Magistratura.

Dedicou-se ao estudo da Amazônia tendo publicado:

- Dicionário Tupi-Português, Português-Tupi - 1957
 - Topônimos Amazonenses – Manaus – 1967, com segunda edição em 1986.
 - Marupiara, poema inserido no livro Longe do Tédio, São Paulo – 1959.
 - Nheengatu Umbueçaraima (O Nheengatu sem Mestre) Editora Expressão – SP.
- Deixou inéditos:
- Acroamas Amazônicos (poesias).
 - Autobiografia
 - Despachos e Sentenças
 - Discursos e Palestras
 - Terra Cunhã (crônicas regionais)
 - Alelis (Poesias)
- Faleceu em Tefé, no dia 28 de junho de 1947.

O ATUAL OCUPANTE

Fernando Cardoso Guimarães, cinquenta e nove anos, filho de Maria Natividade Cardoso Guimarães e de Alípio Brito Guimarães, o fundador e construtor da Loja Maçônica Amazônia Brasileira, à Avenida Djalma Batista, jurisdicionada pelo Grande Oriente do Estado do Amazonas, da qual é membro ativo.

É professor universitário com mestrado em Teologia, no Rio de Janeiro, e em Língua e Literatura Francesa, em Toulouse, França. Lecionou nas universidades ULBRA, CIESA e UNINORTE, as disciplinas de Português, Literatura, Francês, Espanhol, Filosofia, Sociologia, Metodologia e Monografia. É autor de diversos estudos sobre obras teológicas e filosóficas, sendo o seu mais recente trabalho a apresentação do livro O Primeiro Olhar – A Filosofia em Contos Amazônicos, de Luis Carlos Lemos – 1906.

Entre os cargos que ocupou na Maçonaria citamos: Secretário da Loja Amazônia Brasileira, Presidente da Loja de Perfeição Ajuricaba, Deputado Estadual pela sua Loja e Vice-Presidente do Conselho Estadual da Ordem. Galgou todos os graus da Maçonaria Simbólica e Filosófica e recebeu as medalhas de Benemérito, Grande Benemérito e Estrela da Distinção Maçônica do GOB.

É um magnífico orador de palavras candentes e precisas.

CADEIRA Nº 32

PATRONO: MÁRIO SÍLVIO CORDEIRO DE VERÇOSA

OCUPANTE: JORGE HUMBERTO BARRETO

O PATRONO

O desembargador Mário Sílvio Cordeiro de Verçosa nasceu em Manaus, a 20 de julho de 1921, sendo filho de João Baptista de Verçosa e de dona Edmée Cordeiro de Verçosa.

Formou-se advogado e seguiu a carreira da magistratura, onde foi juiz de 1ª e 2ª entrância, juiz eleitoral, corregedor eleitoral, presidente das Câmaras Cível e Criminal, Desembargador e Presidente do Tribunal de Justiça do Amazonas de 1969 a 1979.

Membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, também foi professor de Direito Comercial da UFAM, de Economia, Comércio Internacional de Câmbio, Moeda e Crédito, Noções Fundamentais de Direito, entre outras matérias.

Portador das medalhas Tiradentes e do Mérito Judiciário Brasileiro.

Publicou:

Mosáicos do Judiciário Amazonense (1891-1982);
Trinta Capítulos de Direito Comercial.

Registros Maçônicos um livro que apresenta numerosos subsídios para a História da Maçonaria Amazonense.



MÁRIO VERÇOSA

Como maçom, teve uma carreira ilustre.

Iniciou-se a 13 de maio de 1947 e foi sucessivamente Elevado, a 21 de julho, e Exaltado, a 12 de agosto de 1947.

Foi Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica do Amazonas entre 24 de junho de 1962 a 24 de junho de 1977, que então se denominava Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes, sendo membro honorário de sete Grandes Lojas Brasileiras, Benemérito e Benfeitor de diversas Lojas, Honorário de muitas outras e portador da Comenda do Mérito Pedro I, do Grande Oriente do Brasil.

Como grão-mestre ajudou a estabelecer a Grande Loja do Acre, que se destacou do Amazonas, em 1973.

Nos graus filosóficos alcançou o grau máximo.

(Biografia baseada na estabelecida por Manoel Ribeiro, Ex-Grão-Mestre da GLOMAM).

O ATUAL OCUPANTE

Jorge Humberto Barreto, nasceu em Humaitá, Amazonas, no dia 07 de novembro de 1934, filho de Jorge Henrique Barreto e Virgínia de Oliveira Barreto, Professor, Escritor e Poeta.

Formado em Filosofia e História pela Universidade Federal do Amazonas, foi Diretor do Instituto de Educação do Amazonas, Vice-Presidente do Conselho Estadual de Educação, Diretor da Escola Técnica Federal do Amazonas.

Membro da Associação dos Escritores do Amazonas e da Academia de Ciências Letras e Artes.

Maçom da Loja *Aurora Lusitana*, onde exerceu vários cargos.

Sua presença na literatura Amazonense tem sido expressiva, destacando-se entre suas obras publicadas: *Gotas Ecléticas* (Pensamentos Poesias, Fragmentos e Reflexões), Livros: *A Saga dos Maçons no Amazonas* (Parceria) *Cores do Crepúsculo* (poesia), *II Antologia Poética da ASSEAM* (parceria), *Suspiros D'alma* (poesia) e *III Antologia Poética da ASSEAM* (parceria), possuindo várias honrarias de diversas instituições de ensino, pesquisa e educacional do país.

É Acadêmico fundador da Academia Amazonense Maçônica de Letras e da Academia de Letras Ciências e Artes do Amazonas –**ALCEAR**.

CADEIRA Nº 33

PATRONO: VICENTE TELLES DE SOUZA JÚNIOR
OCUPANTE: PAULO DANTAS DA SILVA

O PATRONO

O professor Vicente Teles nasceu no Ceará, a 11 de agosto de 1879, filho do honrado marceneiro Vicente Telles de Souza, veio com sua família para o Amazonas, como retirante, como tantas outras.

Aqui fez o curso primário, o secundário, na Escola Normal, e se formou em Direito, pela nossa Faculdade, e, em Farmácia, pela Faculdade da Bahia.

Foi professor catedrático de Química Geral, Orgânica e Inorgânica da Escola de Agronomia de Manaus, sócio do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e da Ordem dos Advogados do Brasil, diretor do Instituto de Educação e da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Manaus.

Casou-se com Izabel de Freitas Pinto, com quem teve dois filhos: Comte e Cavour, ambos médicos e professores. O primeiro muito devotado aos mais carentes.

Era totalmente devotado ao ensino, sendo um dos homens mais cultos do Amazonas, no entender de Agnello Bittencourt. Foi professor de Português do Instituto de Educação. Vivia do ensino e para o ensino.

Foi um livre pensador tendo ajudado a fundar, a 15 de novembro de 1934, a Loja Unificação Maçônica, da qual foi o primeiro Venerável, com o nome simbólico de Domingos Freire, 3. Essa foi a Loja que fez ressurgir o Grande Oriente do Brasil, no Amazonas, após a Cisão de 1927. Junto com ele estiveram nessa fundação

Themístocles Pinheiro Gadelha (Hamlet), 18, Obed Barreto (Guatimozin), 33, Benício Leão (Tiradentes), 18, João Francisco Soares (Ubirajara), 3, Aluízio Hugo Silva (Gregório de Matos), 3, Francisco Pereira de Moraes (Amazonas), 3, e

Arlindo Ferreira do Rosário (Almirante Barroso), 3.

Faleceu em Manaus, a 30 de abril de 1943, aos sessenta e quatro anos de idade,

(Biografia baseada em outra de Agnello Bittencourt)

O ATUAL OCUPANTE

Paulo Dantas da Silva, natural de Manaus, nascido no dia 17 de agosto de 1944, é filho de Francisco Cruz e Silva e de Adalgiza Dantas da Silva. cursou o ensino primário no Grupo Escolar Euclides da Cunha, e o ginásial, no colégio Ajuricaba, ambos em Manaus. Estudou no Seminário Agostiniano Santa Rita, em Ribeirão Preto. Tem curso superior pela Universidade de São Paulo – USP. Tem vários cursos de Extensão Universitária e é professor registrado, trabalhando no magistério amazonense desde 1973.

Foi iniciado maçom no dia 23 de julho de 1994, na Loja Rei Salomão, 2293, do Grande Oriente do Brasil, sendo Elevado em maio e Exaltado em julho de 1995. É membro ativo do Consistório de Príncipes do Real Segredo, nº14, desde 2005.

Foi secretário da Loja Rei Salomão, orador da Loja de Perfeição Coronel Francisco de Menezes, Grande Secretário da Guarda dos Selos do Grande Oriente do Estado do Amazonas e foi membro das Comissões de Educação e de Justiça, do Conselho Estadual da Ordem.

CADEIRA Nº 34

PATRONO: RODOLPHO GUIMARÃES VALLE

**OCUPANTE: ARNALDO FELISBERTO IMBIRIBA DA
ROCHA**

O PATRONO

Rodolpho Guimarães Valle, filho do segundo matrimônio de Enéas Valle Junior com Dolores Guimarães Valle, nasceu em Manaus, em 11/03/1923. Casou-se com Consuelo Campello de Medeiros sendo seus filhos: Enéas, Maria de Fátima, Maria Izabel, Maria Auxiliadora, Maria Minerva e Benjamin. Faleceu aos 54 anos, no dia 04/11/1977.

O respeito de Rodolpho ao culto religioso caminhava, lado a lado, com sua aversão ao culto da vaidade, era de uma simplicidade exemplar, embora firme em seus desideratos. Jamais fez uso de sua inteligência como arma de objetivos escusos. Era um apóstolo forjado de sentimentos, convicções e procederes maçônicos. Incentivava os mais jovens, não excluía os opositores. Ouvia a todos com remansosa atenção, acatando suas opiniões e enaltecendo suas virtudes, quando convencido de que convergiam para o melhor. Entretanto, firme e aguerrido na defesa de seus princípios, quando necessário. Gostava da noite sem ser boêmio, talvez porque a inquietude de espírito, própria dos que procuram incessantemente a luz, se debatesse contra o entorpecimento do longo dormir dos humanos. Queria viver na plenitude máxima possível do tempo que lhe era disponível.

Iniciou na Maçonaria, na Grande e Benemérita Loja Simbólica Rio Negro, em 02 de junho de 1956, e foi elevado em 20 de julho, do mesmo ano. Em 27 de setembro, ao ser exaltado Mestre Maçom, adotou o nome simbólico de Sinimbú. Filiou-se, em 20 de abril de 1963, à Grande e Benemérita Loja Simbólica Amazonas. Sua luminar liderança, vibrando o malhete, no aspergir de emoções muitas e de ensinamentos sobre o ser humano com suas nuances entre o mundo físico e o mundo espiritual, no borbotão que flui a vida, é memorável.

Tribuno de verbo inflamado logo despertava a atenção e o respeito de todos pela amplitude de seus conhecimentos e pela clareza e equilíbrio de seus pronunciamentos, quer fossem em sua Loja Mãe ou na Loja Amazonas, da qual foi Venerável Mestre eleito nos períodos de 1963 – 1969, 1970 – 1971 e 1974 - 1977; quer na GLOMAM – Grande Loja Maçônica do Amazonas, da qual foi Grão Mestre eleito, infelizmente, por um breve período de pouco mais de três meses, agosto – novembro 1977, dado o sua passagem para o Oriente Eterno, quer na CMSB – Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil. De sua Loja Mãe recebeu a homenagem de ter o seu nome em uma de suas expressões máximas de materialização da fraternidade maçônica, a ESCOLA RODOLPHO VALLE, numa evocação a sua total dedicação e memorável contribuição como Professor de História do Brasil, que fora do Colégio Estadual do Amazonas. Na Grande e Benemérita Loja Simbólica Amazonas, onde foram realizadas suas Pompas Fúnebres, tem seu nome eternizado pela denominação da sala onde funciona a Secretaria da Loja, SALA RODOLPHO VALLE. Na GLOMAM – Grande Loja Maçônica do Amazonas, em reconhecimento de seus relevantes serviços prestados a Maçonaria Amazonense, conferiu o seu nome a uma das

suas Lojas jurisdicionadas, a BENEMÉRITA LOJA SIMBÓLICA RODOLPHO VALLE – Nº 26, no Oriente de Borba. Na CMSB – Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, onde seus vibrantes pronunciamentos, longe de prender a atenção por rebuscados vernáculos, contagiava pela naturalidade com que emergiam as forças de seu encadeamento lógico de ecos fulgurantes, recebeu o Título de ETERNO SECRETÁRIO.

Nas sociedades profanas também teve seus méritos exaltados. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Amazonas, em 1948, tendo sido escolhido o ORADOR DA TURMA. Como Advogado foi Consultor Jurídico da Comissão de Abastecimento de Preços (COAP) no Amazonas, Procurador do Departamento Rodoviário Municipal, Procurador Jurídico do Município de Manaus, Advogado da União Beneficente dos Motoristas de Manaus e Conselheiro da Ordem dos Advogados (OAB), Seção do Amazonas. Além do festejado Professor de História do Brasil, dado ao seu imenso cabedal de conhecimentos e privilegiada capacidade de comunicação.

Quando estudante ingressou na política, tendo sido membro ativo do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Social Democrático (PSD) e Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Ocupou os cargos de Conselheiro e Presidente do Instituto Municipal de Previdência Social do Amazonas (IMPAS). Foi eleito Deputado Estadual e, por diversas vezes vereador. Na Câmara Municipal de Manaus, em 1962, assumiu a Presidência e o comando interino do Executivo nos impedimentos do Prefeito. Neste mister concentrou seus esforços nas atividades sociais e humanitárias, como a capacitação intelectual dos funcionários da Câmara, isenção de impostos para feirantes dos mercados e vendedores ambulantes, a contagem em dobro, para efeito de aposentadoria, do tempo de serviço dos funcionários colocados à disposição

do Asilo Dr. Thomas. Teve seus méritos reconhecidos com a reverência prestada por seus pósteros através da instituição da MEDALHA CULTURAL RODOLPHO VALLE, destinada a distinguir os cidadãos que se notabilizam por suas contribuições para o engrandecimento da cultura na cidade de Manaus.

Eleito para a Academia Amazonense de Letras, tomou posse em 11 de março de 1973, na Cadeira que tem como Patrono o poeta Raimundo Monteiro. Na Casa de Bernardo Ramos, o IGHA – Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, onde foi Orador e Presidente eleito para o ano de 1977, ocupou a Poltrona de Nº 45, que tem como patrono Rodolpho Garcia.

Entre suas obras publicadas relacionamos CONSCIENTIZAÇÃO MACÔNICA – Tese apresentada pela Grande Loja do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima à VII Assembléia Geral da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, realizada em Teresina, Piauí (15 a 22/07/1973), onde aborda as apreensões do mundo moderno e a função social da Maçonaria; EFEMÉRIDES MACÔNICAS – Principais registros históricos da Grande Benemérita Loja Simbólica AMAZONAS nº 2, lançado, em 1975, como parte dos festejos de seu centenário. Neste trabalho revela-se o pesquisador, o historiador. Em TEMPLO DA SABEDORIA, capítulo do opúsculo organizado por Cleomenes do Carmo Chaves em comemoração ao centenário do Colégio Estadual do Amazonas (1960), temos o Professor. E em ASPECTOS JURÍDICOS E SOCIAIS DA ADOÇÃO, editado na Escola Técnica Federal de Manaus (1948), impõe-se o jovem defensor dos humildes, o Advogado.

Finalizo esta sinopse sobre a vida de tão fidalgo e ilustre cidadão-maçom com o coração marejado de tristeza por sua ausência e com uma decepção introspectiva de meu relato, embora consolado por minha

despretensão de querer ser completo ou perfeito, vez que, em meu desiderato, não ultrapasso os limites de alguns contornos da vida do saudoso Irmão.

O ATUAL OCUPANTE

ARNALDO FELISBERTO IMBIRIBA DA ROCHA

Nasceu em Prainha (PA), no dia 10/09/1934, filho de José Cardoso da Rocha e Argemira Imbiriba da Rocha. Casou com Ely Albuquerque, sendo seus filhos José Francisco (iniciado na Loja Amazonas), Elyaldo e Arnaldo (Lowtons da Loja Amazonas). Veio para Manaus, a convite de Djalma Batista, para trabalhar no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA, logo após concluir o Curso de Químico Industrial, em 1962, na Escola Superior de Química do Pará, em Belém.

Foi iniciado na Grande e Benemérita Loja Amazonas, em 07/12/1967, sendo elevado e exaltado em 15/02 e 27/04/1968, respectivamente. Recebeu a Patente de Grande Inspetor Geral, Grau 33 (abril/1984) e a posição de Mestre Instalado (agosto/1984). Exerceu diversos cargos em Loja e foi eleito Venerável Mestre para o período administrativo 1984/1986. Sua Administração foi definida no convite dos iniciados da Turma Arnaldo Felisberto Imbiriba da Rocha, de 11/08/90: “Instituiu a figura do “Maçom Símbolo da Loja Amazonas”, caracterizada pela tolerância e pela humildade, elementos que marcaram a sua Administração na busca da verdadeira fraternidade. A “Galeria dos Veneráveis”, fincada na Sala dos Passos Perdidos, é a marca indelével de seu Veneralato”.

Foi homenageado com o Diploma de Maçom Emérito. Recebeu os Títulos de Remido e de Benemérito, Placas de Reconhecimento pelos Serviços Prestados à Loja das Administrações Renan C. Peixoto e Paulo Gustavo d’Almeida Porto e a Miniatura em madeira da nossa “Acácia”, pelo muito que dignificou a Ordem da

Administração Felismino Francisco Soares Filho. Da Grande Benemérita Loja Simbólica Fraternidade Amazonense recebeu o Título de Honra ao Mérito.

Na Soberana Assembléia foi Representante das Lojas Sá Peixoto (1974/76), Esperança, Harmonia e Trabalho (1980/82), Amazonas (1984/86), Triângulo de Marã (1986/88) e Fraternidade Coariense (2003/05). E exerceu o cargo de Grande 2º Experto.

No Grão-Mestrado exerceu os cargos de Grande Secretário de Relações Exteriores, nas Administrações dos Irmãos Francisco Oswaldino Castelo Branco, Renan Corrêa Peixoto e Ronaldo de Brito Leite, quando renunciou, passando a Grande Secretário de Relações Exteriores Adjunto; Membro do Conselho Deliberativo do Centro Maçônico Desportivo e Recreativo da GLEAM (1985); Secretário Executivo da Coordenadoria Executiva da XXXIII Assembléia Geral Ordinária da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil – CMSB; Grande Representante da Grande Loja do Pará e da Grande Loja de New Brunswick – Canadá. Participou das CMSB em João Pessoa (1993), Fortaleza (1988), Cuiabá (1990) e Manaus (2004).

Recebeu Medalha do Tratado Fraternal de Mútua Amizade GLOMAM/GOEAM, Administração Ronaldo de Brito Leite e os Títulos de Grande Benemérito da GLOMAM - Dec. 010-2004/2007 e de Remido – PR 005-2004/2005, na Administração René Levy Aguiar.

É Membro da Academia Amazonense Maçônica de Letras - Cadeira nº 34, que tem como Patrono Rodolfo Guimarães Valle e onde exerceu o cargo de Vice-Presidente da Diretoria Provisória, e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas - Poltrona nº 05, que tem como Patrono Alexander Von Humboldt. Escreveu vários artigos sobre temas maçônicos no Boletim Informativo da GLOMAM- BIG, entre os quais A Ética e a Maçonaria (BIG

nº 31), Idealismo, Materialismo e Maçonaria (BIG nº 33), Livre Arbítrio ou Determinismo (BIG nº 35), Reflexões Sobre a Liderança Maçônica (Big nº 39) e Apresentação Sinóptica da História da GLOMAM (Guia do participante da XXXIII Reunião da CMSB, Manaus(AM).

Mestre em Ciências pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Doutor em Química Orgânica pela Universidade de São Paulo, com Pós-Doutoramento na University of San Diego – Califórnia, EE.UU, trabalhou como Pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA e Professor da Fundação Universidade do Amazonas – FUA, da qual é Fundador e onde se aposentou como Professor Titular. Proferiu conferências e ministrou cursos em diversas universidades. Idealizou e coordenou a implantação do Curso de Mestrado em Química de Produtos Naturais da Universidade do Amazonas. Estudou dezenas de espécies botânicas da Amazônia e publicou seus trabalhos em revistas nacionais e internacionais. Exerceu as atividades de Consultor Científico do CNPq, de Membro do Corpo Editorial da revista Química Nova, publicada pela Sociedade Brasileira de Química, de árbitro da Revista Acta Amazônica, publicada pelo INPA e da Revista de Saúde e Ambiente, publicada pela Universidade Federal do Mato Grosso.

É fundador do Sindicato dos Profissionais da Química e do Conselho Regional de Química – XIV Região, que compreendem os Estados do Amazonas, Acre, Roraima e Rondônia, exercendo vários cargos em suas Diretorias. Representa, atualmente, a categoria dos Químicos Industriais no Conselho Federal de Química.

Foi homenageado como Patrono da 1ª Turma e da 2ª Turma de Licenciatura em Matemática, Química e Ciências, da Universidade do Amazonas, com o Título de Honra ao Mérito pelo Conselho Regional de Química – XIV Região, em reconhecimento a distinguida participação em

prol da Química na Amazônia Ocidental, Diploma de Relevantes Serviços Prestados à Nação, pelo Conselho Federal de Química, Título de Cidadão do Amazonas, pela Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas e Título de Professor Emérito da Universidade do Amazonas.

CADEIRA Nº 35

PATRONO: RAUL DE AZEVEDO

OCUPANTE: PAULINO BITENCOURT CARDOSO

O PATRONO

Nasceu em São Luís do Maranhão, 3 de fevereiro de 1875, e faleceu, no Rio de Janeiro, a 27 de abril de 1957, sendo filho de Belmiro Paes de Azevedo e Francisca Rosa de Brito, onde fez seus estudos, sem contudo galgar um curso superior.

Veio para Manaus como jornalista, sendo logo convidado pelo governador Fileto Pires, para a função de Secretário Geral.

Durante o tempo que por aqui morou teve como característica a lealdade, demonstrada quando aconteceu, com Fileto Pires, o episódio da carta renúncia falsificada. Encontrava-se aquele governador, em Belém, de volta da Europa, disposto a reassumir o cargo, tendo embarcado para Manaus, mas diante da situação, resolveu voltar, sem nada avisar. Raul, que era redator do jornal Rio Negro, preparou uma edição especial para o dia da chegada, inclusive informando que o povo fora em massa receber o governador, que fizera um discurso comovido, enquanto os foguetes estouravam e Ramalho Júnior fugia com os seus auxiliares diretos. O Rio Negro circulou na madrugada do dia da chegada prevista, mas nada aconteceu diante do retorno já citado. Raul tentou desfazer o erro, mas foi em vão.

Foi eleito deputado estadual por diversos mandatos e chefe de gabinete dos governadores Silvério Nery e Antonio Bittencourt. Fundou vários jornais, exerceu o

consulado do Chile e participou das Academias Amazonense de Letras e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. Sua função permanente foi a de Diretor dos Correios e Telégrafos, cargo que exerceu também no Rio e em Juiz de Fora.

Escreveu mais de trinta obras, folhetos e artigos de jornais, Entre os seus livros citamos: Doutor Renato, Tríplice Aliança, Amores de Gente Nova, Onde Está a Felicidade, Roseiral, Aquela Mulher, Amigos e Amigas, Senhores e Senhoritas, Homens e Livros, Alma Inquieta das Mulheres, Aspectos e Sensações, Louras do Sul e Morenas do Norte, Meu Livro de Saudades.

Casou-se por duas vezes, com Julieta Lessa e Camélia Cruz, com quatro filhos, nos dois matrimônios, sendo que seu filho Herbert Lessa de Azevedo foi assassinado em Coari.

Raul, segundo Agnello Bitencourt foi honesto, culto, trabalhador, mas morreu pobre, sem ter casa própria e sem ser perdulário. Amou as jovens louras e morenas, as flores, o teatro, a música e os perfumes. Partiu para o Oriente Eterno como se ainda fosse um jovem.

(Biografia baseada na elaborada por Agnello Bittencourt).

CADEIRA Nº 36
PATRONO: ANTONIO MAVIGNIER DE CASTRO
OCUPANTE: MANOEL WILSON DE SOUZA FARIAS

O PATRONO

ANTONIO MAVIGNIER DE CASTRO, um homem singular, observador incansável e apaixonado da fisiografia. Estudou humanidades em Paris e viveu a juventude na Europa. Voltou para o Amazonas e aqui se fixou. Jornalista militante foi secretário do Jornal do Comercio e redator de numerosos diários já desaparecidos. Viveu mais de vinte anos no interior, como promotor em Tefé e outras Comarcas, e prefeito de Moura. Quando se radicou novamente em Manaus, fez concurso para a cadeira de francês da Escola de Comercio: Sólón de Lucena, cargo que desempenhou com proficiência e em que veio, afinal, a se aposentar. Naquela altura já publicara algumas páginas de notável valor artístico, inclusive versos descritivos extraordinariamente bem feitos.

A vida hinterlândia marcou indelevelmente o destino do homem de letras, em cuja inteligência, de porte helênico, ficaram gravadas as imagens dos grandes quadros de que fora espectador atento. Com essas observações, construiu Mavignier de Castro, os ensaios admiráveis, justificando-se agora a verdadeira odisséia do escritor. Por trás da beleza das páginas do seu livro, estão sofrimentos sem contas, peregrinações exaustivas, desilusões e tristeza, além de impressionantes aventuras que dão à sua historia de tons heróicos a trágicos.

Em suas andanças atingiu Mavignier o Roraima - "atalaia de três povos" - e depois a cachoeira dos Dardanelos, seguiu o roteiro sentimental do Rio Negro e penetrou na psicologia das ribanceiras.

Na verdade o homem pouco impressionou o puro enamorado da natureza; só um capítulo lhe é dedicado e mesmo assim posto em confronto com a selva - "Homem-heroísmo". "Selva inumana" de que falou Euclides. Se quisermos, na literatura regional, encontrar um termo de comparação para o que escreve o autor, só um nome pode ser invocado, o de ALFREDO LADISLAU no livro - poema que é TERRA IMATURA.

AMAZÔNIA PANTEÍSTA, que é também um livro-poema, coroa uma vida, glorifica uma terra e encerra uma época, à época dos apaixonados platônicos da grande planície. Tudo faz crer que chegou à hora dos homens de ciências e dos artifices da técnica. Mavignier de Castro entre cujos imortais da Academia Amazonense de Letras ocupa lugar dos mais merecidos.

(Biografia pesquisada pelo Acadêmico Evandro Carreira)

O ATUAL OCUPANTE

Manuel Wilson de Souza Farias nasceu no seringal São Bento, no Município de Lábrea, no dia 6 de junho de 1951, filho de Verginaud Freire de Farias e de Justina Freire de Farias.

Teve sua infância, como qualquer menino do interior, das barrancas do Purus, cheia de felicidade, pelos igarapés e praias do seringal de seus pais, pescando, caçando, brincando e nadando nas águas barrentas do velho Purus. Também ajudava seu pai, na lida das plantações da várzea.

Em 1960, sua família veio para Manaus, no sentido de dar uma melhor educação aos seus filhos. Estudou no Grupo Escolar Antonio Bittencourt, no bairro da Glória.

Em 1966, começou a praticar a luta livre, ficando conhecido como Buda, fazendo diversas lutas nos ringues do Amazonas e diversos estados do Brasil.

Em 1970 serviu ao Exército Brasileiro, em Porto Velho, fazendo o curso de enfermagem, passando a residir, em 1972, em Rio Branco, onde concluiu o segundo grau.

Casou-se com Maria Aldeci Dourado de Farias, em Rio Branco, com quem teve dois filhos e mais cinco netos.

Em 1978, voltou para Manaus e, a seguir foi regatão no Purus até 1984.

Atualmente exerce a profissão de representante comercial e é presidente do Partido da República (PR), em Lábrea.

Tem publicadas apostilas sobre Ritualística e Simbologia dos três graus simbólicos.

Foi iniciado, em 1991, na Maçonaria Glória do Ocidente, a 9 de novembro de 1991, na Loja Rio Juruá, da Glória do Ocidente, em Manaus, elevado, em 1992, e exaltado, em 1993. Nos graus filosóficos foi elevado ao grau 7, Pertence ao Capítulo do Arco Real, desde 1906.

CADEIRA Nº 37

PATRONO: THEODORETO CARLOS DE FARIAS SOUTO

OCUPANTE: ANTONIO JOSÉ SOUTO LOUREIRO

O PATRONO

THEODORETO SOUTO nasceu, no dia 4 de novembro de 1841, no Ceará, filho de José Francisco Souto, o Barateiro. Foi deputado às Cortes e governou a Província de Santa Catarina, onde entregou o cargo Francisco Luiz da Gama, a 19 de agosto de 1882, conforme o seu Relatório, publicado em Desterro, em 1883.

Nomeado, para presidir o Amazonas, a 9 de fevereiro de 1884, pelo 1º Ministro Lafayette Rodrigues Pereira do 31º Gabinete Liberal, tomou posse a 11 de março, recebendo o cargo das mãos do coronel Guilherme José Moreira, barão do Juruá, pois José Paranaguá retirara-se para o Rio de Janeiro, desde 16 de fevereiro.

A 25 de março, Theodoreto apresentou, à Assembléia Provincial, um plano governamental para o desenvolvimento do Amazonas, talvez o primeiro deles, onde destacava pontos importantes para o futuro da região, incluindo os itens agricultura, comércio, imigração, extrativismo, indústrias, pecuária, navegação, exposições industriais, agrícolas e científicas, melhorias urbanas, incluindo tramways, luz elétrica, calçamento de ruas, águas e esgotos, indústria madeireira e pesca, sem destruir as espécies. Dentro dessa Exposição destacou, pela primeira vez, a possibilidade de se libertar os escravos do Amazonas, por serem pouco mais de mil, por um

movimento que envolvesse a população e também mediante indenizações feitas, pela Província, possuidora de um saldo de mais de 972 contos de réis. Em menos de doze dias, no governo, lançava a idéia básica da libertação.



THEODORETO SOUTO

Os seus cento e vinte e três dias de governo foram plenos de grandes obras materiais e sociais, para o Amazonas: avançou na construção dos serviços de águas, iniciou os alicerces do Teatro Amazonas, continuou o aterro da Praça Paissandu, o calçamento da Rua Governador Vitório e do cais Tamandaré, em frente ao Tesouro, construiu a igreja de Parintins, o Liceu e a rampa dos Remédios. Criou o asilo orfanológico Elisa Souto, para meninas órfãs, e comprou o prédio e a chácara do Barão de São Leonardo, para a instalação definitiva do Jardim Botânico de Manaus. Contudo o momento sublime de sua vida começara, a 25 de março, quando da apresentação da sua primeira proposta de libertação, e terminaria a 12 de julho de 1884, quando passou o cargo de Presidente da Província do Amazonas, demitido pelo governo liberal liberal do conselheiro Souza Dantas, para evitar que o seu exemplo atingisse o Brasil inteiro.

Neste entretempo a Província do Amazonas foi limpa da mancha da escravidão. E os fatos foram sendo produzidos, começando, a 27 de março, com a apresentação da chamada Lei Áurea à Assembléia Provincial, promulgada a 24 de abril, que criava o Fundo de Emancipação. Seguiram-se outras datas importantes, para a libertação: a 24 de maio era declarada, na Praça D. Pedro II, a Igualdade Absoluta, em Manaus, sendo distribuídas numerosas cartas de alforria; a 2 de junho, Theodoreto foi homenageado com o título de Benemérito do Amazonas; a 9 de junho, todo o Purus estava livre; a 18 de junho, foi a vez de Manicoré; e a 20 de junho, não existiam mais escravos no Amazonas. A declaração final estava preparada para 5 de setembro, mas a notícia da exoneração de Theodoreto consumara-se e para evitar dúvidas, a 10 de julho, em reunião cívica à Praça 28 de setembro, hoje Praça Heliodoro Balbi, da sacada do quartel existente naquela praça, na solene hora do meio dia, foram lidas as declarações da Inexistência de Escravos e da Igualdade de Direitos dos Habitantes do Amazonas. Dois dias após Theodoreto entregaria o seu cargo, mas o fato estava consumado.

Theodoreto foi mais tarde eleito senador, pelo Ceará, e diretor do Banco da República. Faleceu, a 11 de agosto de 1893, de síncope cardíaca, ao saber que sofrera um desfalque de seus bens.

Feliz a distinção dessa cadeira da Academia, com o nome de tão ilustre maçom, Benemérito do Amazonas, governante de avançadas idéias, cultor das letras jurídicas, patrocinador das Ciências e Libertador dos Escravos do Amazonas.



O ATUAL OCUPANTE

ANTONIO JOSÉ SOUTO LOUREIRO, nascido em Manaus, no dia 6 de junho de 1940, filho de Thales de Menezes Loureiro e Chloé Souto Loureiro, fez seus estudos primários nos grupos Euclides da Cunha e Princesa Isabel, o secundário, no Instituto de Educação do Amazonas, e o científico no colégio Pedro II do Rio de Janeiro, bacharelando-se em Ciências e Letras.

Formou-se em Medicina, pela Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 1964, sendo membro correspondente da Academia Nacional de Medicina, um dos cinco amazonenses ali admitidos, nos quase dois séculos da sua existência, e da Academia Amazonense de Medicina, cadeira Djalma Batista. Foi Chefe do Serviço de Leprosia do Amazonas, Presidente do IPASEA, Secretário dos Serviços Médicos do INSS e Secretário de Saúde Interino.

Dedica-se aos estudos da História do Amazonas, Geografia, Etnografia, Antropologia, Filosofia e Maçonaria, foi agraciado com as medalhas do Mérito Tamandaré da Marinha, Benemérito, Grande Benemérito e Distinção Maçônica do Grande Oriente do Brasil.

Pertence ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (Cadeira Candido Rondon), à Academia Amazonense de Letras (Cadeira Conde Ermano Stradeli) e à Academia Amazonense de Medicina (Cadeira Djalma Batista), sendo sócio emérito.

Entre suas obras publicadas citamos: Síntese da História do Amazonas (1968); Amazônia 10000 Anos (1972); A Gazeta do Purus (1981), com mais duas edições, no Acre; A Grande Crise (1986), considerada um clássico; O Amazonas na Época Imperial (1989) com mais uma segunda edição, também um clássico; Tempos de Esperança (1994); Dados para uma História do GOEAM (1999); História da Medicina e das Doenças no Amazonas (2004); O Brasil Acreano (2004); O Toque do Shofar (2003), o primeiro livro de assuntos maçônicos gerais publicado no Amazonas, e História da Navegação no Amazonas (2007). Estão prontos para edição: O Toque do Shofar II, A Parúsia, A Sinarquia, A Regeneração, Os Quatro Costados, Um Passeio pelas Praças Antigas de Manaus e O Farol Universal.

Dedicou-se à Medicina por trinta anos deixando grandes exemplos em todos os locais onde trabalhou, pela sua honradez e desprendimento no exercício de suas atividades. Foi por isso agraciado com a distinção de Sócio Benemérito da Sociedade Beneficente Portuguesa do Amazonas, em cujo Hospital existe uma enfermaria com o seu nome.

Maçom atuante iniciou-se, a 4 de setembro de 1973, foi, por dois biênios, Venerável da Augusta, Respeitável e Grande Benfeitora Loja Maçônica Oriente Unido, por dois mandatos, Presidente do Conselho de Kadosch e do Consistório de Príncipes do Real Segredo, nos graus filosóficos do Rito Escocês Antigo e Aceito, Presidente dos Capítulos do Real Arco, no Amazonas, membro efetivo da

Loja James Anderson, vinculada à Grande Loja Unida da Inglaterra e Grão-Mestre do Grande Oriente do Estado do Amazonas, eleito por três vezes. Restabeleceu as relações maçônicas entre o Grande Oriente e a Grande Loja do Amazonas.

CADEIRA Nº 38

PATRONO: VENANCIO IGREJAS LOPES

**1º OCUPANTE: ILDER GUIMARÃES DE OLIVEIRA
(FALECIDO)**

CADEIRA Nº 39

PATRONO: WALDEMAR PEDROSA

**OCUPANTE: ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA
BRAGA**

O PATRONO

Waldemar Pedrosa nasceu em Manaus, 29 de março de 1888, falecendo a 14 de junho de 1967. Foram seus pais o médico Jonathas de Freitas Pedrosa, que foi governador e senador, e Ermelinda Maria Pedrosa.

Fez o primário no Colégio Pedrosa, pertencente a seu genitor, o secundário, no Colégio Carneiro Ribeiro, na Bahia, e Direito, no Rio de Janeiro.

Foi professor de Direito da Faculdade de Direito de Manaus e exerceu importantes cargos públicos como os de Procurador Fiscal do Município de Manaus e do Tesouro Estadual, Deputado Estadual, Secretário Geral do Estado, Presidente do Conselho da Ordem dos Advogados, Seção do Amazonas, Procurador Regional da República, Senador, quando representou o Brasil no caso das Tutelas de Países, junto à ONU, e Ministro do Superior Tribunal do Trabalho. Foi Interventor Federal do Amazonas entre 14 de junho e 10 de outubro de 1933, e foi maçom ativo, tendo atingido altos graus.

Segundo Agnello Bittencourt "foi um orador suave, sintético e sempre atraente. Jamais foi cansativo e sempre começava seus discursos com uma alegoria". Dentre as suas obras citamos: A Socialização do Direito, A Anterioridade da Lei, a Extinção dos Mandatos Legislativos em Face da Constituição, O Brasil na Comissão de Tutela da ONU, além de numerosos artigos em locais diversos.

Foi membro da Academia Amazonense de Letras, ocupante da cadeira de Raimundo Corrêa.
(Resumo da Biografia elaborada por Agnelo Bittencourt)

O ATUAL OCUPANTE

Robério dos Santos Pereira Braga nasceu em Manaus, a 14 de agosto de 1951, sendo filho de Lourenço da Silva Braga e de Sebastiana dos Santos Pereira Braga. Fez seus estudos primários nos grupos Antonio Bittencourt e Marechal Hermes, o secundário, no Instituto de Educação do Amazonas e no Instituto Christus, formando-se em Direito, pela nossa Faculdade, em 1974, sendo o orador da turma. Pós graduou-se em Administração de Política Cultural, pela Universidade de Brasília, em 1978, é Mestre em Direito Ambiental, pela Universidade do Amazonas e é museólogo registrado no COREM Norte.

Professor de Direito Eleitoral, Direito Ambiental Internacional e Introdução à História da Amazônia da UEA, além de ter lecionado as matérias Estudos de Problemas Brasileiros, Comunicação e Expressão e Organização Social e Política.

Na Administração Pública foi Secretário de Comunicação Social (1995), secretário-chefe da Casa Civil do Governador (1996), coordenador regional da Fundação Joaquim Nabuco, presidente da Empresa Amazonense de Turismo, diretor de Assuntos Culturais da Fundação Amazonense de Turismo, assessor jurídico da Presidência do Tribunal de Contas do Estado, chefe de gabinete do Secretário de Produção Rural, secretário para Assuntos Extraordinários da Prefeitura de Manaus, chefe de gabinete do Prefeito de Manaus, e há vários anos Secretário de Cultura do Estado.

Na política foi fundador do PFL, do qual foi secretário e presidente do diretório de Manaus, vereador

de Manaus por duas legislaturas, participando ativamente de numerosos trabalhos.

É membro efetivo da Academia Amazonense de Letras, desde 1981, da qual foi presidente por dois mandatos, entre 1996 a 1999, presidente e fundador da Academia Amazonense Maçônica de Letras (1980), presidente por vários anos do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, do qual é titular desde 1973, e de diversas outras academias e institutos de outros Estados.

Possui diversas medalhas e condecorações entre as quais destacamos as Medalhas Tamandaré, Cândido Mariano, Plácido de Castro, Ana Nery e Duque de Caxias. e das ordens do Mérito do Estado do Amazonas, do Judiciário do Estado do Amazonas e do Legislativo Amazonense.

Articulista de diversos jornais e conferencista de numerosas reuniões, principalmente de temas amazônicos e de política cultural, foi prefaciador de numerosos livros de autores locais.

Autor de mais de trinta títulos entre os quais se destacam os seus últimos trabalhos: Coleção História do Amazonas, 1997, em trinta fascículos, Dicionário de Turismo (1998) Ruy Barbosa e o Amazonas (2000), Euclides da Cunha e o Amazonas (2003) e Dicionário de Turismo (2003), além de dezenas de artigos pela Imprensa.

É uma das inteligências da nossa terra, sendo dotado de uma oratória brilhante. Maçom do Grande Oriente do Estado do Amazonas, do Rito Brasileiro, tendo sido Grão Mestre Adjunto do Grande Oriente do Estado do Amazonas e pertencente ao Rito Brasileiro. Tem sempre ajudado à causa maçônica em nosso Estado. (Adaptada da biografia publicada no livro Presidentes da Academia Amazonense de Letras).

CADEIRA Nº 40

PATRONO: JOÃO BARBOSA RODRIGUES

OCUPANTE: VAGA

O PATRONO

João Barbosa Rodrigues nasceu no Rio de Janeiro, a 22 de junho de 1842, e faleceu, na mesma cidade, a 6 de março de 1909. Foi um menino prodígio. Na Escola de Comércio onde estudou, acabou sendo secretário do estabelecimento. Fez as Humanidades no Colégio Pedro II, logo foi professor de Desenho e depois seu secretário. Desejou ser médico, mas abandonou os seus estudos, no segundo ano. Dedicou-se então à Botânica, aprendendo-a nos livros e nas zonas rurais do Rio de Janeiro.

D. Pedro II e a Princesa Izabel sabedores de suas aptidões mandaram-no fazer estudos científicos sobre as palmeiras da Amazônia, continuando os de Martius, e que abrangessem ainda as áreas da antropologia, etnografia, geologia e botânica. Recebeu ainda o apoio do Visconde do Rio Branco, do botânico Barão de Capanema e do Ministro da Agricultura Teodoro Machado Freire Pereira da Silva. Era um verdadeiro bolsista do Império, tendo embarcado para a nossa região, a 16 de janeiro de 1872. Aqui viveu por dezoito anos, trabalhando, estudando e dando às Ciências Naturais uma quantidade enorme de novas espécies classificadas.

Em 1883, apresentou a Presidente José Paranaguá a proposta para a criação de um museu botânico, em Manaus, o que foi acatado pela Lei nº 629, de 18 de janeiro de 1883, sendo instalado a 16 de fevereiro do mesmo ano, na chácara Caxangá, na ilha do mesmo nome,

propriedade de Manuel Urbano da Encarnação. O seu regulamento foi publicado no dia 16 de fevereiro, o da sua inauguração, quando já possuía coleções de botânica e de etnografia, esta última trazida do Urubu, pelo primeiro tenente da Armada Antonio Madeira Shaw, além de pedras com petroglifos encontradas nas Lajes e na rampa do novo Mercado.

Uma nova situação foi destinada ao Museu, a chácara do Barão de São Leonardo, na Rua Ramos Ferreira, para onde Theodoro Souto fez a transferência.

Em 1885, o Museu possuía um herbário com mais de 1200 espécies e mais de 5000 espécimes, todas classificadas e catalogadas. Havia chegado 800 espécies dos Estados Unidos, doadas por John Donnell Smith, além de outras do México, Califórnia e Chile. A seção de etnografia guardava 1103 objetos indígenas, de 60 tribos, todos catalogados, desenhados e fotografados. O químico Joseph Eugène Aubert, o criador do xarope e extrato do guaraná, desligara-se da instituição, para servir como cônsul francês. Esperava-se a chegada do químico suíço Francisco Pfaff, ajudante de Graebe, da Universidade de Genebra, que só lhe criaria problemas, no futuro. Ainda em 1885, Barbosa Rodrigues assumiria a incumbência de pacificar os índios Jauaperi, autodenominados de Crixanãs, o que foi conseguido. Neste trabalho foi ajudado pelo conde Ermano Stradelli.

Em 1888, começaram as querelas entre Barbosa Rodrigues e Pfaff, apoiado pelo vice-presidente em exercício cônego Raimundo Amâncio de Miranda, que tomou o partido contra o botânico, por ser o mesmo maçom, separando o Museu do Laboratório. Outra ocorrência foi a determinação abrupta da mudança do Museu para o prédio do Liceu. O cônego determinara que a transferência deveria ser feita, em vinte e quatro horas, a partir de 6 de julho de 1888, pois as suas instalações

passariam a ser ocupadas pelo Asilo Orfanológico, o que determinaria uma economia de três contos de réis. A mudança desorganizaria totalmente o Museu

Com a posse do novo Presidente Joaquim Cardoso de Andrade, o botânico relatou-lhe as pressões que sofrera para transferência do Museu, feita apressadamente, com muitas peças estragadas e perdidas. Fez-lhe também uma minuciosa exposição sobre o que já realizara no Amazonas. Sobre Botânica escrevera *Edogo Plantarum Novarum*, *Palmae Amazonensis Noxae* e *Genera et Species Orchidearum Novarum*, além de estudar 700 espécies, descobrindo quatro gêneros novos e 105 espécies. Na Zoologia classificara o boto vermelho ou cor-de-rosa denominado *Lepdosyrene Gibleoliana* e descrevera o pirarucubóia ou pirambóia, o elo entre os animais aquáticos e terrestres, que estava sendo procurado em diversas partes do mundo. Na Etnografia, recolhera centenas de peças para o Museu, devidamente desenhadas, além de 394 detalhes de plantas. Após a sua volta do Javari, em 1889, descobrira uma tartaruga gigante denominada *Enys quaternária* e escrevera *Les Reptiles Fossiles de la Amazonie*, além de descrever o purussauro, um gigantesco jacaré de mais de oito metros, vivendo na Amazônia pleistocênica.

Com a Proclamação da República, continuando as dificuldades anteriores, um dos primeiros atos do novo governo, dirigido por Augusto Ximenes de Villeroy, foi demitir Barbosa Rodrigues e fechar o Museu, por medida de economia. Isto foi terrível para a pesquisa nacional e local, passando o seu controle para os chamados viajantes estrangeiros, e perdendo o Amazonas a possibilidade do pensamento científico para os seus habitantes, que passaram a realizar apenas o literário. Tratava-se de uma ação contra os cientistas e artistas partidários do Império, que foram perseguidos em umas regiões e apoiados, em

outras. Barbosa Rodrigues pelo seu saber foi logo aproveitado na direção do Museu Botânico do Rio de Janeiro, que reorganizou completamente.

Além dos traumas sofridos pelas pressões para a transferência e depois para o fechamento do Museu, Barbosa Rodrigues foi roubado parcialmente em seu trabalho, pelo médico inglês James Trail, com quem trocou idéias e cedeu apontamentos, em uma viagem, na Amazon Steam, em 1874. Isto lhe resultou na perda da primazia de denominação de diversas espécies, pois o referido médico considerou as suas denominações como sinônimos das dele, embora tivesse prometido respeitar as do brasileiro, em um inescrupuloso caso de pirataria científica.

Barbosa Rodrigues publicou uma revista científica denominada Vellozia, talvez a primeira do Norte do País, da qual foram tirados alguns números.

A sua obra foi gigantesca:

Na Geografia

- Exploração do Vale do Rio Amazonas – Rio Capim – 1875.
- Rio Tapajós – 1875.
- Rio Trombetas – 1875
- Rio Jamundá – 1875.
- Rios Urubu e Jatapu – 1875.
- A Diminuição das Águas no Brasil - 1909

Na Arqueologia

- Ídolo Amazônico Achado no Rio Amazonas – 1875
- Antiguidades do Amazonas – 1876/78.
- O Muiraquitã – 1882.
- O Muiraquitã. Estudo da Origem Asiática – 1889.
- O Muiraquitã e os ídolos Simbólicos – 1889.

Na Botânica

- Edogo Plantarum Novarum.
- Palmae Amazonensis Noxae.
- Genera et Species Orchidearum Novarum.

- Sertum Palmarum Brasiliensis.

Na Zoologia

- Les Reptiles Fossiles de la Amazonie.

Na Etnografia

- O Canto e a Dança Silvícola – 1891.
- Lendas, Crenças e Superstições – 1881.
- Poranduba Amazonense – 1890.
- Catálogos dos Objetos Expostos na Exposição Antropológica do Rio de Janeiro – 1882.
- A Língua Geral do Amazonas e o Guarani – 1888.
- O Rio Jauaperi – Pacificação dos Crichanês – 1885.
- Vocabulário Indígena com Ortografia Correta – 1894.
- L'Urari ou Curari – 1903.

(Biografia pesquisada pelo Acadêmico Antonio José Souto Loureiro).



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

Impresso nas Oficinas Gráficas
da Imprensa Oficial do Estado